

As Casas do Castelo

RECUPERAÇÃO DE UM LUGAR

Marta Filipa Almeida Paquete

FAUP

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

2017/2018

Orientado pelo Arquitecto Francisco Vieira de Campos

A presente dissertação foi redigida segundo o acordo ortográfico anterior ao vigente.

As citações que acompanham o trabalho encontram-se na língua original de onde foram retiradas para que se mantenha o rigor e sentido de cada ideia e expressão.



à minha família e amigos pelo apoio nos momentos mais complicados,
aos professores que fizeram parte do caminho percorrido,
ao professor Francisco Vieira de Campos pela crítica e disponibilidade.

A todos os que acompanharam e tornaram esta etapa possível de superar.
Um obrigada!

This is a study of a rehabilitation project. It's an intervention in two old constructions – an unoccupied house and a ruin – in the region of Baião. It is divided in three moments: the first as an approach to the object through the surrounding and the second of an exploration of the themes related to the project – ruin and memory; the last moment is about the elaboration of an intervention proposal – translated into drawing – which responds to a new specific program and adapts to the current needs.

Este é um estudo sobre um projecto de reabilitação. Trata-se de uma intervenção em duas antigas construções – uma casa devoluta e uma ruína – no concelho de Baião. Divide-se em três momentos: o primeiro de aproximação ao objecto através da envolvente e o segundo de exploração dos temas relacionado com o projecto - ruína e a memória; o último momento debruça-se sobre a elaboração de uma proposta de intervenção - traduzida em desenho – que responde a um novo programa específico e se adapta às necessidades actuais.

Nota Introdutória

A presente dissertação tem como principal objectivo a realização de um projecto de arquitectura; uma intervenção em duas antigas habitações do séc. XIX/XX inseridas na margem do Douro em Baião.

É pretendido que o projecto recupere as pré-existências, compreendendo os diferentes valores – construtivo e afectivo – que têm. A ideia parte da necessidade de conhecer o passado do edificado e actuar sobre ele, de modo a consolidar e adaptar a ruína e a casa desabitada às novas necessidades, atribuindo-lhes um novo programa. Fazemos uma aproximação ao Lugar do Castelo, à envolvente próxima e ao objecto; ao seu percurso e história das habitações e da família. Propomos uma solução para o abandono, respeitando as memórias que todos guardam, sem esquecer as necessidades e exigências a responder para uma habitação.

As Casas do Castelo situam-se em ambiente rural, num pequeno aglomerado habitacional a 17km do centro de Baião e são testemunho e herança da arquitectura popular portuguesa dos séc. XIX e XX, que ao longo do tempo se degradaram pelo abandono e morte dos seus habitantes.

Estas duas casa fazem limite com o Caminho da Fonte do Castelo que tem início na Capela de S. João e, com um traçado sinuoso, atravessa o povoado até chegar à fonte. Ao longo do percurso deparamo-nos com o objecto a intervir: a primeira construção encontra-se mais próxima da sua imagem original, enquanto a ruína, devido ao estado de degradação, apenas apresenta as paredes de pedra que se sustentaram ao longo destes anos como marca da sua existência.

Por um portão entre as casas, descemos para o patamar que dá acesso às duas habitações e continuando a descida chegamos ao piso inferior das habitações. A casa devoluta encontra-se num estado que permite facilmente o entendimento da organização dos espaços interiores e o processo de evolução do mesmo, como resposta às necessidades da família que a habitou. A ruína, apenas com os muros de pedra, deixa-nos na incerteza, pois estes apenas dão alguns indícios da sua organização.

É essencial a procura de uma solução, no campo do estudo da reabilitação, que faça a ponte entre o passado e o presente, entre o antigo e novo, inserindo um novo programa dentro dos limites da pré-existência, explorando este trabalho a múltiplas escalas – desde o nível territorial até ao pormenor construtivo.

Focando o tema num património já edificado, é obrigatório compreender o seu passado e o panorama em que se enquadra – temporal, histórico, social, cultural e arquitectónico.

O processo de conhecimento do lugar inicia-se com visitas ao terreno e com o levantamento do existente, permitindo uma aproximação ao real. É recolhida a documentação e informação relativa ao objecto e a arquitecturas semelhantes, que permitam entender a realidade em que foram edificadas. Com a investigação feita e os desenhos de levantamento, fotografias e memórias, é possível criar um processo da proposta de intervenção e transformação.

O trabalho é desde o início organizado em três partes: duas teóricas e uma prática da proposta de intervenção. A primeira é uma aproximação ao objecto onde vamos intervir, recorrendo ao estudo sobre o território dada a influência que este teve e tem no existente. A segunda destina-se ao esclarecimento dos temas que geram esta vontade de fazer o Projecto – a ruína e a memória - e de que forma estes se traduzem no existente, através de um estudo sobre a evolução do processo de construção das habitações e do estado de degradação em que se encontram. Assim, com base no estudo da evolução do tema da intervenção em pré-existências desde a Antiguidade Clássica, e de entender as diferentes estratégias de intervenção perante uma ruína, clarificamos as nossas intenções, entendemos os valores construtivos e afectivos que cada elemento têm para a nova proposta e apresentamos a mesma em desenho. A última parte encontra-se mais focada na intervenção.

As vertentes teóricas procuram a análise e interpretação do existente e consequente narrativa que suporta a intervenção. A vertente prática procura encontrar uma resposta no desenho do projecto.

Em suma, esta dissertação tenciona responder ao abandono, através de um projecto de recuperação que será desenvolvido de forma consciente e de acordo com as necessidades dos utilizadores. A prática arquitectónica pontencia a mudança, é transformadora de um lugar pela intervenção que propõe para o mesmo. Uma das preocupações mais presentes no desenvolvimento do projecto é o respeito pela pré-existência. Assim tenta-se estabelecer de forma cuidada um diálogo entre o antigo e novo, tradição e contemporaneidade, memória e revitalização, tendo presente que por vezes é preciso destruir para construir.

Introdução	10
------------	----

Contextualização

1	
Enquadramento Territorial	19
O Lugar do Castelo	23
Arquitectura de Granito e Madeira	27

Ruína, Memória e Lugar

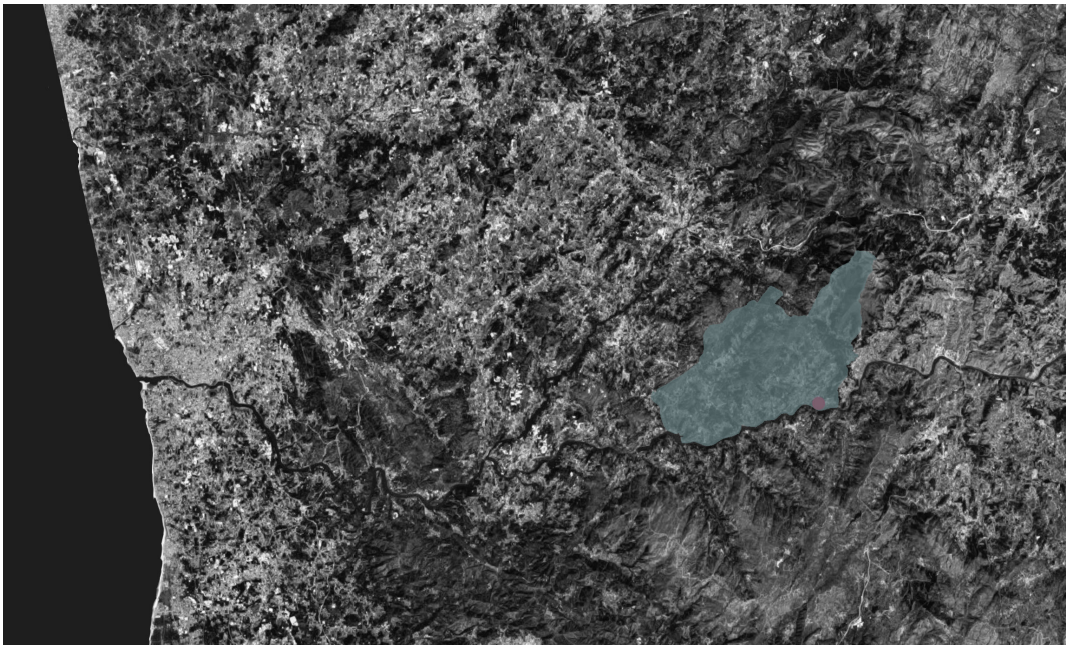
2	
A Ruína	35
A Memória	41
3	
Sobre o actual viver do mundo	49
O lugar	51
As Casas do Castelo	61

Intervenção

4		
Estratégias de Intervenção		68
Uma nova casa		79
Posicionamentos		83
Proposta		89
5		
Desenho do projecto		95
Notas Finais		156
Bibliografia		158
Índice de Imagens		112

CONTEXTUALIZAÇÃO





03 Fotografia aérea territorial. Localização de Baião

Baião insere-se no Vale do Douro e caracteriza-se pelo seu território rochoso. Com grande variação altimétrica, o concelho é dominado por três formações montanhosas que configuram a região. Em conjunto com os concelhos de Amarante e Marco de Canaveses, localiza-se no “(...) *território do Baixo Tâmega nas proximidades da confluência do rio Tâmega com o rio Douro e incluem a Serra da Aboboreira e do Castelo como continuidade da Serra do Marão e do Alvão.*”¹

As Serras da Aboboreira e do Castelo atravessam grande parte do território do concelho, separadas toda a sua extensão pelo Rio Ovil². Na Serra da Aboboreira, são comuns os domos e os grandes blocos graníticos, enquanto a Serra do Castelo distingue-se por ter alguns afloramentos xistosos, bem como pela diferente apropriação do homem ao lugar.

A Serra do Marão, na zona nordeste do concelho, tem alguma expressão no território e prolonga-se por este através do Rio Teixeira³, que desagua no Douro. A sul, Baião faz limite com o Rio Douro onde se erguem encostas acentuadas, ocupadas essencialmente por plantações vínicas⁴. A paisagem é marcada pela presença dos socacos, para este tipo de exploração do solo, e as pessoas que ali habitam têm memória de viver extremamente ligadas à agricultura.

*“A posição geográfica, a geologia, o relevo e a própria paisagem contribuem para as características deste espaço de transição entre a amenidade do ‘Entre Douro e Minho’, o carácter mediterrânico do Douro Vinhateiro com o rigor dos espaços interiores que apresentam continuidade com o Vale do Douro e as áreas de maior altitude. A diversidade das condições naturais e a riqueza em recursos naturais favoreceu uma ocupação humana milenar desde a pré-história, e segundo diferentes padrões, até à atualidade.”*⁵

O clima, directamente influenciado pela localização geográfica, é sazonal e temperado. Os invernos rigorosos, com elevado índice de precipitação e céu encoberto, contrasta com o tempo quente e seco que se faz sentir no Verão.⁶

1 MAGALHÃES, Ricardo (coord.) - Aboboreira, património, natureza e paisagem. Vol.I. [S.l.]: AMBT – Associação de Municípios do Baixo Tâmega, 2014. p.11

2 O Rio Ovil é o maior curso de água do concelho que desagua no Rio Douro na freguesia de Ribadouro. As suas margens são marcadas por férteis terrenos agrícolas.

3 O Rio Teixeira apresenta um grau de conservação e valores ecológico superior aos restantes rios do Concelho.

4 “A sul, Baião confronta com o Rio Douro de onde se erguem encostas acentuadas ocupadas, essencialmente por vinhas na metade Este do concelho.” Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios 2015-2019. p.19

5 MAGALHÃES, Ricardo (coord.) - Aboboreira, património, natureza e paisagem. Vol.I. [S.l.]: AMBT – Associação de Municípios do Baixo Tâmega, 2014. p.11

6 “Apesar do incontestável carácter mediterrâneo do clima de Portugal, é o oceano o seu grande regulador, pelos Invernos doces e chuvosos, pelos Estios temperados de brisas húmidas, pelas massas de nuvens que os ventos de Oeste impelem contra as montanhas.” Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico apud. MENERES, António - Arquitecturas populares : memórias do tempo e do património construído. Arcos de Valdevez : CMAV, 2013. p.21



04 Rio e Vale do Douro, do Caminho da Fonte do Castelo

Ao longo das estradas que se percorrem em Baião, são inúmeras as habitações abandonadas e os terrenos que se deixam dominar, sem qualquer ordem humana, pela natureza. É significativo e visível o movimento das gentes para a cidade como forma de procurar outras condições de vida.

A paisagem é repleta pelos naturais maciços rochosos e pelas maciças casas de granito que se construíram, habitaram e que encontram hoje a natureza como seus moradores. Representam a “(...) *riqueza de experiências nas ‘arquitecturas’ produzidas no mundo rural, hoje praticamente desaparecido mas que constituem um “corpus” de inegável interesse para entender o desenvolvimento das formas e funções dessas mesmas arquitecturas.*”⁷

Dominado por espaços florestais em cerca de metade da sua extensão⁸, o concelho de Baião verifica um contínuo abandono do lugar⁹.

7 cf. ibidem

8 “Por sua vez a área agrícola representa 31,4% do Concelho e vem apresentando, ao longo do tempo, tendência para diminuir contribuindo, assim, significativamente para o aumento da área de incultos.” Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios 2015-2019. p.56

9 “Quando comparado com os dados relativos a 2001, o número total de habitantes do Concelho decresceu, em 2011, em 1923 pessoas.” Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios 2015-2019. p.41



05 Estrada de acesso ao Lugar do Castelo, da Capela de S. João



06 Casas do Lugar do Castelo

O Lugar do Castelo, na freguesia de Frende em Baião, é um pequeno povoado que marca existência desde o período romano e medieval¹⁰ e que se foi adaptando à encosta do Douro de forma a possibilitar o assentamento humano na região.

Frende “*compreende o território que constitui a frente fluvial do Rio Douro e ao longo do qual se desenvolve a linha de Caminho de Ferro*”¹¹ que faz fronteira com Mesão Frio e, passando a Ponte da Ermida, conecta-se com Resende. Com um terreno “*Bastante acidentado, (...) o território desta freguesia compreende uma espécie de promontório que se estende sobre o Douro*”¹². A paisagem deste lugar é-nos evidentemente familiar pela adaptação que o homem faz ao terreno. Começam-se a ver os longos muros graníticos “*da construção de numerosos socacos que as vertentes do Douro (...) nos dão conta.*”¹³

Iniciando um percurso pedonal na Capela de São João, somos levados por um caminho estreito e sinuoso, que atravessa o povoado do Lugar do Castelo, até chegar à fonte que serve os habitantes. Durante este percurso somos surpreendidos pela capacidade com que o homem se conseguiu adaptar ao lugar e criar o seu próprio espaço, a sua casa, com características comuns mas sem nunca se repetirem. Construídas com “materiais locais, trabalhados com uma grande economia de meios e colocadas em obra com técnicas que foram sendo aperfeiçoadas e utilizadas ao longo de gerações”¹⁴ estas habitações são caracterizadas pela “*Simplicidade, racionalidade, forma e estruturas lógicas*”¹⁵ típicas da arquitectura vernacular.

Integram o seu “*ambiente físico e cultural, respondendo de perto tanto às necessidades funcionais como às possibilidades, materiais e técnicas dos seus utilizadores e construtores*”¹⁶. Algumas casas foram adaptadas para enquadrarem espaços que antigamente não eram essenciais - tornando-se mais habitáveis -, outras tiveram uma maior necessidade de ostentação e foram construídas de raiz, em promontórios como se tomassem todo o controlo do lugar.

10 SILVA, João Belmiro Pinto da, GOMES, Paulino - Baião : tradição e história. Paços de Ferreira: Anégia, 1997. p.3

11 artigo 11º - Plano Director Municipal de Baião in Diário da República, 2.ª série — N.º 188 — 28 de setembro de 2017. p.21704

12 SILVA, João Belmiro Pinto da, GOMES, Paulino - Baião : tradição e história , Paços de Ferreira: Anégia, 1997. p.34

13 ANTUNES, Alfredo da Mara, et all - Arquitectura popular em Portugal, 3ªed. Vol. ?. Lisboa: Ordem dos arquitectos, 1998. p.

14 TEIXEIRA, Manuel C. - Arquitecturas do granito: arquitectura popular. Arcos de Valdevez : Município, 2013. p.8

15 cf ibidem

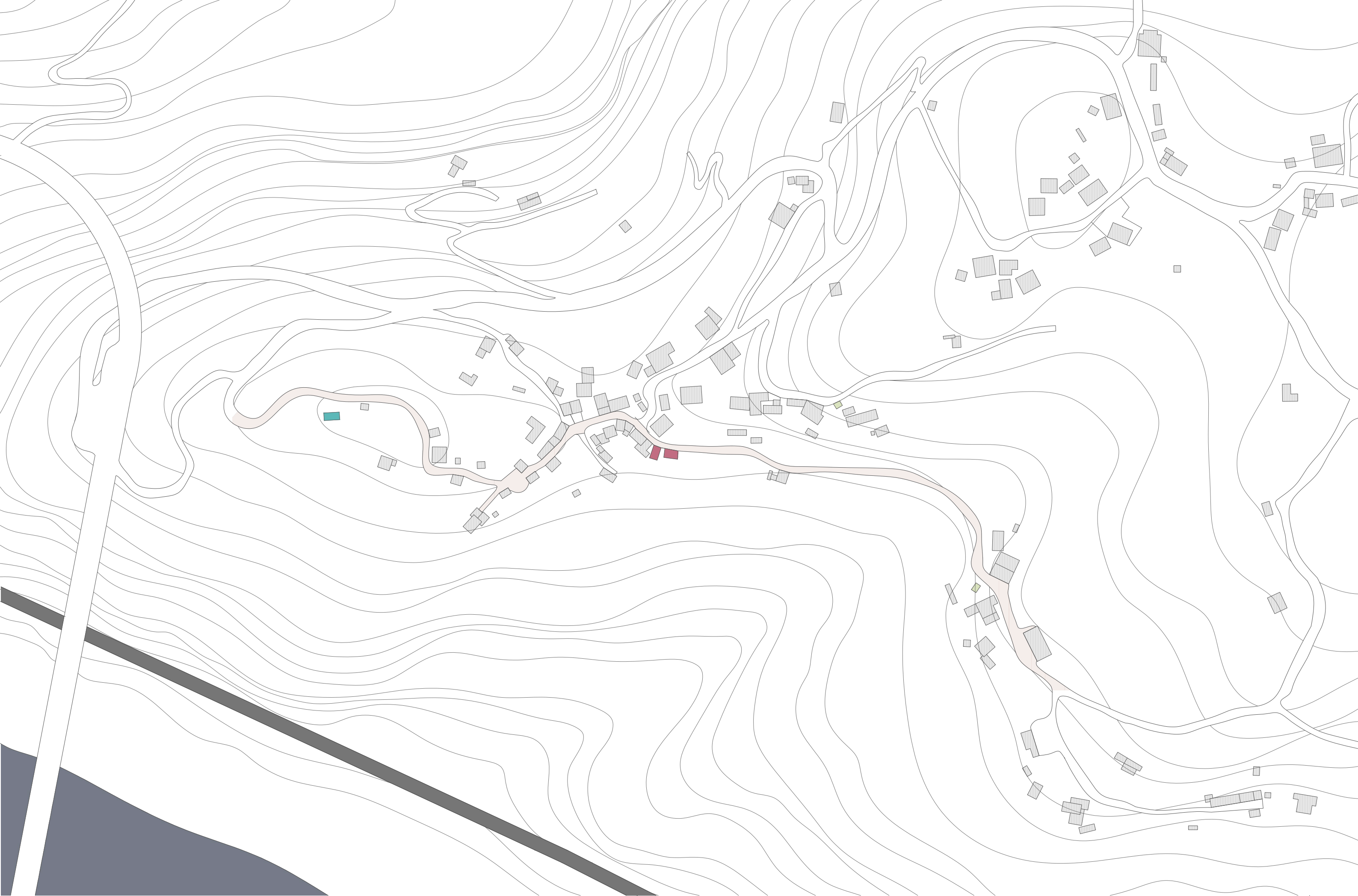
16 cf ibidem, p.9

No meio deste cenário encontramos muitas casas desabitadas. O processo de destruição e abandono da habitação popular *“começa na simples impossibilidade de manter vivas, ou seja, habitadas, muitas obras. Porque já não são adequadas às novas necessidades, porque as populações que lhes davam vida mudaram de sítio ou simplesmente desapareceram.”*¹⁷ Observa-se o esforço de manter vivas algumas das habitações que mantêm a sua imagem tosca, mas ao mesmo tempo encontramos outras habitações das quais restam apenas as paredes de granito que resistiram ao longo dos anos e que se encontram no processo de retorno à natureza.

Ao longo deste percurso pelo Caminho da Fonte do Castelo, somos surpreendidos pela diversidade técnica de apropriação do granito como elemento fundamental na construção da habitação. As paredes aparecem caiadas, com pedra que se monta de forma mais ou menos regular, umas com junta seca e outras com argamassa, revelando, pela pedra granítica que se mantém ao longo de gerações, a *“austeridade, a harmonia e a adaptação ao meio”*¹⁸ que cada habitante foi capaz de sustentar.

Em coexistência com esta massa granítica que se funde com a terra, trabalhada em conjunto com a madeira e o xisto, encontramos casas de estrutura em betão com alvenaria de tijolo e rebocadas, que se destacam no lugar pela sua regularidade da forma e cor.

17 PEDREIRINHO, José Manuel - Da(s) Memória(s) como Cultura in MENERES, António - Arquitecturas populares : memórias do tempo e do património construído. Arcos de Valdevez: CMAV, 2013. p.7
18 TEIXEIRA, Manuel C. - Arquitecturas do granito: arquitectura popular. Arcos de Valdevez : Município, 2013. p.9



Objecto de Estudo Edificado Capela S. João Caminho da Fonte do Castelo Rio Douro Linha de Comboio

Planta Territorial Lugar do Castelo 1:2000





07 Habitação em ruína com paredes de granito e indícios de uma varamde de estrutura de madeira

A paisagem de Baião é fortemente marcada pelo granito. Esta é “(...) a rocha dominante neste território, com alguns afloramentos xistosos, sendo o elemento básico na definição tanto da paisagem física original como da paisagem humanizada.”¹⁹ Assim, “onde há pedra constrói-se em pedra”²⁰, criando os abrigos necessários para o homem com o material que parece estar “(...) apenas ligeiramente deslocado da sua orientação natural para que, sem esforço aparente e sem violação da sua essência, cumpra amigavelmente a função construtiva a que lhe é proposta.”²¹

O granito e o xisto eram grandes recursos utilizados na construção até meados do séc. XX²². As construções da arquitectura popular criam um diálogo com o território através da partilha de texturas e cores. O recurso a materiais locais permitia uma continuidade entre a paisagem humanizada e a paisagem natural, criando uma interacção harmónica entre o lugar e os povoados que se confundem com a envolvente.

O granito, para além do seu carácter de suporte físico, possui grande inércia térmica. Em contacto com clima temperado, resulta num confronto térmico permanentemente favorável ao habitar humano²³. Existem vários tipos de granito com propriedades e aplicações diversas. Desde a cor à dimensão do grão da pedra, ao longo do território a variedade deste material é enorme. Sendo talhada e aparelhada de diferentes formas, resultam diferentes texturas e aspectos, permitindo uma utilização variada do material que se traduz em diferentes modos de construir. “Predomina no norte o granito de grão grosseiro, que é facilmente desagregável pela erosão, mas a par deste existem outras variedades de granito com o grão mais fino, utilizadas em cantarias onde se exige um trabalho mais cuidado”²⁴.

É com esta pedra que se constroem os muros, as paredes exteriores “com poucos vãos e pequenos”²⁵, algumas paredes interiores, e ainda elementos como cunhais e beirais. As casas em granito ganham por isso um carácter maciço, pesado e espesso.

19 TEIXEIRA, Manuel C. - Arquitecturas do granito: arquitectura popular. Arcos de Valdevez : Município, 2013. p.16

20 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando – Arquitectura Tradicional Portuguesa. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992. p.15

21 BARATA, J. Martins - Arquitectura Popular Portuguesa apud. MENERES, António - Arquitecturas populares : memórias do tempo e do património construído. Arcos de Valdevez: CMAV, 2013. p.31

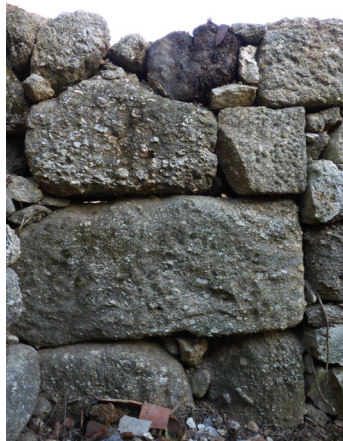
22 “O granito foi o principal material de construção das casas populares do Minho até ao final da primeira metade do séc. XX. (...) marcava e continua a marcar fortemente a paisagem natural.”

TEIXEIRA, Manuel C. - Arquitecturas do granito: arquitectura popular. Arcos de Valdevez: Município, 2013. p.12

23 “Sente-se grande consolação quando se entra em casa com paredes grossas, que tanto defendem o interior da habitação dos grandes calores no estio, como tornam o ambiente caseiro mais aconchegado nos rigores do inverno.” LINO, Raul – Casas Portuguesas. Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, Lisboa, 1992. p. 27

24 TEIXEIRA, Manuel C. - Arquitecturas do granito : arquitectura popular. Arcos de Valdevez: Município, 2013. p.64

25 BARATA, José Pedro Martins - Arquitectura popular portuguesa. [S.l.]: Correios e Telecomunicações de Portugal, 1989. p.41



08 Granito e madeiro



09 Estrutura de madeira assente em parede de pedra

A paisagem nortenha também se apresenta predominantemente arborizada, sendo por isso, a madeira um material muito utilizado na construção. De carácter estrutural leve, contrasta com a robustez da pedra. “*A madeira de castanho, de carvalho ou de pinho é utilizada na estrutura do telhado, na estrutura dos pisos, nos tectos e nos pavimentos*”²⁶. Por não possuir a solidez construtiva do granito, a madeira aparece normalmente nas construções leves como varandas, alpendres e acrescentos que se fizeram aos volumes existentes.

São inúmeras as estruturas de granito, que pela sua solidez e capacidade de resistir à passagem do tempo, perduram até à actualidade. É através delas que conseguimos entender a técnica local na época da sua construção. Ainda hoje, ao percorrer o vale do Douro nos deparamos com inúmeras habitações, muros de parcelamento territorial e de socacos, das construções populares eruditas que definem a ruralidade²⁷ do Norte do país. Por sua vez, a madeira não resiste com tanta facilidade à passagem do tempo. É um material mais susceptível à erosão, pelas fortes chuvas que vão consumindo o material, adquirindo por isto um carácter mais efémero.

26 TEIXEIRA, Manuel C. - Arquitecturas do granito: arquitectura popular. Arcos de Valdevez: Município, 2013. p. 61

27 Entendemos que rural é “relativo a ou próprio do campo; situado no campo; campestre, agrícola, rústico.” in HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro - Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Vol. IV. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003 p.2451

RUÍNA, MEMÓRIA E LUGAR





11 Ruína, vista nascente



12 Ruína, antiga cozinha



13 Ruína, vista poente

“A nossa palavra ‘ruína’ vem directamente, e sem mudança, da palavra latina ruina, que quer dizer ‘queda’, ‘desmoronamento’, mas significa também ‘o que fica depois do desmoronamento’”²⁸.

A Ruína é um *“Fragmento de uma arquitectura do passado (...)”²⁹* que se faz presente pela capacidade que tem em manter-se viva, de permanecer de alguma forma até aos dias de hoje. É o que ficou da transformação, desactualização, degradação, destruição ou abandono de um edifício antigo. Podemos considerá-la como a última etapa da sua extinção antes de regressar ao estado natural de onde surgiu.

Ruína, de acordo com Souto de Moura, é a forma elementar e fragmentária de um edifício que resulta da constante confrontação com o tempo e outros factores adversos³⁰; é a forma final capaz de resistir, que se confirma pela permanência.

Esta capacidade de se manter erguida na sua forma incompleta e fragmentária, transporta para a ruína a ideia de organismo vivo. Esta condição é reforçada pela forma como a ruína se transforma em permanente interacção com a natureza, e entende-se como etapa final do percurso de um espaço que serviu o homem e o início de um processo de retorno ao seu estado natural - de onde surgiu.

“Ruins are the end of architecture, and simultaneously, the originations of architecture. Ruins are imperfections embodying contingencies, and because of that, capable of transforming into artificial caves. Architecture is to meticulously design ruins.”³¹

No Lugar do Castelo, ao percorrer o estreito caminho até à fonte, depois das curvas que contornam as casas mais próximas da estrada, surge a ruína que se debruça sobre a encosta do Douro. É composta por dois volumes.

Destaca-se a construção em granito caiada que se encontra em maior estado de conservação que, com a cobertura de três águas, apresenta-se como uma sobrevivente do tempo. Junto a esta, a implantação de uma outra habitação da qual subsiste somente os muros de granito - restam as paredes com as pontuais aberturas.

Resistindo de forma diferente à passagem do tempo, ambas as casas não foram capazes de sobreviver funcionalmente. Estão entregues ao meio natural que a envolve e que agora se apropria do seu interior.

Os soalhos já não existem, no chão encontram-se troços do que foi outrora a

28 ALARCÃO, Jorge - A colaboração de Arquitectos com Arqueólogos. In TAVARES, Lino; ALARCÃO, Pedro (coord.) - Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações, 2011. p.11

29 TAVARES, Lino; ALARCÃO, Pedro (coord.) - Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações 2011. p. 7.

30 “Estou interessado em ruínas, são aquilo de que mais gosto na arquitectura, porque são o estado natural de uma obra, uma obra que chega ao fim. Não se pode alterar nada, uma ruína é aquilo que é.” SOUTO MOURA, Eduardo in ANDERSEN, Thom - Reconversão. Portugal: Curtas Metragens CRL, 2012. Curta Metragem

31 FUJIMOTO, Sou - Primitive Future. El Croquis nº 151, 2009. p.213

cobertura e, com o avançar do tempo, o interior passou a ser a casa de uma árvore.

A destruição gerada pelo abandono das duas habitações tornam o conjunto existente numa casa devoluta e uma ruína, onde ambos contêm vazios, materiais e significantes que lhes são próprios. Reconhecemos os valores plástico e formal do objecto, bem como os materiais e valor construtivo do mesmo, aceitando e entendendo a incapacidade de resposta para qualquer função programática que outrora lhe era exigida. A ruína torna-se algo meramente contemplativo onde é possível recordar momentos e episódios de uma habitação que foi vivida.

Esta forma fragmentária e incompleta com que se apresenta, e a relação que estabelece com a natureza que a envolve, fazem-nos reconhecer as potencialidades que surgem desta nova condição.

“Detesto a ideia romântica de ruína mas adoro ruínas como adoro animais, porque se movem e resistem, têm energia... ...O que é importante é isto: vida.”³²

Podemos entender que existem várias formas de interpretar a ruína que, por consequência, geram diferentes formas de intervir na mesma. Numa visão romântica, entende-se a ruína como um organismo que encara o seu final. O verdadeiro valor desta está na transformação da sua forma e na acumulação de novos significados que vai adquirindo pela sua nova condição. A ruína aceita-se como o fim do edifício, como realização plena e inquestionável, como destino natural do seu percurso de fim de vida que se vai marcando na sua materialidade, no seu corpo.

Contudo, o pensamento em que se considera que a ruína é simultaneamente uma presença e uma ausência de arquitectura, que terá servido como refúgio do Homem, leva ao desenvolvimento de duas interpretações/ideologias antagónicas sobre o seu significado actual.

A ruína ausente afirma a precariedade do homem em confronto com a eternidade da natureza. Numa perspectiva melancólica, o abandono que lhe é intrínseco afirma a efemeridade e ultrapassagem das coisas no tempo, que se dá pela alteração das condições e modos de vida, como pelo desinteresse do Homem na sua obra do passado. A ruína assume-se como símbolo de destruição e morte porque evoca o nostálgico passado perdido.

“(...)traços que como rios serpenteiam na paisagem seca da história imprimindo aos lugares o silêncio habitado que a ausência humana sempre deixa.”³³

32 SOUTO MOURA, Eduardo. In ANDERSEN, Thom - Reconversão. Portugal: Curtas Metragens CRL, 2012. Curta Metragem

33 CASELLA, Gabriela - Gramáticas de Pedra/ Levantamento de Tipologias de Construção Murária. Porto: Centro Regional de Artes Tradicionais, 2003. p.10

A ruína presente, numa perspectiva nostálgica, representa a persistência de uma acção do homem que, não sendo capaz de prevalecer sobre o tempo infinitamente, oferece-lhe alguma resistência.

*“Sem o homem - e a ruína é o sinal tangível de uma sua presença paradoxalmente não transitória, tão remota no passado quanto, como se pode deduzir, no futuro - nada tem significado nem graça.”*³⁴

Entendemos que *“Contemplar las ruinas no es hacer un viaje en la historia, sino hacer la experiencia del tiempo, del tiempo puro.”*³⁵ A incerteza que sentimos quando nos deparamos com uma ruína, quer pela falta de conhecimento e informação, quer pelos vazios que ela apresenta, remetem-nos para um passado privado e misterioso que é impossível de restabelecer na circunstância em que existiu aquando a sua utilização.

*“As ruínas são símbolos e marcas visíveis das nossas sociedades e da sua transformação, pequenos pedaços de história em suspensão. O estado da ruína é essencialmente uma situação temporária, (...) Esta fragilidade, a velocidade do curso do tempo, leva-nos a olhá-las uma última vez: desanimados, espantados, fazendo-nos questionar sobre a perenidade das coisas.”*³⁶

Se a ruína tem a capacidade de evocar significados, memórias e sensações, quer pelo que ainda encontramos, quer pela ausência de elementos que já se destruíram ou desapareceram, é porque o Homem reconhece e identifica-se com o objecto. São marcas da intenção do Homem num lugar específico do qual fez parte e que se torna possível de entender pela forma como nos é apresentada. Este reconhecimento, através da capacidade de evocação de cada um, acontece porque existe memória.

*“We may live without her [Architecture], and worship without her, but we cannot remember without her.”*³⁷

34 cf. ibidem, p.110

35 AUGÉ, Marc. apud. LAGUNES, María Margarita - Arqueologia urbana e memória Histórica in TAVARES, Lino ; ALARCÃO, Pedro (coord.) - Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações, 2011. p.34

36 MEFFRE, Romain, MARCHARD, Yves - The Ruins of Detroit. Arqa nº112 Ruínas Habitadas, Abril 2014. p.24

37 “For, indeed, the greatest glory of a building is not in its stones, nor in its Gold. Its glory is in its Age, and in that deep sense of voicefulness, of stern watching, of mysterious sympathy, nay, even of approval or condemnation, which we feel in walls that have long been washed by the passing waves of humanity.” RUSKIN, John – e Seven Lamps of Architecture. Londres : George Allen & Unwin, 1889, pp. 186-187



14 Janela a sul, quarto da Casa



15 Casa, vista nascente



16 Estrutura da varanda da Ruína



17 Sala de estar da Casa



18 Vista da Casa a nascente



19 A laranjeira da Casa



20 Vista da Casa do terreno

Mais do que o sentido físico que a ruína transporta, como capacidade de permanecer até ao presente, é o significado simbólico que fica com as gentes que habitaram o lugar. Quando observamos a ruína, é imediata a evocação de um nostálgico passado numa tentativa de interpretação de “como era” e “o que foi”.

Entendemos a memória como uma manifestação de certas impressões que o homem representa como passadas. É um processo mental que tem a capacidade de guardar episódios do passado e de ordená-los³⁸.

Considera-se que o ser humano tem dois graus de memória, diferentes intensidades de recordar o passado: uma memória a curto prazo e uma memória a longo prazo, sendo que esta última revela uma enorme capacidade de eliminação, compressão e reorganização da informação até pelo distanciamento do acontecimento.

A criação de memórias torna-se um processo sobre o qual não temos total controlo. De forma inconsciente vamos seleccionando o que nos interessa manter do passado ou eliminando o que não consideramos importante. Assim, o passado, como dimensão temporal relativo à formação da memória, informa o presente através da experiência adquirida e guardada.

Para o processo de organização e filtragem de momentos ser realizado, é necessário que o esquecimento e a recordação lhe estejam associados.

*“Without forgetting there can be no memory, and the interest of memory lies in its dialectic with forgetting.”*³⁹

*“(...)it is impossible to live almost without memory...but it is altogether impossible to live at all without forgetting.”*⁴⁰

É tão importante recordar como esquecer. Valorizar através da memória aquilo que permanece e esquecer o que se tornou obsoleto. O valor da memória na experiência arquitectónica reside nessa dicotomia entre o que se abandona e o que perdura, e a Ruína, enquanto caso de estudo, potencia esse diálogo.

Se o homem consegue criar analogias com a “ruína presente” e o que ela evoca do passado, também consegue, por oposição, reconhecer o que se esqueceu, o que não era relevante ou que era frágil e que a ruína foi eliminando.

38 “Memória: Possibilidade de conservação, num organismo vivo, de informações susceptíveis de evocação oportuna. (...) Enquanto faculdade – Neste sentido trata-se de uma potência que permite fixar, conservar, fazer despertar e reproduzir impressões recebidas ou levar a reconhecer e a localizar no tempo passado ou num espaço distante algo cuja impressão, vivência, imagem ou elaboração mental se repete no presente ou no espaço circundante.” CHORÃO, João B. (dir.) – Número de Edição: 2638. Vol. 19. Enciclopédia Verbo. Lisboa: Editorial Verbo, 2001. p.674, 675

39 FORTY, Adrian - Words and buildings: a vocabulary of modern architecture. New York: Thames & Hudson, 2000, p.212

40 NIETZSCHE, Friedrich – On the Uses and Disadvantages of History for Life. apud. FORTY, Adrian - Words and buildings : a vocabulary of modern architecture. New York: Thames & Hudson, 2000 p.212



21 Foto de família no terreno. Casa com a varanda - agora em ruína



22 Foto de família no terreno. Estrutura da cozinha da Casa.



23 Foto de família no terreno. Casa com a junta da pedra com argamassa - agora em ruína



24 Foto de família no terreno. Portão de acesso ao terreno

Para além do carácter pessoal que a memória tem, é importante referir a função do carácter social da mesma. Pelo comportamento narrativo⁴¹ conseguimos comunicar a outra pessoa uma memória na ausência do acontecimento ou do objecto que constitui o seu motivo.

A linguagem, segundo Henri Atlan, é a ferramenta pelo qual a memória consegue ser partilhada e entendida por outros, é a capacidade de comunicar⁴². A arquitectura pode ser também considerada uma ferramenta para esta partilha. O objecto arquitectónico consegue, dentro dos seus limites, fazer perdurar a memória para além daqueles que testemunharam a sua origem e vida - enquanto espaço activo.

Pensar a arquitectura enquanto meio comunicante da memória, exige que se tome conhecimento do passado que nos chega ao presente e pensar a nova arquitectura em continuidade com a existente. A arquitectura deverá então guiar -se por dois princípios: por um lado, construir considerando o testemunho histórico que o objecto arquitectónico irá representar no futuro; por outro lado, preservar e respeitar as heranças do passado⁴³. Mais do que fazer perdurar a memória de uma imagem, a arquitectura faz perdurar indícios de uma acção.

Segundo Lino Tavares Dias, a ruína torna a memória possível através de três manifestações: memória evidente, memória fruída e memória construída⁴⁴.

A memória evidente *“é aquela que podemos reconhecer pelos sentidos, entendida como marcas que o homem deixou de si no lugar”*⁴⁵. Aliada à nostalgia, a memória evidente pode incentivar à reapropriação e consequente reconstrução de um lugar.

A memória fruída é identificada como *“aquela que nos é propiciada pelas acções planeadas que procuram caminhos para as dialécticas da contemporaneidade e intendam valorizar e divulgar os valores patrimoniais públicos”*⁴⁶. É uma memória provocada intencionalmente por acções específicas em ruínas específicas.

A memória reconstruída *“é aquela que nos é propiciada pela investigação, nomeadamente a arqueologia, e que faz crescer o Património porque amplia a ruína*

41 “(...) Pierre Janet considera que o acto mnemónico fundamental é o ‘comportamento narrativo’ que se caracteriza antes de mais pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objecto que constitui o seu motivo” LE GOFF, Jacques – Memória. in ROMANO, Ruggiero (dir.)- Enciclopédia Einaudi. Vol.1 Memória-História. Lisboa: I.N.C.M., 1984. p.12

42 LE GOFF, Jacques – Memória. in ROMANO, Ruggiero (dir.)- Enciclopédia Einaudi. Vol.1 Memória-História. Lisboa: I.N.C.M., 1984. p.12

43 “(...) there are two duties respecting national architecture whose importance it is impossible to overrate: the first, to render the architecture of the day, historical; and, the second, to preserve, as the most precious of inheritances, that of past ages.” RUSKIN, John - The Seven Lamps of Architecture. Londres : George Allen & Unwin, 1889, p.178

44 DIAS, Lino Tavares - Interpretar o processo destrutivo; Da ruína ao construído. in TAVARES, Lino; ALARCÃO, Pedro (coord.) - Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações, 2011. p.125

45 cf. ibidem

46 cf. ibidem, p.26

exumada, procurando com isso 'construir o passado'".⁴⁷ É a reconstrução de uma memória do lugar através do estudo aprofundado do mesmo.

\Considerando o objecto e objectivo deste estudo, interessa-nos compreender o que a ruína suscita através da memória evidente.

Ao aproximarmo-nos da ruína e do lugar onde esta se implanta, em conjunto com o conhecimento que vamos adquirindo sobre o tempo em que serviu de habitação de uma família, sentimos uma atmosfera que se revela através da melancolia, sentimento de profunda tristeza e desencanto, que se abate quando compreendemos que algo chega ao fim e do qual não há retorno possível. Em arquitectura, não há maior formalização da melancolia que a ruína.

Para Ruskin, o maior valor de um edifício traduzia-se na capacidade de este se confirmar pela idade, a firmeza com que continuava e permanecia, acumulando em si as marcas da passagem do tempo e das pessoas⁴⁸. O que sobrevive até aos dias de hoje carrega uma herança do passado, um acumular de significados do lugar durante a sua utilização e período de degradação.

A memória não pode, nem consegue, reter tudo, é um processo de selecção e organização que deve ter espaço para recordações que, cruzadas de forma aleatória, criam relações e descobertas inesperadas. Neste processo mental, a forma de escolher o que conservar do passado faz-se pela capacidade de seleccionar e reter o que é significativo e rejeitar o restante.

Transpondo este processo de selecção para o percurso de degradação de uma arquitectura, podemos considerar que, de forma natural, a ruína faz a selecção do que reter e eliminar, ausentando-nos desse trabalho de selecção. Em confronto com o tempo ela já descartou os elementos frágeis através da ruptura com os mesmos.

A ruína é um objecto arquitectónico que se encontra como um espaço vazio receptivo à re-interpretação constante. É uma rememoração de uma existência que se fez contemporânea, manifestando ao mesmo tempo, a ruptura com o passado e uma ausência dele.

"El tiempo también debe reducirse de escala hasta las dimensiones humanas y concretizarse como una duración continua. Las ciudades y los edificios antiguos son acogedores y estimulantes, puesto que nos ubican en el continuum del tiempo; se trata de amables museos del tiempo que registran, almacenan y muestran las huellas de un momento diferente a nuestro sentido del tiempo contemporáneo nervioso, apresurado y plano; proyectan un tiempo 'lento', 'grueso' y 'táctil'".⁴⁹

Entendemos que não é possível restituir a origem da ruína em que vamos

47 cf. ibidem

48 "For, indeed, the greatest glory of a building is not in its stones, nor in its Gold. Its glory is in its Age, and in that deep sense of voicefulness, of stern watching, of mysterious sympathy, nay, even of approval or condemnation, which we feel in walls that have long been washed by the passing waves of humanity."

RUSKIN, John – Las siete lámparas de la arquitectura. Barcelona: Alta Fulla, 1987. p.186-187

49 PALLASMAA, Juhani – "HABITAR". 1ª Edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2016. p.8

intervir. Através da observação do objecto, compreendemos a evolução de uma construção mas não nos encontramos capazes de a refazer na íntegra. Embora essa também não seja a intenção da intervenção.

Tomamos consciência da distância temporal que nos separa, como uma ponte entre o presente e a herança do passado. De algum modo, estes significados e a carga temporal que o objecto tem encaminham-nos no sentido da conservação do que encontramos mas sem uma restituição do que já existiu.



25 Foto de família no terreno. Escada de acesso ao terreno

Em meados do séc. XX, ocorreu uma quebra nas práticas tradicionais da relação do homem com o meio rural. Factores demográficos e culturais, bem como económicos e políticos, foram as causas para estas alterações que influenciaram directamente o “modo de viver” e a subsistência do homem no mundo rural.

A partir da década de ‘50, o êxodo rural⁵⁰ e a emigração para outros países da Europa e da América, levaram a um despovoamento do interior do País que foi assumindo contornos preocupantes. Este movimento “*Foi uma emigração lenta, desorganizada, que deixou atrás de si uma paisagem ao abandono, em que mato e o pinhal se instalaram*”⁵¹.

Em 1938⁵² foi aprovado o Plano que previa uma “*florestação maciça dos [terrenos] baldios*” que previa gerar um movimento de pessoas para outros locais de forma a conseguirem um trabalho assalariado.⁵³

Simultaneamente, a construção de novos acessos e estradas que comunicavam com aldeias interiores e isoladas alterou a percepção de afastamento que distanciava o mundo rural do urbano. As possibilidades de mobilidade aumentaram, permitindo uma melhor comunicação com sítios inacessíveis até então.

Esta aproximação entre o rural e o urbano permitiu que as pessoas procurassem melhores condições de vida abandonando o interior do país. Os núcleos urbanos mostravam-se alternativas para prover sustento à família. O abandono das práticas agrícolas e a desertificação rural reflectiram num enorme abandono de património construído ligado directamente à cultura agrícola.

Com a revolução de 1974 e a queda do regime ditatorial, os terrenos “baldios” retomaram lugar na gestão pública. No entanto, a vida do mundo rural permaneceu enfraquecida, abandonada e envelhecida.

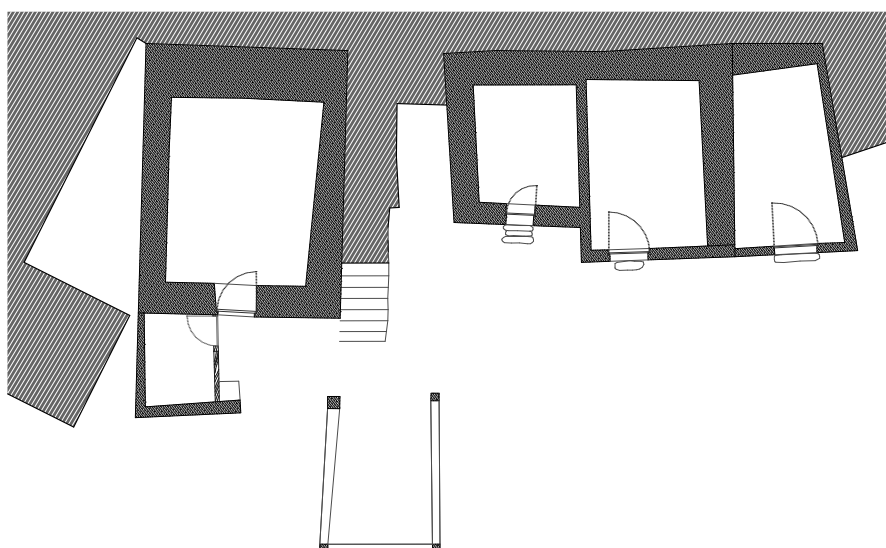
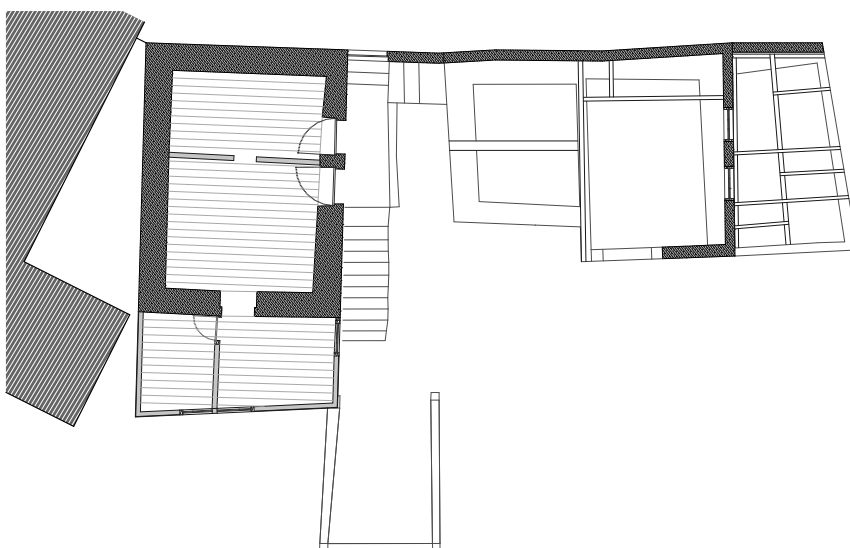
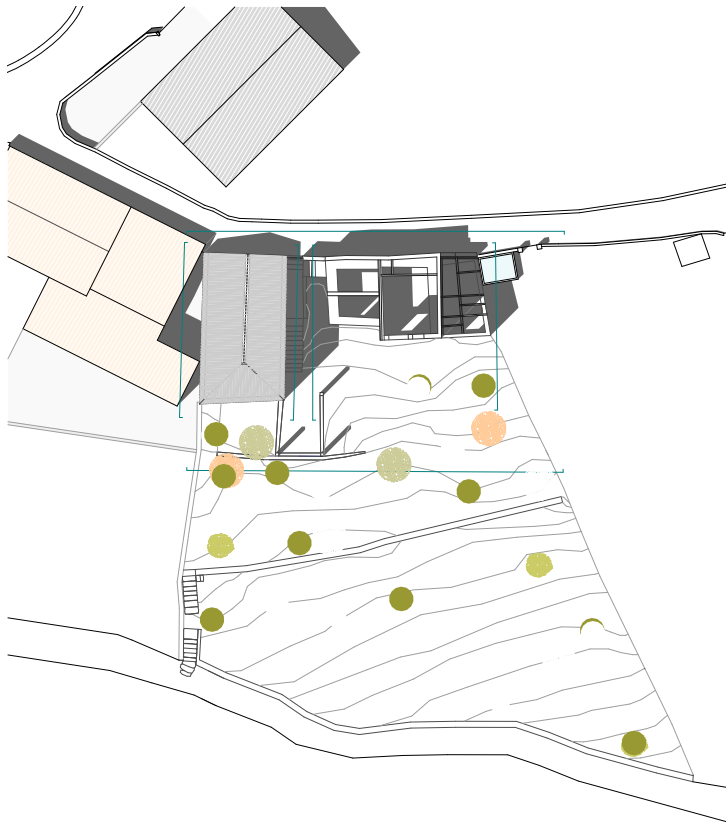
Actualmente verifica-se uma procura no interior do país de lugares que se consigam aproveitar como um ‘escape’ da vida citadina. Não se procura o que outrora se procurava nas zonas rurais, não é a produtividade do solo para sustento de família, mas sim um espaço recolhido na natureza e que se insira de forma harmoniosa nela.

50 Êxodo rural designa o deslocamento de habitantes de zonas rurais para núcleos urbanos, em busca de melhores condições de vida. Êxodo significa “emigração de todo um povo ou saída de pessoas em massa” in HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003

51 Anexo 1 Perspectiva Histórica sobre a floresta portuguesa e a sua defesa contra incêndios. Relatório Final da Proposta Técnica de PNDFCI. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2005. p.5

52 Ministério da Agricultura, Lei No 1:971: A arborização dos baldios situados ao norte do Tejo e construção de caminhos florestais, casas, postos de vigia, montagem de rede telefónica, obras de correcção torrencial e outras inerentes ao povoamento florestal serão executadas em conformidade com a ordenação geral ou plano constante do mapa anexo nº7, a partir da data que o Governo fixar. No quadro, estão previstas construções (faseadas) entre 1939 a 1968. In Diário do Governo, Quarta-feira, 15 de Junho de 1938, I Série – Número 136.

53 “ (...) - localizados principalmente nas zonas pobres e montanhosas a norte do Tejo - liquidará a base económica de sustento das comunidades rurais de montanha (impedindo a pastorícia e a recolha de matéria orgânica para adubo), expulsando das suas terras e empurrando para o trabalho assalariado, nos próprios serviços florestais ou nas indústrias do litoral, largos sectores de pequenos proprietários ou rendeiros, para quem a utilização dos baldios era uma condição indispensável de sobrevivência.” ROSAS, Fernando - Rafael Duque a política agrária do Estado Novo (1934-44). Análise Social. Vol. XXVI (112-113), 1991 . p.771-790



O conjunto da intervenção têm como limite a norte o Caminho da Fonte do Castelo. De planta simples e rectangular, as duas casas sofreram uma série de acrescentos que ainda hoje conseguimos identificar ao observar o existente.

A casa devoluta que encontramos no terreno apresenta-se menos degradada e mais próxima da sua imagem aquando utilizada. A ruína está em maior estado de degradação e apresenta apenas as paredes de pedra que se sustentaram ao longo destes anos, como marca da sua existência. As duas construções contam o crescimento de uma família que as habitava e, por isso mesmo, demonstram uma variedade na forma de construir que se foram adaptando às necessidades e aos recursos económicos familiares.

São habitações tipicamente populares⁵⁴ feitas com “(...) *materiais locais, trabalhados com uma grande economia de meios e colocados em obra com técnicas que foram sendo aperfeiçoadas e utilizadas ao longo de gerações*”⁵⁵. Neste caso de estudo estão espelhadas essas diferentes técnicas de construção tanto da arquitectura de pedra - mais pesada e resistente - como a arquitectura de madeira - mais leve.

As necessidades básicas para que se possa habitar um espaço -na época em que foram construídas - eram respondidas pelas duas habitações. O homem tinha um lugar para se abrigar, proteger, comer e descansar depois de um dia de trabalho intenso. Sempre respondendo de forma simples, prática e funcional às exigências dos habitantes das casas, “*A arquitectura popular é, em cada tempo e em cada local, expressão dos modos de vida, das condições ambientais e dos materiais disponíveis para a construção, nela se reflectindo também os numerosos condicionamentos económicos, sociais, históricos e culturais das populações que a constroem.*”⁵⁶

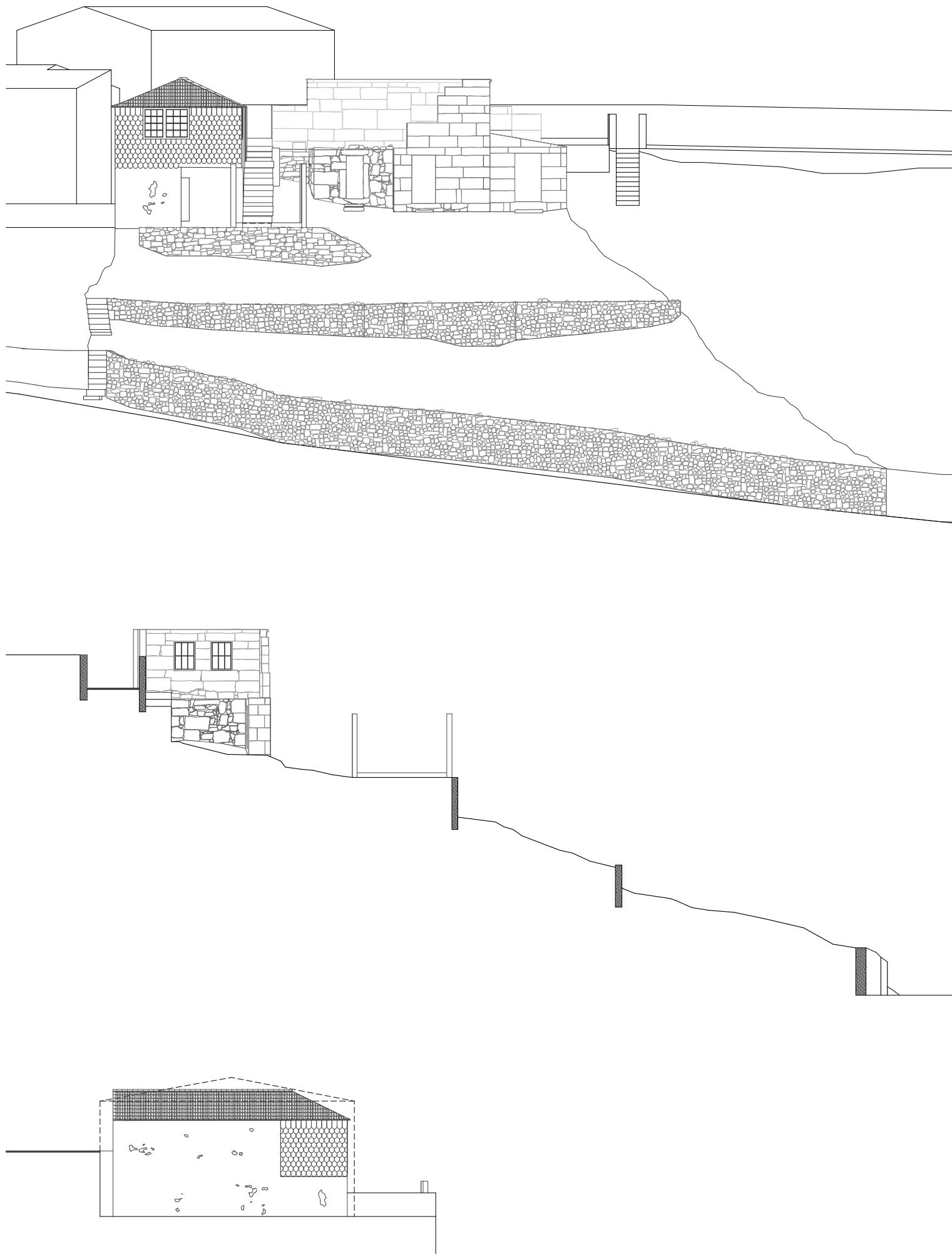
Como habitualmente se construíam estas construções, as duas casas são de “*planta rectangular [e] com aspecto maciço*”⁵⁷, virando as ‘costas’ ao caminho. A casa, construída com paredes espessas com um aparelho de pedras irregulares e argamassa, é caiada. A ruína, com uma aparência mais instável pela forma como hoje nos é apresentada, deixa visível o aparelho de grandes blocos rectangulares que se empilham sem se desmoronarem.

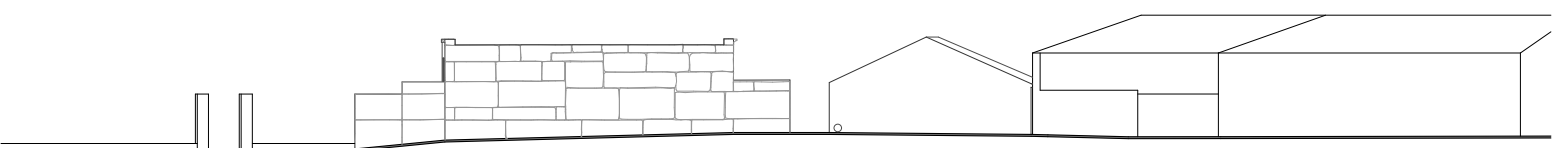
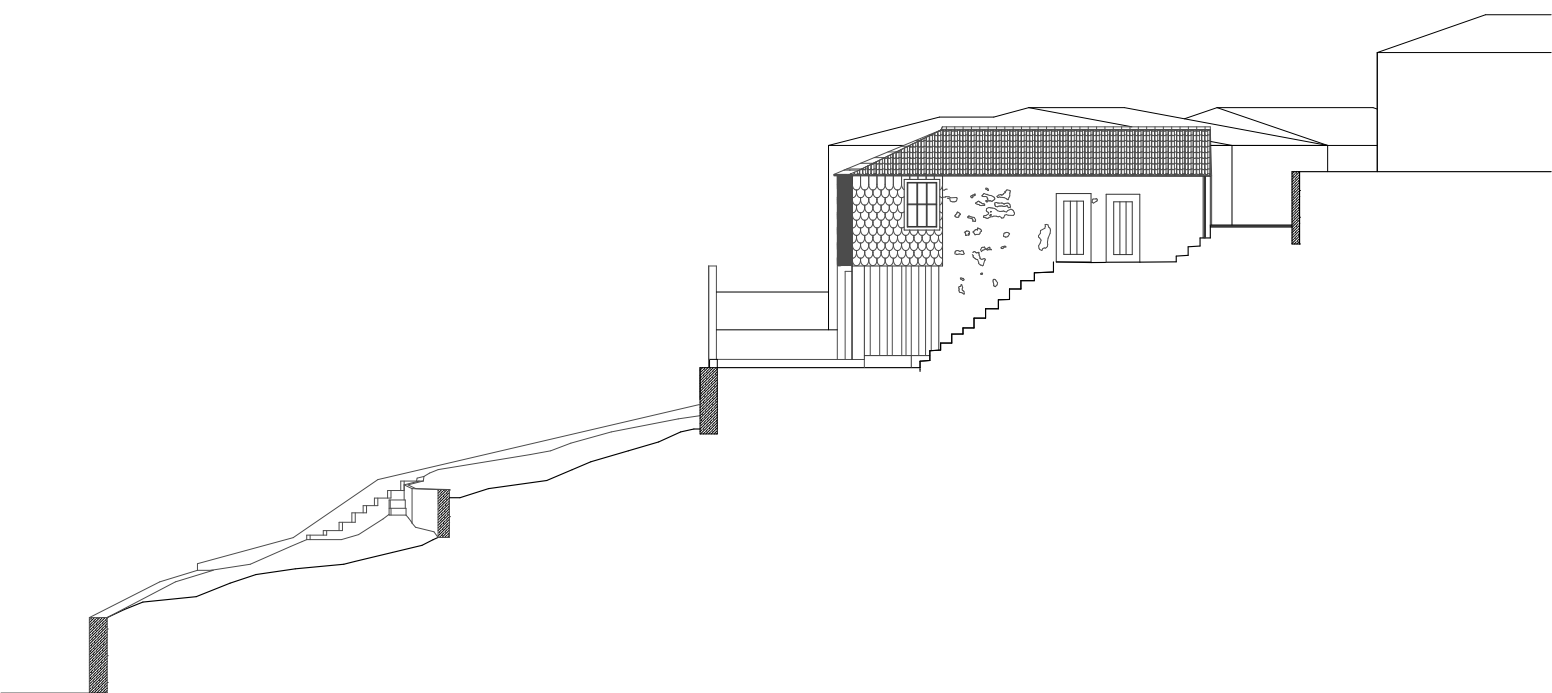
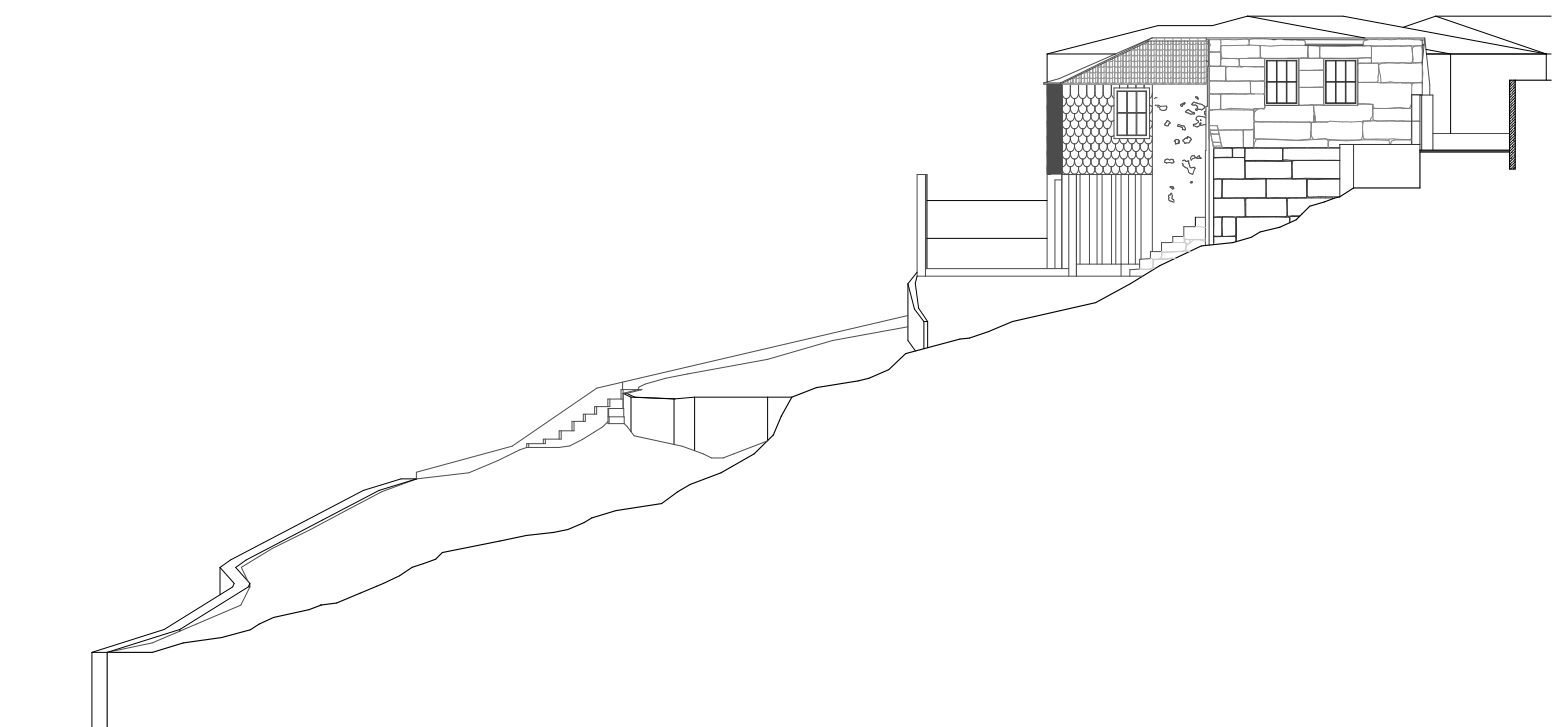
54 “(...) popular significa aquilo que é relativo ao povo, que é do povo, que lhe é próprio, aquilo que é feito para o povo, que é usado ou comum entre o povo, que é do agrado deste ou ainda aquilo que lhe é vulgar. Povo, por sua vez, significa a parte mais numerosa, menos privilegiada e economicamente mais desfavorecida da população.” TEIXEIRA, Manuel C. - *Arquitecturas do granito: arquitectura popular*. Arcos de Valdevez : Município, 2013. p.8

55 cf. ibidem

56 cf. ibidem, p.9

57 “A casa era habitualmente uma construção de planta rectangular, com aspecto maciço” cf. ibidem, p.45







26 Ruína na primeira visita ao terreno



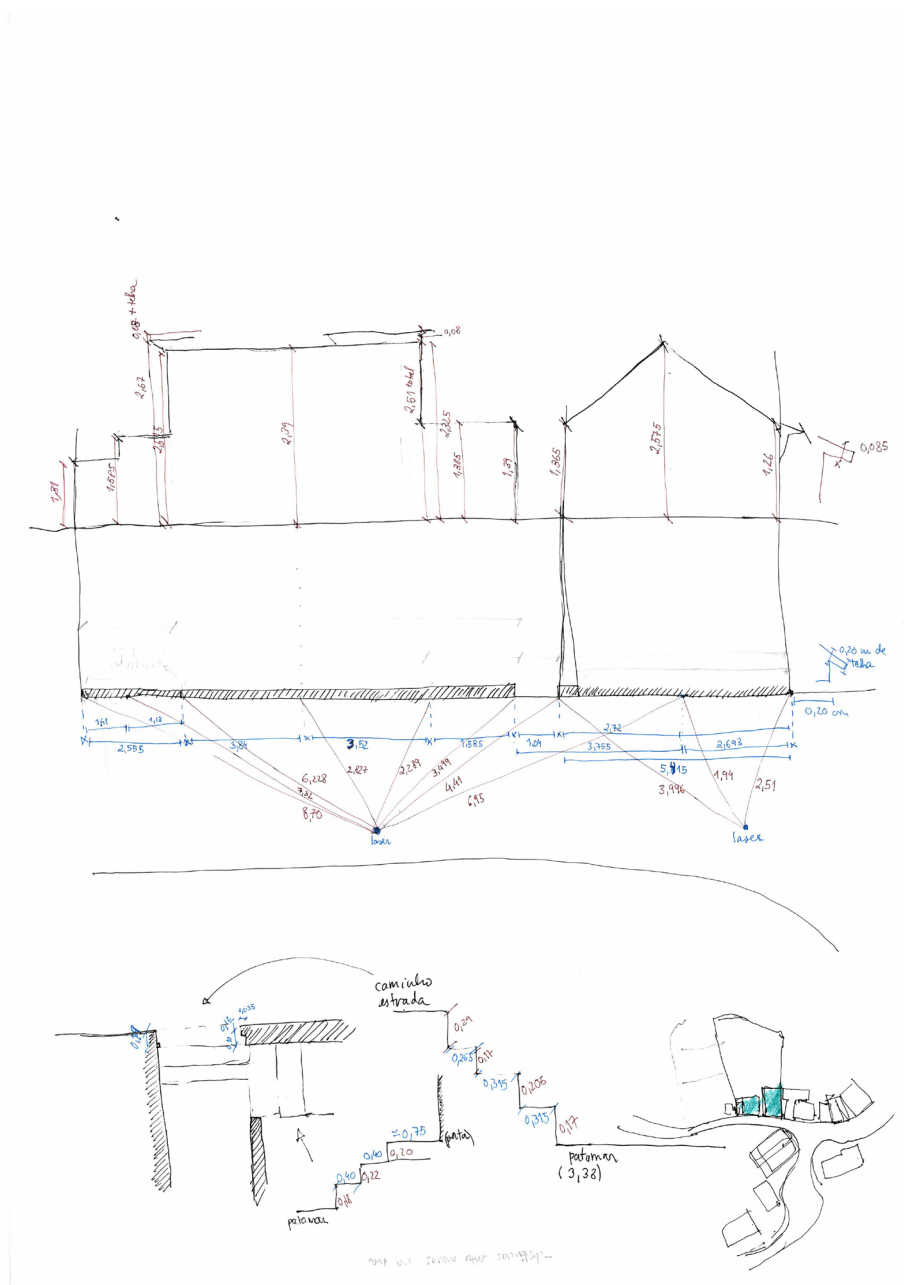
27 Ruína na primeira visita ao terreno

*“A beleza desta arquitectura advém precisamente desta verdade construtiva e da sua composição harmoniosa.”*⁵⁸ Esta beleza está na simplicidade da construção como resposta a uma necessidade que não é ocultada por artifícios. A verdade construtiva que numa das casas mostra o estado puro da pedra e na outra a cobre-a com uma argamassa e cal mantendo a irregularidade das paredes e a sua ‘ondulação’ natural.

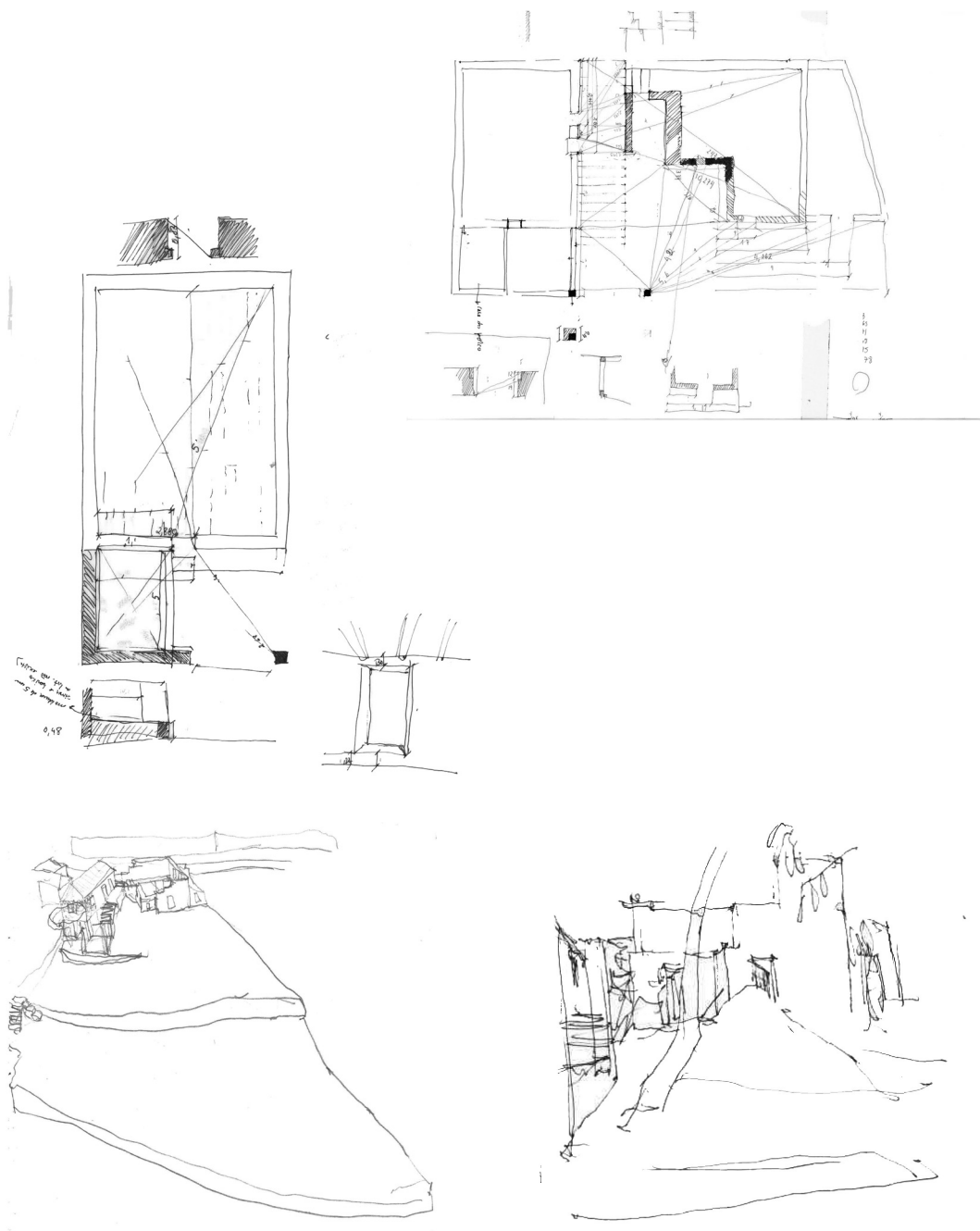
A Casa, toda caiada e com as portas de madeira pintadas num tom esverdeado, marca a sua presença neste terreno, tanto pelas paredes brancas que contrastam com as cores do granito e da terra que a rodeiam, como pela importância que tem para os que aqui passaram parte das suas vidas e da qual guardam memórias.

Esta habitação desenvolve-se em dois pisos: no piso térreo, um espaço de armazenamento definido por espessas paredes de pedra e um outro de menor dimensão que se limita por paredes de pedra que suportam o acréscimo de madeira; o piso superior divide-se em quatro espaços por paredes finas de tabique de madeira e barro. A sala e o quarto dos pais inserem-se dentro dos muros de pedra enquanto os outros dois quartos inserem-se numa estrutura de madeira que parece estar em “balanço” - construção posterior. Descendo as escadas exteriores encontramos quatro esteios que limitam a antiga cozinha, um dos quais serve de suporte ao volume de madeira revestida a lousa. A ruína é hoje casa de uma árvore. Permanecem as paredes exteriores de granito com os diferentes tipos de aparelho da pedra.

58 cf. *ibidem*, p.12



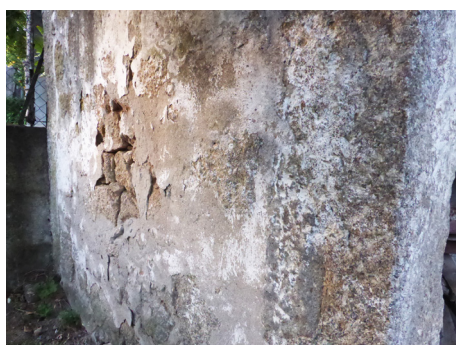
28 Desenhos do processo de levantamento



29 Desenhos de Processo de levantamento



30 Muro em pedra - ruína fachada sul



31 Muro em pedra - casa fachada sul



32 Muro em pedra - casa fachada norte

As duas construções distinguem-se, claramente, pela sua temporalidade, materialidade e técnicas de construção. Como geralmente se construía nas regiões de vale, as casas são *“isolada[s] de dois pisos, de planta rectangular alongada. No piso de cima, ficam os aposentos da família; por baixo, ficam as cortes, estábulo, currais ou pocilgas para os animais, lojas de arrumação de alfaia agrícolas, a adega ou a tulha dos cereais.”*⁵⁹

À cota da rua, entrando por um pequeno portão de ferro entre as duas casas, descemos uns degraus que nos encaminham para o patamar de entrada. Nesse ‘pátio’⁶⁰ acedemos por duas portas à casa que se encontra do lado direito e, a uma cota intermédia entre a rua e o patamar, do lado esquerdo, acedemos ao piso superior da ruína.

Fazendo uma interpretação do conjunto, a ruína, primeira construção no terreno, é constituída por uma base estrutural em pedra no piso térreo, encimada por paredes de uma estrutura leve de madeira revestida a lousa no exterior⁶¹. Algumas paredes de pedra vencem a altura total do edifício e, em conjunto com as paredes de madeira, suportavam a cobertura de quatro águas de madeira e telha. Posteriormente, num processo de transformação da casa criou-se um volume novo para a cozinha, no piso térreo em confrontação com o terreno vizinho, que corresponde a um volume aglutinado à casa existente de um piso e cobertura inclinada.

Com uma arquitectura muito simples, o interior dividia-se em três espaços. Pela entrada, do piso superior, acedíamos ao primeiro e maior espaço que servia de sala e se abria para o terreno por uma pequena varanda de estrutura de madeira, e dois quartos que se separavam da sala por uma parede de tabique e que se abriam para o terreno pelas três janelas que encontramos marcadas nas paredes de pedra. No piso inferior, dois espaços de armazenamento com dimensões reduzidas que serviam de apoio à actividade agrícola.

*“Podemos encontrar na mesma casa vários tipos de granito e vários tipos de aparelho utilizados na construção das suas paredes, correspondendo a diferentes fases de construção. Não raro, a casa ia-se edificando em fases sucessivas, que se podem identificar pela existência de cunhais encontrados, pelas paredes que se constroem na continuidade de um pinhal, ou ainda pela diferente qualidade dos materiais de ou da execução, reflectindo os recursos e a mão de obra disponíveis.”*⁶²

Nesta primeira casa são-nos apresentados diversas formas de montar a pedra para desenhar os muros que protegem o homem. Entende-se que em função do

59 TEIXEIRA, Manuel C. - Arquitecturas do granito : arquitectura popular. Arcos de Valdevez : Município, 2013, pág. 43

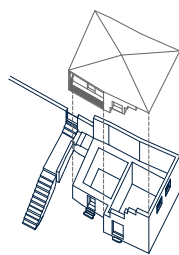
60 Espaço que se permite a entrada para a casa, é um patamar da escada de acesso ao terreno mas chamamos aqui de ‘pátio’ por ser o termo utilizado pelos antigos moradores.

61 Apesar de não existir nada do piso superior da ruína, pelas fotografias do álbum de família entendemos como se encerravam os espaços da antiga habitação.

62 cf. ibidem, p.64

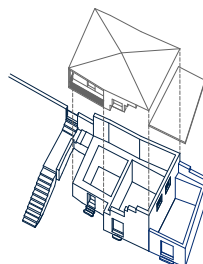


33 Muro em pedra - escada de acesso ao terreno



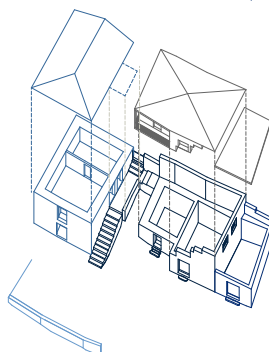
1º

Casa de dois pisos e cobertura de quatro águas. Piso térreo com dois compartimentos de armazenamento. Piso Superior com sala e dois quartos. Varanda na sala.



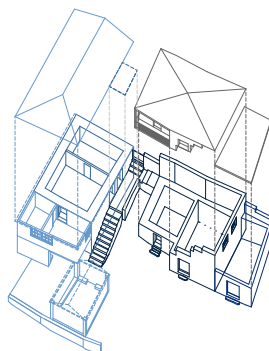
2º

Cozinha. Volume de um piso com cobertura inclinada.



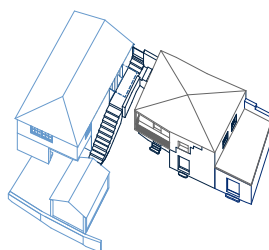
3º

Casa com dois pisos e cobertura de três águas. Um compartimento no piso térreo de armazenamento e uma sala e cozinha no piso superior



4º

Acrescento de madeira a sul na segunda casa - dois quartos. Cozinha no piso térreo com estrutura em madeira e cobertura de duas águas.



Estudo de como as casas seriam antes de abandonadas e do processo de degradação



35 Fotos de família. Entrada para a primeira casa construída no terreno. Revestida a ardósia no lado poente - hoje inexistente

programa interior a que o espaço servia, as paredes que o delimitavam eram feitas com maior ou menor cuidado. No piso térreo o que servia os animais define-se pelas paredes mais irregulares e toscas da composição, e o que servia o homem com paredes de pedra mais cuidada e melhor talhada -com junta em argamassa branca - ou de madeira revestida a lousa no exterior.

A segunda casa, construída com menor dimensão e menos disponibilidade económica, foi também alterada durante os anos em que foi habitada. Encontra-se um pouco degradada mas bastante fiel ao que era a sua imagem quando habitada.

Inicialmente construiu-se uma casa de base rectangular com paredes de pedra e argamassa, caiada no interior e no exterior. Com uma cobertura de madeira de três águas e telha marselha é uma construção mais baixa do que a já existente no terreno. O piso térreo compunha-se por um espaço de armazenamento e, o piso superior por duas divisões.

O crescimento da família levou à necessidade de adaptar a casa e criar mais quartos. Alongou-se a casa e fez-se um acrescento a sul, uma estrutura leve de madeira que, revestida a lousa pelo exterior, cria um novo núcleo com dois pequenos quartos onde se abrem três janelas para o terreno. Com estas alterações, o espaço que se encontrava mais a norte passou de cozinha a quarto dos pais, o espaço quadrangular central manteve-se como sala e no topo a sul os dois quartos das crianças. A cobertura prolongou-se sobre este acrescento mantendo o mesmo tipo de estrutura e materiais. No piso térreo, com quatro esteios, que definem a localização da cozinha, existia uma construção que se encerava com uma cobertura de duas águas toda em madeira e paredes de madeira a 'unir' os esteios.

Na entrada para a casa existia uma cobertura leve, metálica, que abrigava os que acediam ao seu interior e o muro que existe entre o portão de entrada do terreno e a ruína era caiado. Apesar de encontrarmos as construções alteradas as fotografias antigas da família permitem esclarecer algumas das dúvidas que existiam para compreender a evolução da construção das habitações.

INTERVENÇÃO



Entendemos que intervenção é qualquer tipo de acto que se realize sobre uma pré-existência, seja ela de conservação, restauro, reutilização ou reabilitação, e que surge da interpretação que se faz da mesma.

*“En realidad, todo problema de intervención es siempre un problema de interpretación de una obra de arquitectura ya existente, porque las posibles formas de intervención que se plantean siempre son formas de interpretar el nuevo discurso que el edificio puede producir.”*⁶³

Cada intervenção é um acto singular e único que resulta da interpretação que o sujeito que se propõe a intervir faz da pré-existência. Esta interpretação deve ser tão informada quanto possível sobre o que se espera da ruína hoje, as expectativas sobre ela, bem como, sobre o passado onde se inseriu.

*“Há duas maneiras de ver a Ruína: Pode ser usada, e pode-se fazer uma História da Arquitectura com História das Ruínas.”*⁶⁴

Superando o estado de contemplação da ruína é o momento de confrontá-la com o re-habitar inerente à intervenção. Temos de a interpretar e olhar como instrumento gerador e condicionador de projecto. Perante a condição fragmentária e incompleta da ruína, tentar restaurá-la é irrealista e incerto. A casa alterou-se assim como o Homem, o contexto, o tempo e os modos de vida.

Não tencionamos estender-nos nesta matéria nem encontrar uma forma de intervir sobre a pré-existência arquitectónica que seja transversal a todos os casos. Apesar de estudadas as diferentes posturas de intervenção e a evolução deste tema desde o Renascimento até aos dias de hoje, não nos interessa aprofundar este assunto neste trabalho. Interessa-nos mais entender as diferentes estratégias de intervir numa ruína como possibilidades de intervenção no objecto que propomos intervir.

Temos como oportunidade a possibilidade de re-inventar a ruína, tirando proveito do seu carácter conceptual, técnico e formal em que nos é apresentado. No processo de desenvolvimento do projecto que motivou este trabalho, cruzamo-nos com vários projectos que, partindo de circunstâncias distintas, marcam a intervenção como uma visão singular, contemporânea e crítica sobre a ruína, resultando em estratégias distintas de projecto.

*“O projecto de uma casa é quase sempre igual ao de qualquer outra: paredes, janelas, portas, telhado. E contudo é único. Cada elemento se vai transformando, ao relacionar-se.”*⁶⁵

Cada intervenção surge da confrontação dos fragmentos da ruína com os novos volumes que vão integrar, de modo a restabelecer a capacidade de abrigo que

63 SOLÀ-MORALES, Ignacio - Intervenciones. Barcelona : Gustavo Gili, 2006. p.15

64 PAIS, Paulo- A ambição à obra anónima, numa conversa com Eduardo Souto Moura. In TRIGUEIROS, Luiz - Eduardo Souto Moura. Lisboa: Blau, 2000. p.31

65 SIZA, Álvaro, 01 textos, Porto, Ed. Civilização, 2009. pág. 25

está na sua origem.

*“Y ésta es la clave de la rehabilitación: su compromiso ante la confrontación.”*⁶⁶

Uma intervenção numa ruína pressupõe a afirmação de dois tempos no edifício - o passado e o presente. Esta confrontação revela-se na forma como a arquitectura contemporânea se implanta e comunica com a pré-existência.

A coerência de cada intervenção está na clareza deste confronto. Tendo em consideração o limite que separa a ruína ausente da presente, a intervenção pode fazer-se “por dentro”, “por fora”, “ao lado”, “em cima” ou “entre”.

O projecto inicia-se com a ideia de intervir em continuidade com o existente onde o lugar é apreendido como um elemento que faz parte da história e tem história; estrutura com significados quer na forma de construir quer na forma como se habitou.

É deste modo evidente o desejo em atender à “circunstância”⁶⁷ e desenvolver um projecto a partir de uma observação cuidada e atenta da realidade e da envolvente do objecto em estudo. Porém, não se pretende “(...) *criar formas pretensamente ‘geniais’ ou ‘diferentes’ que, por vezes, nada mais satisfazem do que o egoísmo dos seus autores, até porque é sabido que uma forma só possui significado na medida em que representa ou satisfaz, para além de um homem, toda uma sociedade que dela se utiliza.*”⁶⁸

O projecto de reabilitação prevê a conciliação de vários tempos do objecto sendo perceptíveis as diferentes fases da construção do edifício. “*Uma contribuição, enfim, para uma nova modernidade que se debate entre um passado a observar e um futuro a construir*”⁶⁹. É importante dar continuidade ao existente e manter a clareza quanto à evolução do conjunto. Temos duas arquitecturas que se distinguem e que são interpretadas de formas diferente. Uma ruína e uma casa devoluta. Duas habitações de tempos distintos e em estados de degradação diferentes. Aparelhos de pedra que se distinguem, pedra caiada, madeira revestida com ardósia e para a nova intervenção pretende-se um novo material que marque um novo tempo e que responda às novas necessidades.

66 MOSQUERA, Eduardo - La metamorfosis doméstica; Contribuciones para un balance de la experiencia rehabilitadora en la vivienda tradicional sevillana. in GRONDONA, Javier; BABIANO, José Carlos - Rehabilitación y vivienda en Sevilla: renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica: 1975-1988. Sevilha: C.O.A.A., 1989. p.352

67 Fernando Távora entende “circunstância” como (...)conjunto de factores naturais e humanos (e só é possível distingui-los na medida em que o fenómeno seja observado à escala do homem mas, de qualquer modo, eles estão intimamente ligados entre si), (...) conjunto de factores que envolvem o homem, que estão à sua volta e, porque ele é criador de muitos deles, a esses haverá que juntos os que resultam da sua própria existência, do seu próprio ser”. TÁVORA, Fernando - Da Organização do Espaço, FAUP Publicações 2006, p.22

68 cf. ibidem, p. 26

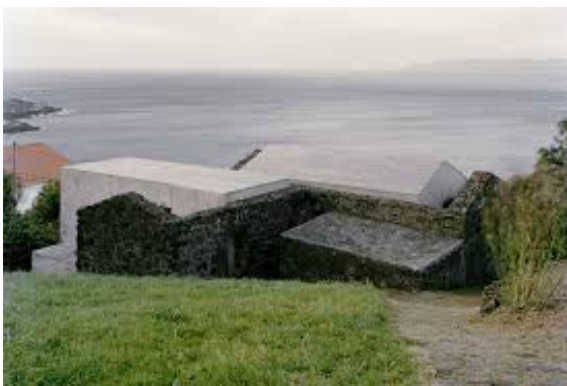
69 TÁVORA, Fernando – Memória descritiva do Projecto de Refóios do Lima, 1993. apud. MENDES, Manuel (coord.) - Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora : Fernando Távora : minha casa. Porto, 2015. p. 274



37 Quarto. Intervenção por dentro



38 Relação entre o existente e a nova construção



39 Acesso à casa. Intervenção pelo interior da ruína

“Por dentro”

Casa E/C, SAMI Arquitectos, Pico, Açores, 2005-2014

Casa d'Estate, Buchner Bründler Architekten, Linescio, Suíça 2008-2010

A Casa E/C e a Casa d'Estate são duas intervenções que se fazem “por dentro” dos limites das ruínas onde vão intervir.

O Casa E/C nasce de uma ruína, na Ilha do Pico, composta pelas paredes de uma antiga habitação de dois pisos. As paredes são de basalto e junta seca tipicamente da região contrastam com o mar e a vegetação e caracterizam a paisagem.

“(...) O projecto surgiu da vontade de manter a ruína e pensar uma casa que a valorizasse, que a ela se pudesse moldar e simultaneamente dela tirar partido, oferecendo possibilidades de vivências mais diversas e complexas que a anterior tipologia.”⁷⁰

A opção de projecto passa pela construção de uma nova casa “dentro” do espaço delimitado pela ruína, entrando em diálogo com esta. A pré-existência continua a ser a face que se apresenta à paisagem enquanto memória e símbolo da simplicidade com que o homem se adaptou ao lugar.

Na aproximação ao objecto, conseguimos perceber dois novos volumes de betão branco dentro das espessas paredes de rocha preta.

“O projecto é um movimento entre uma linha de limite, em pedra, e os volumes da intervenção que por ela se deixam conduzir, se desacetam ou se alongam, sempre que a necessidade de espaço, ou de uma vista, se impõe.”⁷¹

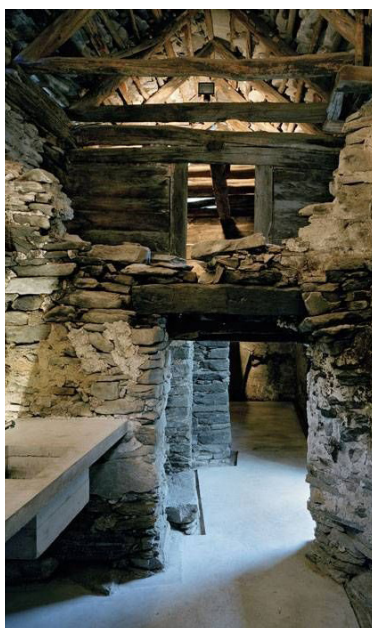
Ao observarmos o lugar após a intervenção é clara a independência entre os dois corpos pelo tempo e materialidade distintas, e ao mesmo tempo a relação que estabelecem um com o outro. Estabelece-se uma ponte entre o passado e o presente. Através da leitura de cada elemento da composição, pela marcação dos dois tempos da construção e pelo respeito com que a intervenção se insere no lugar definido pela pré-existência.

⁷⁰ Memória descritiva do Projecto in <http://www.sami-arquitectos.com/pt/works/show/ec-house>

⁷¹ cf. ibidem



40 Espaço de estar. Volume com intervenção por dentro



41 Volume de cozinha e banho



42 Ligação entre os dois volumes

A Casa d'Estate insere-se em Linescio numa pequena aldeia no vale de Rovana a sul dos Alpes. Uma construção de granito com 200 anos que após cinquenta anos de abandono preserva muitos dos seus elementos de origem .

*"Implanted gently and meticulously within the existing walls, this monolithic installation creates an assertive, composed response to the granite outer shell."*⁷²

A estrutura arcaica e original foi mantida e respeitada e sendo a programa uma casa de férias de verão, permitiu que se fizesse uma intervenção que dispensava aquecimentos e novas caixilharias, possibilitando um maior aproveitamento das fachadas e dos muros no seu estado original.

A intervenção passa por construir uma casa de betão dentro dos muros da pré-existência. Sem ornamentos e ostentações, cria-se um volume interno aos limites da existência, totalmente autónomo e com a forma da casa existente.

Esta liberdade, que resulta da falta de necessidade de responder a problemas térmicos, permite uma maior exploração da espacialidade interior. O programa dividiz-se em duas partes: uma zona de estar com a lareira e a alcova no novo volume que mantendo o invólucro exterior de granito praticamente intocado, a fazia-se "por dentro"; e uma zona de serviços numa ala lateral à anterior onde se mantêm as paredes de granito rugosas, e apenas o chão é dominado e estabilizado pelo novo material.

Um vão rasgado entre estes dois compartimentos estabelece o contraste entre um volume monolítico de betão e as paredes irregulares existentes.

O novo carácter do lugar surge da dualidade gerada pela casa dentro da casa. Toda a estrutura se duplica e as duas trabalham em conjunto. O diálogo das diferentes estereotomias, material e processo construtivo marcam a temporalidade da obra. O presente dentro do passado, o liso dentro do rugoso. Um novo lugar numa paisagem com história.

72 POPP, Peter - An Archaic Monolith: Summer House by Buchner Bründler Architekten. Concrete Construction. Detail [Em linha], no6 (2014). actual. 14 Agosto 2014. [Consult. 2 Jul. 2015]. Disponível em: < <https://www.detail-online.com/article/an-archaic-monolith-summer-house-by-buchner-bruendler-architekten-16776/> >



43 Ruína do Castelo antes da intervenção



44 Fachada. Intervenção entre os muros existentes



45 Pátio. Intervenção entre os muros existentes

“Entre”

Astley Castle, Witherford Watsno Mann Architects, North Warwickshire, Inglaterra, 2007-2012

Museu de Arte Kolumba, Peter Zumthor, Colónia, Alemanha, 1997-2007

O Castelo de Astley é uma construção do século XII em Inglaterra que, após oito séculos de funcionamento como habitação, sofreu um incêndio em 1978. A passagem do tempo e a acção do clima nas paredes que subsistiram ao incêndio levou-a a um estado de ruína de onde partiu a intervenção para o projecto de uma casa de férias.

*“Havia lugares que não pareciam mais do que um monte de pedras, noutros era uma ruína tradicional.”*⁷³

A intervenção começa pela tentativa de restituir a unidade espacial do edifício e consequente consolidação dos fragmentos da ruína através de “remendos” que ligam a pré-existência ao novo corpo - paredes que preenchem os vazios das antigas.

*“Não o restaurámos, nem o deixamos tão destruído como uma relíquia romântica. Restabelecemos uma espécie de unidade, tornando-o estável, preservando-o, mas mantivemos um sentido de inacabado, deixando-o portos, com as feridas ainda abertas.”*⁷⁴

No mesmo plano dos fragmentos das paredes de pedra de arenito inserem-se as novas paredes de tijolo “entre” o que resta da ruína ajudando a delimitar e redesenhar os espaços interiores.

Os panos de parede de tijolo acabam por dar uma continuidade às paredes exteriores pela semelhança do processo construtivo com que se montam e pela tectónica que partilham. Aliado ao tijolo, aparecem alguns elementos de betão que ajudam estruturalmente a construção que em conjunto com a madeira laminada.

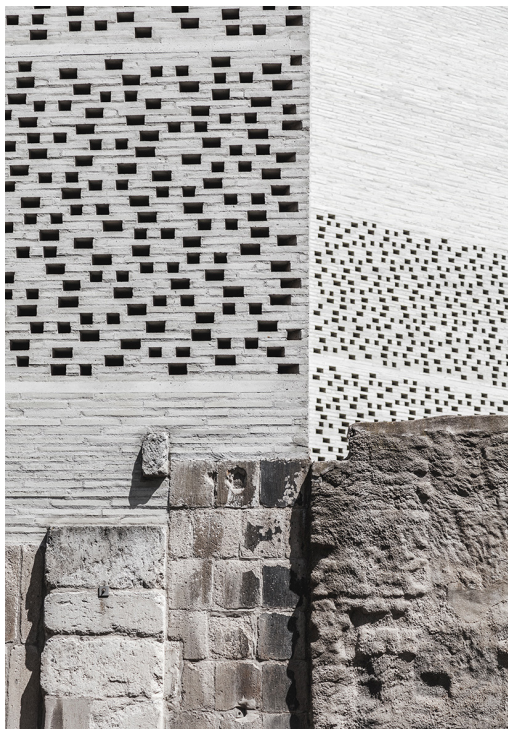
A nova parede implanta-se na continuidade da existente mas não no mesmo plano. Há um desalinhamento onde se assume a introdução do novo material que se representa como contraponto entre a superfície de pedra de arestas irregulares e desalinhadas e a regularidade da construção contemporânea.

*“O tempo destruidor foi um bom arquitecto”*⁷⁵ que possibilitou a exploração de novas espacialidades, de novas relações entre interior-exterior permitindo desenhar pátios dentro dos limites da pré-existência.

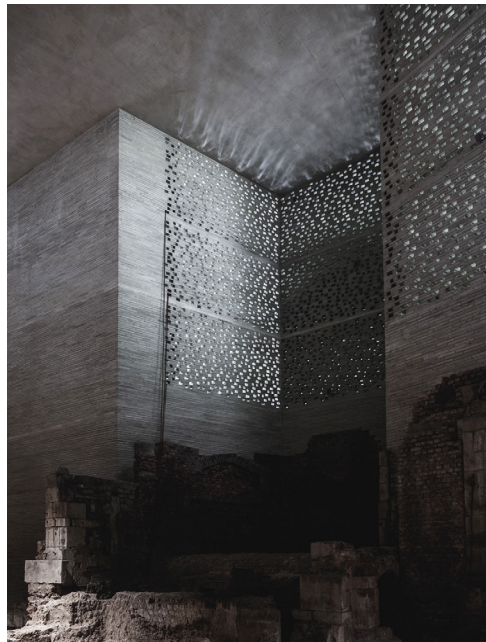
⁷³ Witherford Watson Mann – Casa Astley Castle, Warwickshire. in Arqa nº 112. Lisboa, 2014. p. 80

⁷⁴ cf. ibidem

⁷⁵ cf. ibidem



47 Fachada. Intervenção entre os muros da ruína



46 Interior do Museu



48 Intervenção entre

O Museu Kolumba é uma intervenção numa ruína de uma antiga igreja que ficou destruída durante a II Guerra Mundial, localiza-se em Colónia.

*"The buildings on the site, formally, heterogeneous and fragmented but, in substance, a historical unit, yielded the image of a special edifice for Kolumba. The new building rises on the old foundations and acquires form by using its substance to incorporate, complement, and unify the fragmented parts of the existing buildings in terms of the logic of its new function."*⁷⁶

O conjunto constituía uma ruína muito fragmentada e diversificada. Para além das reminiscências da antiga igreja, uma escavação arqueológica apresenta uma igreja anterior que remota ao século VII e a capela "Madonna in den Trümmern" construída por Gottfried Böhm em 1940/50 .

Dado o peso histórico e a complexidade arquitectónica da pré-existência, o novo programa adapta-se e faz renascer aquele lugar respeitando a história e preservando sua essência, propondo dezassete galerias de exposição com espacialidades diferentes, geradas pela volumetria e iluminação.

O ritmo constante das aberturas da igreja, marcadas em algumas paredes que ainda permanecem de pé, entram em contraste com o volume maciço de tijolo que a encerra e onde pontualmente são desenhadas grandes aberturas. O novo volume, continuo às paredes existentes, transporta na sua base um sentido inacabado e fragmentário pelas pequenas aberturas que se fazem entre o tijolo. A intervenção passa por completar o edifício já existente com uma nova materialidade que dialoga com a ruína e o tijolo como material que marca a arquitectura de reconstrução da Alemanha do pós-guerra.

*"The new architectural concept is reconciliatory and integrative (...) It integrates and shelters the old structure. It does not eliminate traces or destroy without necessity. It supplements and leads onwards in the search for an idiom of its own."*⁷⁷

⁷⁶ Peter Zumthor - Museu de Arte Kolumba, Colónia. in Arqa nº 112. Lisboa, 2014. p. 44

⁷⁷ cf. ibidem

Considerando o existente e a importância que cada elemento da composição tem, propomos um programa que se relaciona com as funções originais das casas.

É preciso escolher o que preservar do passado e, desde a primeira ida ao lugar, que a intenção seria manter o que nos é apresentado.

Uma das premissas iniciais no acto de projectar foi a preservação da casa e dos muros de granito que desenham o limite da ruína. As paredes que encontramos com diferentes tipos de pedra, umas mais toscas outras mais cuidadas, com pedra a vista e pedra caiada, são a imagem da continuidade e evolução da construção das habitações naquele lugar. Acreditando que não é necessário negar o passado para construir o presente⁷⁸ tentamos manter o máximo de elementos que nos é possível tendo em conta as necessidades a responder de acordo com o novo programa.

Em ambos os volumes, as paredes exteriores em granito serão mantidas. Na casa, a parede de granito que faz a transição para o volume de madeira é adaptada ao programa, permitindo a continuidade dos espaços e passagem de luz para o núcleo central do volume. Na ruína serão feitas algumas alterações nos muros internos de forma a adaptar o volume pré existente ao programa que propomos.

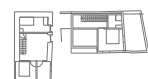
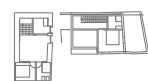
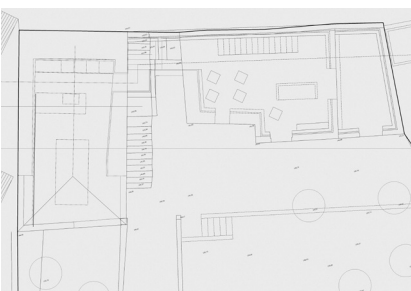
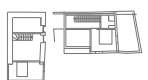
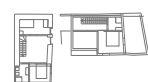
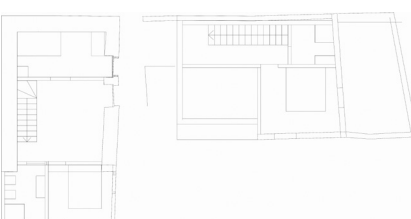
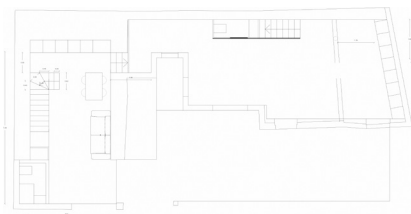
Ao aproveitar as paredes de pedra e intervir pelo interior quando estas existem, como se fará no piso térreo da ruína, não se altera o seu aspecto exterior. No piso superior, havendo uma maior degradação do conjunto, a intervenção passa por redesenhar os limites do volume permitindo uma leitura contínua do edificado entendendo todos os processos e tempos da construção. O novo material está em constante diálogo com a pedra e complementa-a.

O programa proposto divide-se em duas zonas: diurno - salas e cozinha - e nocturno - núcleo individual/quarto. Ao longo do processo de desenho surgiram várias alternativas de intervenção até chegarmos à proposta apresentada.

Com a evolução do processo projectual e a exploração do tipo de utilizações que cada espaço teria, cria-se um conjunto de uma casa com espaços diferenciados que permitem vivências diferentes e que se relacionam sempre com a paisagem, respeitando a pré-existência. Três quartos com quarto de banho no piso superior; cozinha e sala de refeições, sala de estar e escritório no piso inferior, directamente ligados ao exterior.

O conjunto, constituído por uma ruína e uma casa devoluta a intervir, e um novo elemento que os conecta, funciona com o mesmo programa mas com uma nova organização. No piso superior da casa devoluta propõe-se um núcleo mais privado e na ruína dois quartos individuais. No piso inferior, as duas construções unem-se por uma passagem, por baixo das escadas de acesso à rua, que estabelece a ligação entre os dois volumes. Apesar de ser clara a divisão e separação dos espaços pelo

78MENDES, Manuel (coord.) - Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora : Fernando Távora : minha casa, Porto, FIAJMS, 2015. p.3



49 Porpostas desenvolvidas durante o processo de trabalho

programa, pretende-se uma continuidade espacial e um percurso interior fluído. Uma zona de estar central permite o acesso ao piso superior. De um dos lados, uma sala mais reservada/escritório, de menor dimensão com uma lareira; do outro uma divisão mais ampla de cozinha e espaço de refeição que se prolonga para o exterior.

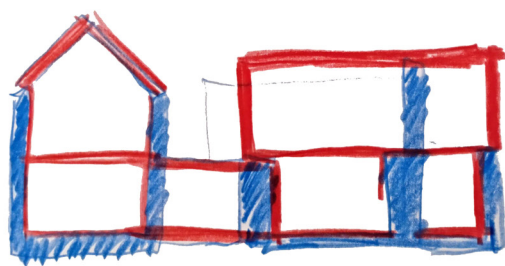
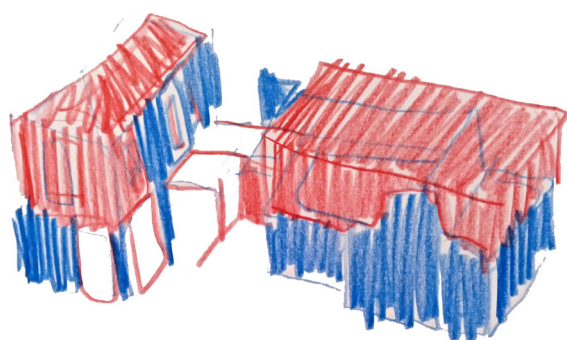
A nova leitura do conjunto caracteriza-se pela unidade e continuidade, funcionando num todo composto por dois volumes com um programa que lhes é comum e um elemento que os conecta. Uma vez que o projecto opera sobre dois corpos existentes - a casa e a ruína - onde a estrutura formal e espacial não é inteiramente inventada, há que respeitar as áreas e os muros pré-existentes⁷⁹.

Deste modo, é decidido que a casa terá uma intervenção pelo interior - “por dentro” - tentando manter o seu aspecto exterior ao nível da materialidade quase inalterável. A ruína será lida como um limite onde o programa é pensado para se adaptar ao espaço disponível, evitando a construção extra-muros e a alteração das paredes existentes. A intervenção é “por dentro” e “entre”.

As pedras que permanecem até aos dias de hoje ajudam a desenhar o projecto. Mantemos a implantação do que nos é dado sem fazer alterações. Com a evolução do processo de desenho, foram reajustadas algumas peças de cantaria. Contudo, as alterações foram sempre elaboradas tendo em consideração a condição de intervenção mínima no existente, com o intuito de não desfigurar a imagem “original” do mesmo.

O patamar da entrada para as casas transformam-se numa articulação, sendo totalmente redesenhado e, por esse motivo, projectada com o novo material. O lance de escada de granito é mantido, não se alterando a sua materialidade. Tentamos enunciar a vontade de manter e respeitar o existente criando um diálogo com o novo.

79 “A intervenção num monumento difere da construção do novo porque opera sobre um corpo existente (onde a estrutura formal e espacial não é inteiramente inventada), o que implica uma relação aprofundada entre arte e técnica e entre construção e estrutura.” TOMÉ, Miguel - Património e restauro em Portugal (1920-1995). Porto: FAUP publicações, 2002. p.79



50 Esquema de intervenção - Casa "por dentro"; Ruína "por dentro" e "entre"

Nas Casas do Castelo estamos perante duas antigas habitações que se encontram em estados de degradação diferentes, apesar de se situarem no mesmo lugar face às mesmas condições climatéricas.

Acreditamos que a intervenção terá de se adaptar ao que encontramos no lugar, sem esquecer o valor afectivo, as memórias e o valor construtivo da pré-existência. A intenção é reabitar as casas e redesenhar os espaços, considerando a nova função que vai desempenhar.

“If the initial condition and the cause of the ruin are variable, is the way of acting upon it and the final result obtained after an architectural operation variable as well?”⁸⁰

Esta questão leva-nos a diferentes respostas de projecto de recuperação e re-apropriação do lugar. Se a Casa devoluta tem de sofrer uma intervenção para que se torne habitável de acordo com às nossas exigências de hoje, a ruína tem de sofrer uma maior intervenção para que se complete a sua forma e se criem novamente espaços interiores habitáveis.

Quanto à implantação do projecto, foi algo fácil e intuitivamente decidido que se apropriaria dos volumes consolidadas em granito sem alterar as suas fundações. Os volumes tinham presença por si só.

Uma vez decidido que a intervenção passava pelos dois volumes mas de formas diferentes - “por dentro” e “entre” - e se considerou o programa a implementar, entendemos que os elementos em pedra seriam mantidos por terem sobrevivido até aos dias de hoje e o volume em madeira refeito.

“I prefer ‘both-and’ to ‘either-or’, and black and white and sometimes gray, to black and white. A valid architecture evokes many levels of meaning and combinations of focus: its space and its elements become readable and workable in several ways at once.”⁸¹

A casa que encontramos no terreno representa um elemento importante na memória da família. Por ter sido a casa da avó, decidimos manter a sua estrutura, materialidade e presença no lugar. Pretendemos que se faça uma intervenção “por dentro”, para que se torne um espaço habitável e confortável, utilizando os materiais que a casa apresenta na sua origem - a madeira é o material utilizado na intervenção pelo interior.

Relativamente à ruína, foi feita uma escolha das paredes a manter e a excluir considerando sempre o valor construtivo das mesmas e a diversidade que dão à composição do conjunto. Desta forma, é importante manter as paredes como estão e onde estão atendendo ao programa pretendido. A intervenção é feita “por dentro”,

80 GIZZI, Stefano, Ruins and architectural restoration in TAVARES, Lino; ALARCÃO, Pedro (coord.) - Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações, 2011. p.179
81 VENTURI, Robert - Complexity and Contradiction in Architecture, 1966. in JENCKS, Charles, KROPF, Karl (coord.) - Theories and Manifestoes of Contemporary Architecture. Chichester: Academy Editions, 1997. p. 41

no piso térreo, e “entre”, no piso superior.

Na casa, a intervenção passa por refazer o que nos é apresentado utilizando os mesmo materiais. É necessário fazer um novo pavimento em madeira, com as vigas à vista no piso térreo e a cobertura, no piso superior, de três águas com asnas em madeira que se apoia nas grossas paredes de granito e revestida com telha marselha. As paredes de pedra, depois de limpas e tratadas, serão pintadas no exterior de branco para manter a textura e ondulação que lhes é natural. Deste modo, é necessário que se faça o isolamento pelo interior. Todo o espaço interior da casa é revestido com painéis de madeira que esconde o isolamento térmico e a estrutura da cobertura no piso superior.

A estrutura leve de madeira onde existiam os quartos é redesenhada e as aberturas são pensadas para a nova função que este espaço desempenha, manrndo pelo exterior a ardósia. O volume é redesenhado e actualizado tendo em conta as técnicas construtivas de hoje e leva o isolamento térmico entre as camadas de contraplacado exterior e o painel de madeira interior. Os materiais são os mesmo que já existem no lugar e são readaptados ao modo de construir actual. No exterior altera-se o mínimo possível da pré-existência, tanto a nível da volumetria como da materialidade. No interior cria-se uma nova percepção unitária do espaço traduzida pelo painel de madeira, criando a ruptura com o exterior pela materialidade e a regularidade.

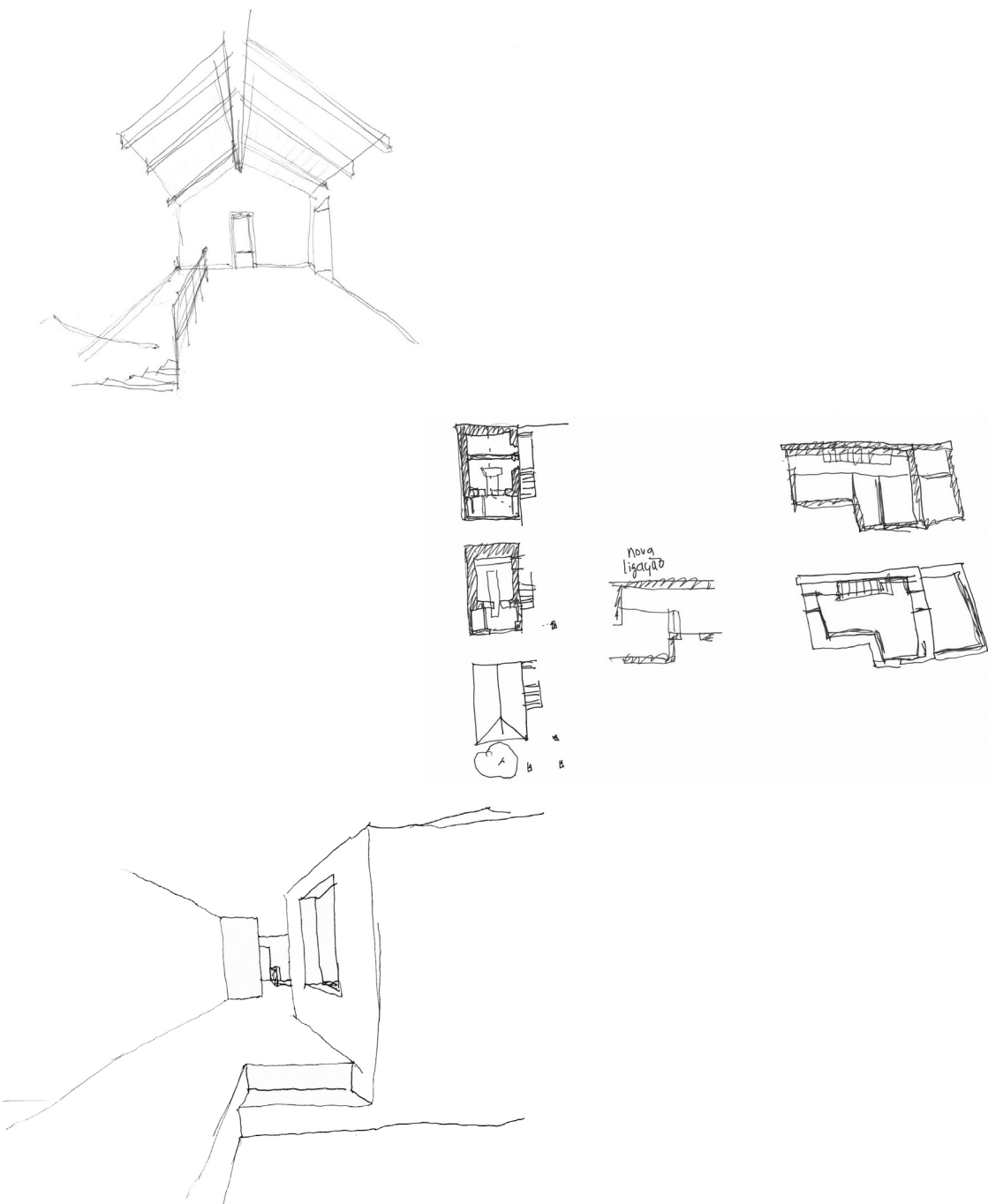
Na ruína, como só existem algumas das paredes exteriores e uma vaga ideia do que teria sido aquando habitada, a intervenção toma um caminho bastante diferente. Enquanto a casa tem um grande valor afectivo para a família, a ruína tem um grande valor construtivo para a intervenção. Mantemos as paredes de pedra e completamos a casa pelo perímetro que a pré-existência nos dá com um novo material. A intervenção é feita “entre” as paredes existentes com um material que se relacione com o granito. Pelo seu carácter estrutural é utilizado o betão à vista numa tonalidade que se relaciona com as cores do granito da região, mas com um acabamento mais liso que contraste com a rugosidade pedra. Pretende-se claramente marcar uma nova etapa na construção que vem dar continuidade ao processo de resposta às necessidades dos que vão usufruir dela.

Toda a casa será limitada por paredes de betão que se sentem, tanto no interior como no exterior da composição. Quando existem as paredes de pedra o novo material ocupa o interior da ruína e, por isso mesmo, traduz-se nos espaços

internos a sua materialidade. Criam-se espaços interiores onde o carácter estrutural da composição é remarcado. As paredes de pedra, que agora se fazem interiores, mantêm o material à vista, sem revestimentos e sem rebocos para que carácter estrutural dos materiais que sustentam a casa sejam transpostos para o interior.

No piso superior, a parede de betão passa a ser percepcionada pelo exterior e contrasta com a pedra existente. É necessário criar os novos limites da casa e aqui o betão é trabalhado para cooperar com as paredes de pedra existentes dando-lhe continuidade. Isto cria uma ruptura temporal pela diferenciação da materialidade, que quando se prolonga pela cobertura plana através das lajetas de betão retoma a ideia de volume maciço a que se associam as casas populares de granito. No interior, e novamente por questões técnicas e construtivas, é necessário colocar o isolamento térmico. Tratando-se de espaços que dizem respeito aos núcleos mais privados, apropriamo-nos da solução utilizada para a outra casa, painel de madeira, que torna o espaço mais confortável e maleável, contrastando com as texturas e cores do piso inferior, onde o carácter mais rígido e estrutural define os espaços comuns.

O projecto passa por propor uma nova utilização da casa através de um novo programa com espacialidades diferentes e pela capacidade de resposta a problemas construtivos que foram surgindo. A constante procura de resposta para estes problemas foi fundamental na evolução do processo projectual.



51 Esquissos do processo de projecto

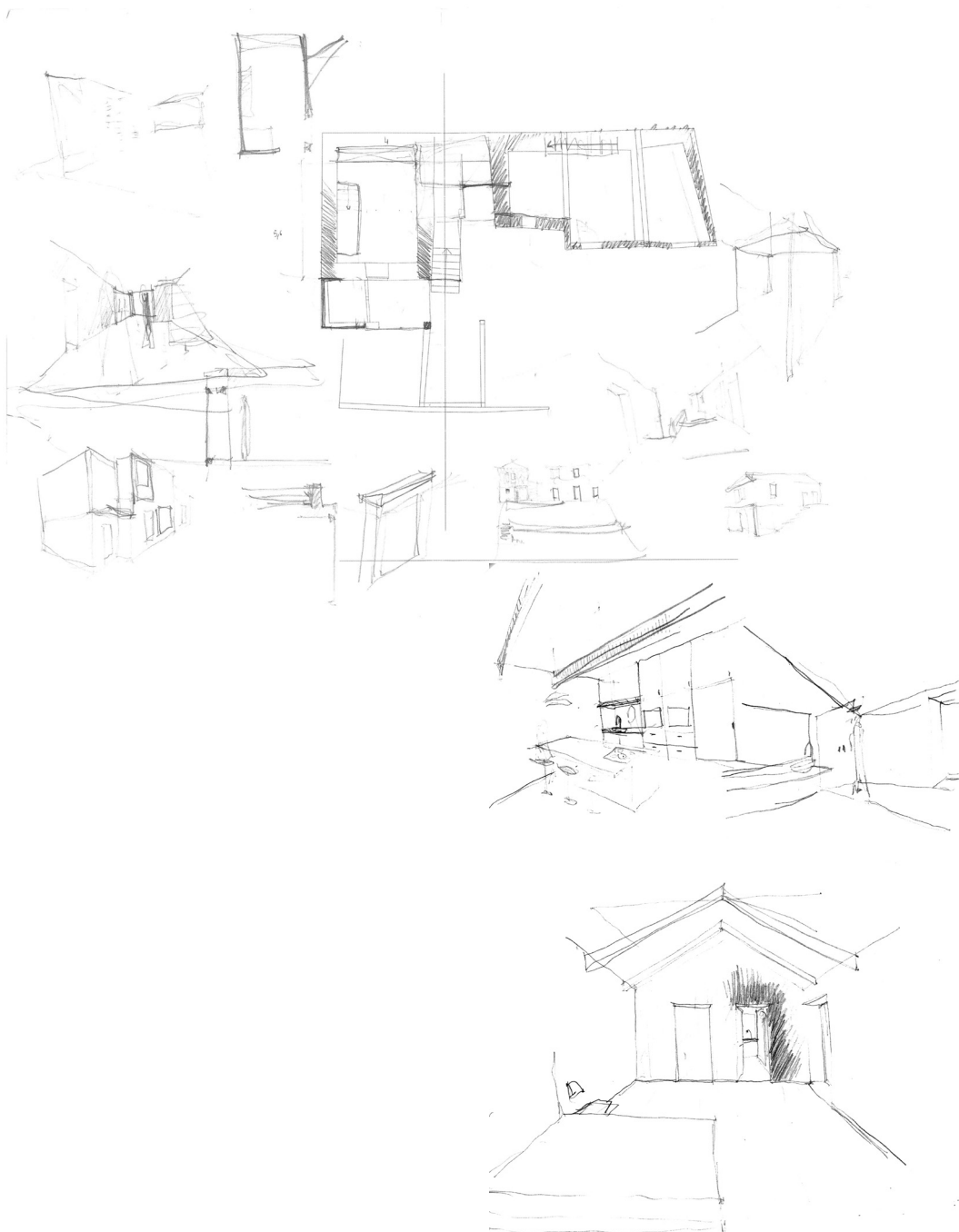
A intervenção resulta num volume com uma área bruta de aproximadamente 220m² e divide-se em dois núcleos: um núcleo social, formalizado num espaço contínuo entre as salas e a cozinha; e um núcleo mais privado, intimista com três quartos.

Na casa, a cobertura é feita de madeira, com três águas e revestida pelo exterior com telha marselha tal como a encontramos hoje. No interior, foi pretendido que a estrutura da cobertura fosse escondida para manter a continuidade dos planos de madeira das paredes para o tecto com a forma das duas águas; junto das janelas cria-se um espaço de tecto plano mais baixo que nos direcciona para o exterior. A primeira abertura no patamar de entrada que separa as casas serve o quarto de banho e ilumina esta divisão. A segunda porta que conecta directamente ao quarto abre-se para um espaço de distribuição que se define por um armário e a parede divisória do quarto de banho. A cama, centrada no espaço, encosta-se ao armário e, na zona mais a sul do quarto, um espaço de leitura abre-se para o terreno. Sendo este o maior núcleo privado da composição, tenta-se trabalhar toda a área disponível, criando diferentes ambientes, e através do desenho do tecto consegue-se deiferenciar os espaços, sem os separar fisicamente.

A ruína é rematada com uma cobertura plana, revestida com lajetas de betão, criando uma continuidade material. Nesta cobertura, vista da rua, aparece uma chaminé de betão que enuncia a localização da lareira enquanto fonte de calor do espaço de estar da sala mais pequena. No piso superior faz-se a entrada para um pequeno hall de distribuição: dois quartos e casa de banho e umas escadas de acesso ao piso inferior por umas escadas que se “escavam” na parede de pedra existente. Encontramos diferentes materialidades neste piso, a parede das escadas e as restantes paredes a norte apresentam-se em betão à vista - por serem a capa interior da estrutura que complementa a parede de pedra existente - e todas as outras são de painel de madeira. As paredes divisórias interiores são da mesma estrutura que as das outra casa, em madeira.

No piso térreo, na zona “diurna”, o espaço de estar ocupa uma posição central na casa com acesso ao piso superior. De um lado encontra-se a cozinha e do outro uma sala mais pequena com a lareira, mantendo uma relação contínua entre todos os espaços comuns da casa.

A cozinha e a sala de jantar ocupam o espaço inferior do volume da casa, com os armários encostados à parede a norte que definem a cozinha, cria-se uma espécie



52 Esquissos do processo de projecto

de balcão contínuo, ao centro da sala, que se prolonga em toda a sua extensão servindo de balcão de cozinha e mesa de jantar. Este espaço rectangular, revestido com os painéis de madeira é ritmicamente marcado pelas vigas que suportam o piso superior e é pavimentado com microbetão, que se aproxima da materialidade do piso original – terra batida. Ao fundo, uma janela de canto que se encontra com o pilar de pedra, permite uma fluidez dos espaços exterior e interior criando uma zona de refeições entre os esteios que existem ao fundo das escadas exteriores.

Entendemos de forma clara a intenção da intervenção na ruína e da reabilitação da casa. De forma a ligar estas duas construções, propomos um núcleo que permite a continuidade interior dos espaços da casa e remata as escadas de granito exteriores existentes. Uma estrutura em betão - contaminada pela intervenção na ruína - faz a transição de cotas da sala para a cozinha criando um espaço de estar, marcado por um banco que se funde com o último degrau. O betão chega à Casa e marca um aro na abertura que se faz na parede de pedra para permitir a passagem. Ao mesmo tempo, a madeira que reveste o interior da casa, invade este núcleo e aproxima-se das paredes de pedra à vista.

Por esta passagem que descrevemos, que se faz entre os móveis da cozinha e o balcão, subimos três degraus que nos enunciam um novo espaço, uma nova materialidade e um outro ambiente. Entre paredes de pedra e madeira, que limitam a passagem, começam a surgir as paredes de betão estruturais que formam o interior dos espaços no piso inferior da ruína. No nicho das escadas e nos aros das novas aberturas nas paredes de pedra, o betão surge como novo elemento interior. O pavimento nestes espaços é de madeira para que se encontre um equilíbrio entre a rigidez da pedra e do betão e o conforto da madeira.

O acesso ao exterior é feito pelas janela-porta de caixilharia de madeira que se encontram a uma altura superior à cota do pavimento interior necessitando de um elemento que permita essa transição entre estes. Uns maciços de madeira colocados em relação com a janela permitem que se faça esta passagem, criando uma relação diferente da que se existe na sala de jantar entre o interior e o exterior.

A entrada para as casas é alterada para se adaptar à intervenção. Entrando no terreno pelo portão entre as casas, descemos para um patamar que está de nível com o piso superior da ruína, criando uma ligação directa com esta e em seguida encontramos um outro patamar que permite o acesso à casa - quer ao quarto quer à casa de banho - a uma cota mais baixa. Este núcleo de acesso foi redesenhado em

conjunto e em função da passagem que se encontra por baixo e que conecta os dois volumes. A escada de granito que existe, depois da entrada para a Casa, mantém-se sem qualquer alteração.

Os muros de granito que limitam as belgas no terreno são também redesenhados. Criam-se espaços estáveis ao nível do piso térreo para que seja possível um prolongamento do espaço interior para o exterior. Com novos percursos ao longo do terreno pretende-se que a intervenção passe também por melhorar os espaços exteriores que até então nunca foram utilizados como espaço de estar mas sim de trabalho.

Criamos, no patamar intermédio, um espaço de estar com piscina; tentando manter quando possível a vegetação existente. Enterrado, ao lado da piscina, com acesso pelo patamar inferior, localiza-se um espaço de arrumo e arrecadação que serve o terreno que tenta camuflar-se nos muros de granito e abre-se num único vão que permite o acesso ao interior.

O último socalco do terreno, com uma maior extensão e de forma mais irregular, mantém as oliveiras existentes e dá lugar a um espaço de maior recolhimento e encontro com a natureza, afastando-se mais da casa e do caminho principal. Por umas escadas de pedra, também estas redesenhadas, acedemos a um outro caminho de carácter secundário, somente para pedestres a sul do terreno.

Proposta

Planta de cobertura 1:200
Planta de proposta 1:50
Alçados da proposta 1:50
Alçado Sul 1:100
Cortes Longitudinais e Transversais 1:50
Cortes Construtivos 1:20

Levantamento

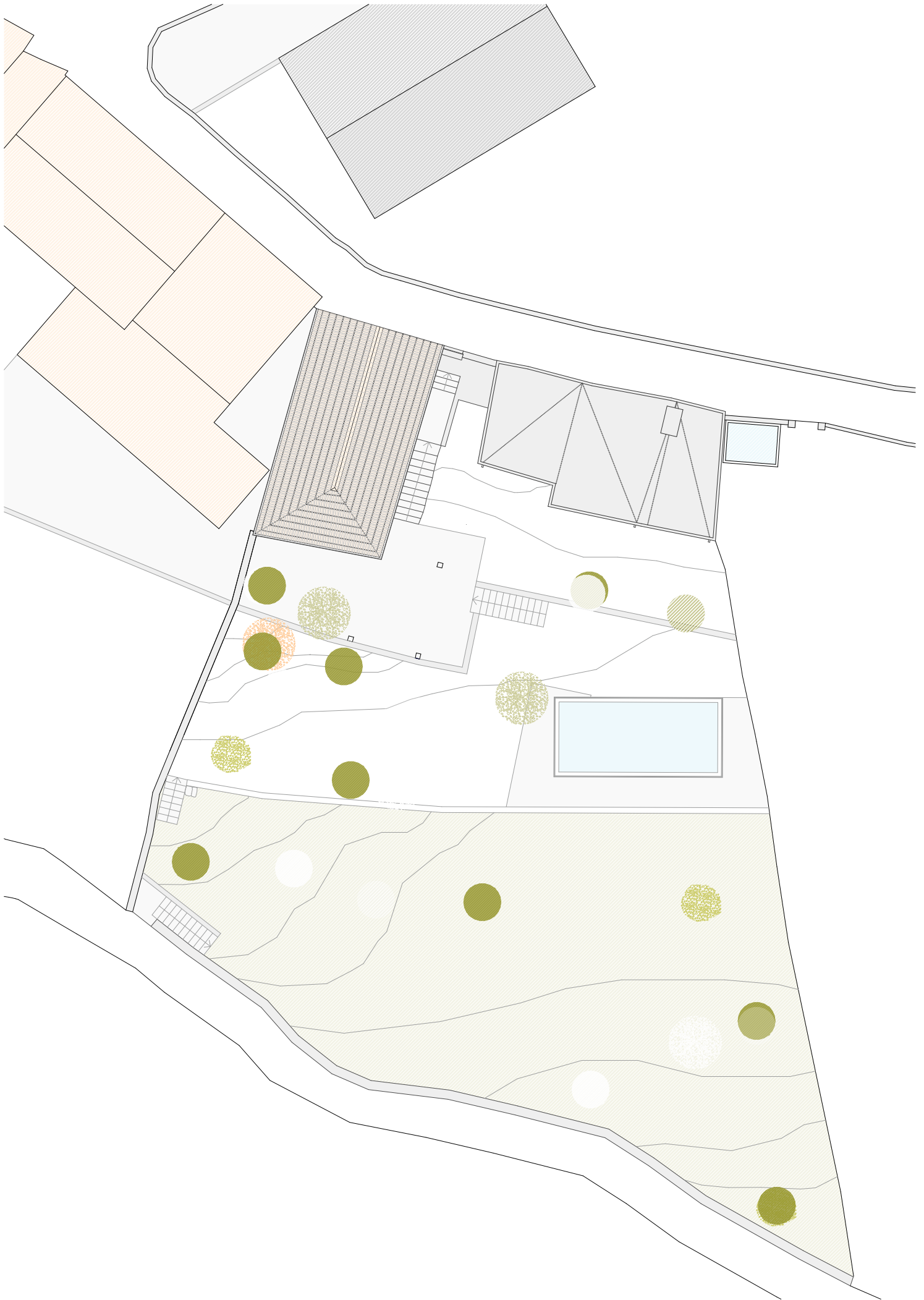
Planta de cobertura 1:200
Planta de levantamento 1:50
Alçados de levantamento 1:50

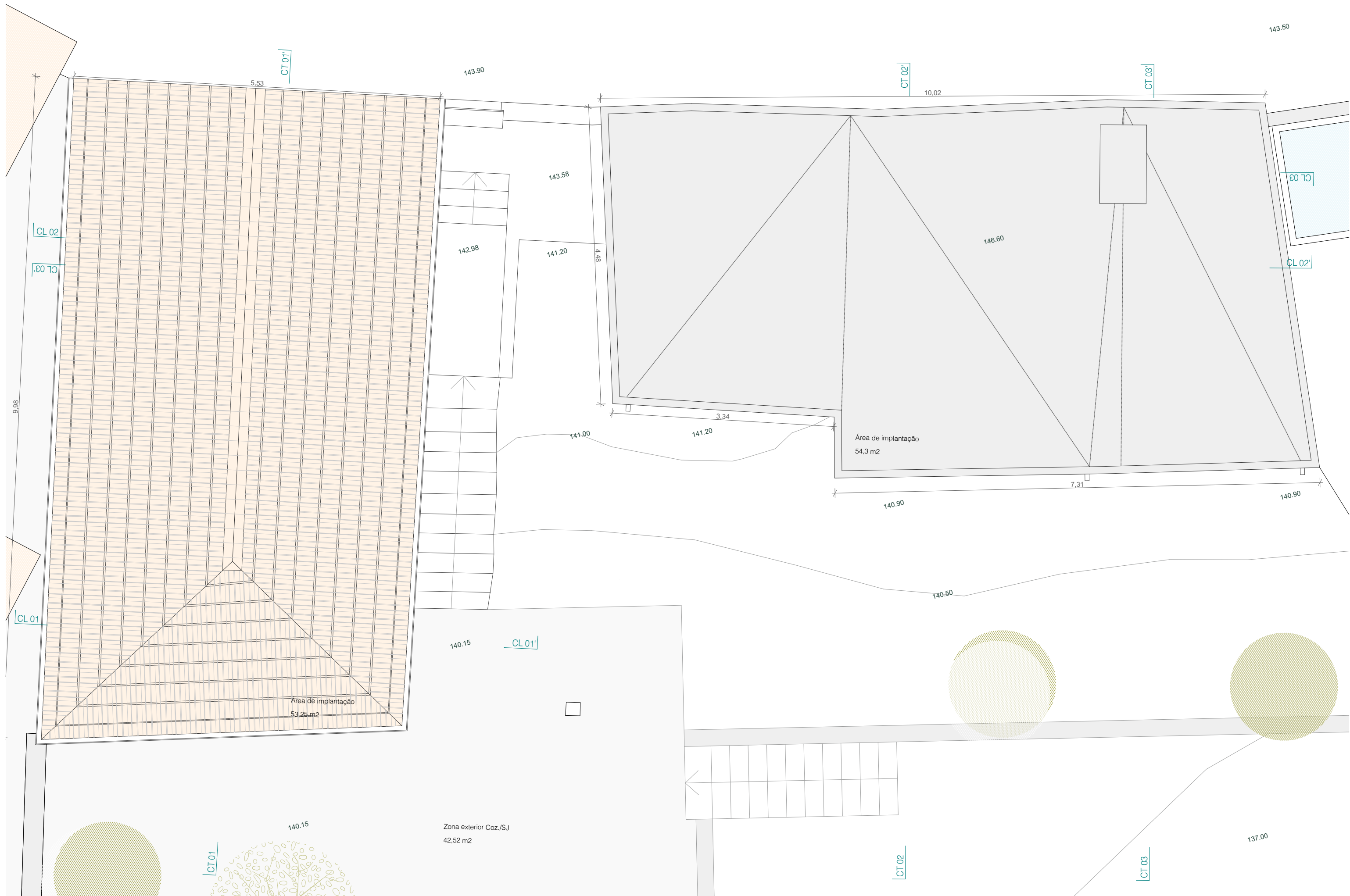
Vermelhos e Amarelos

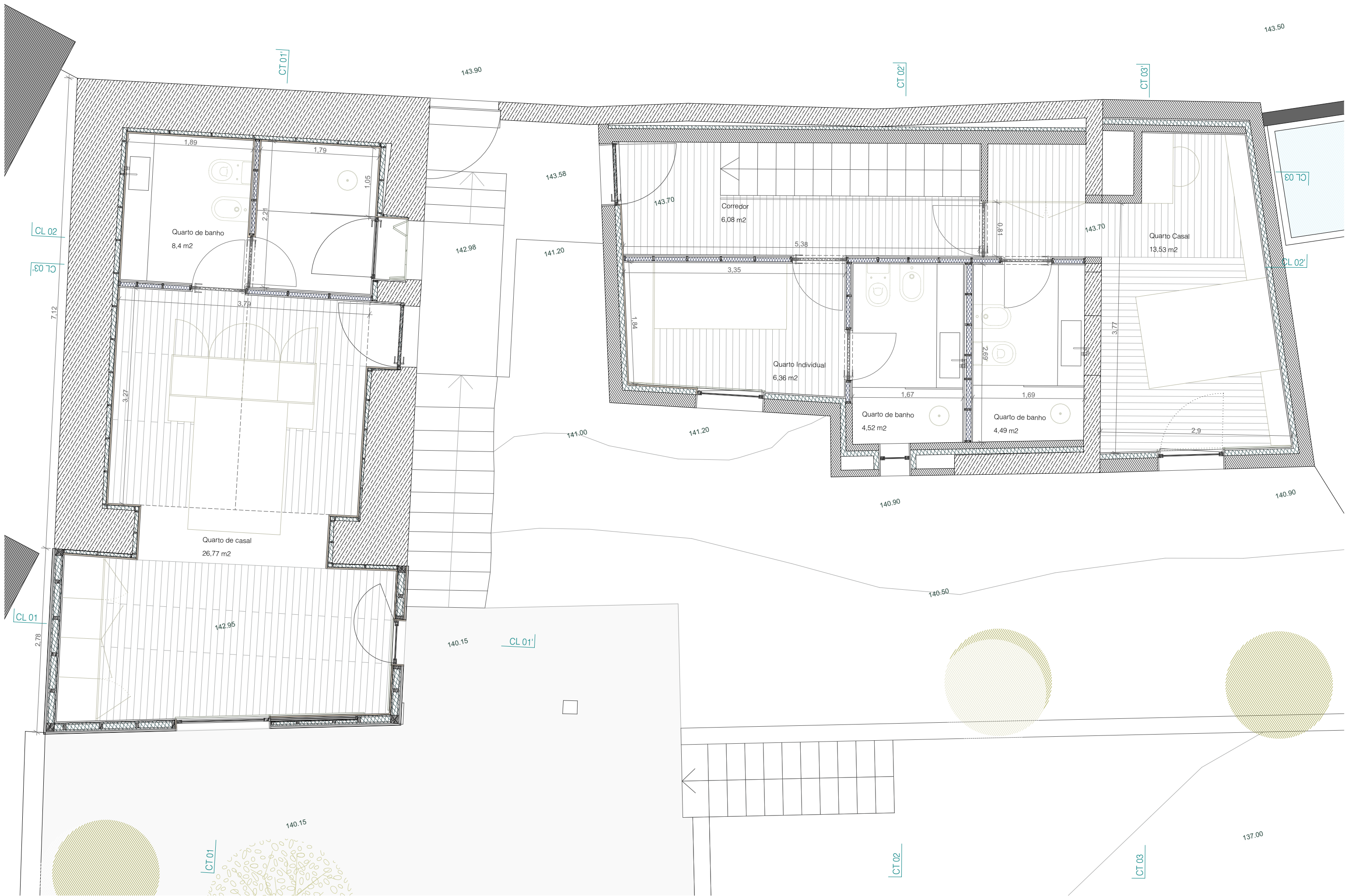
Plantas 1:100
Corte Longitudinal 1:100

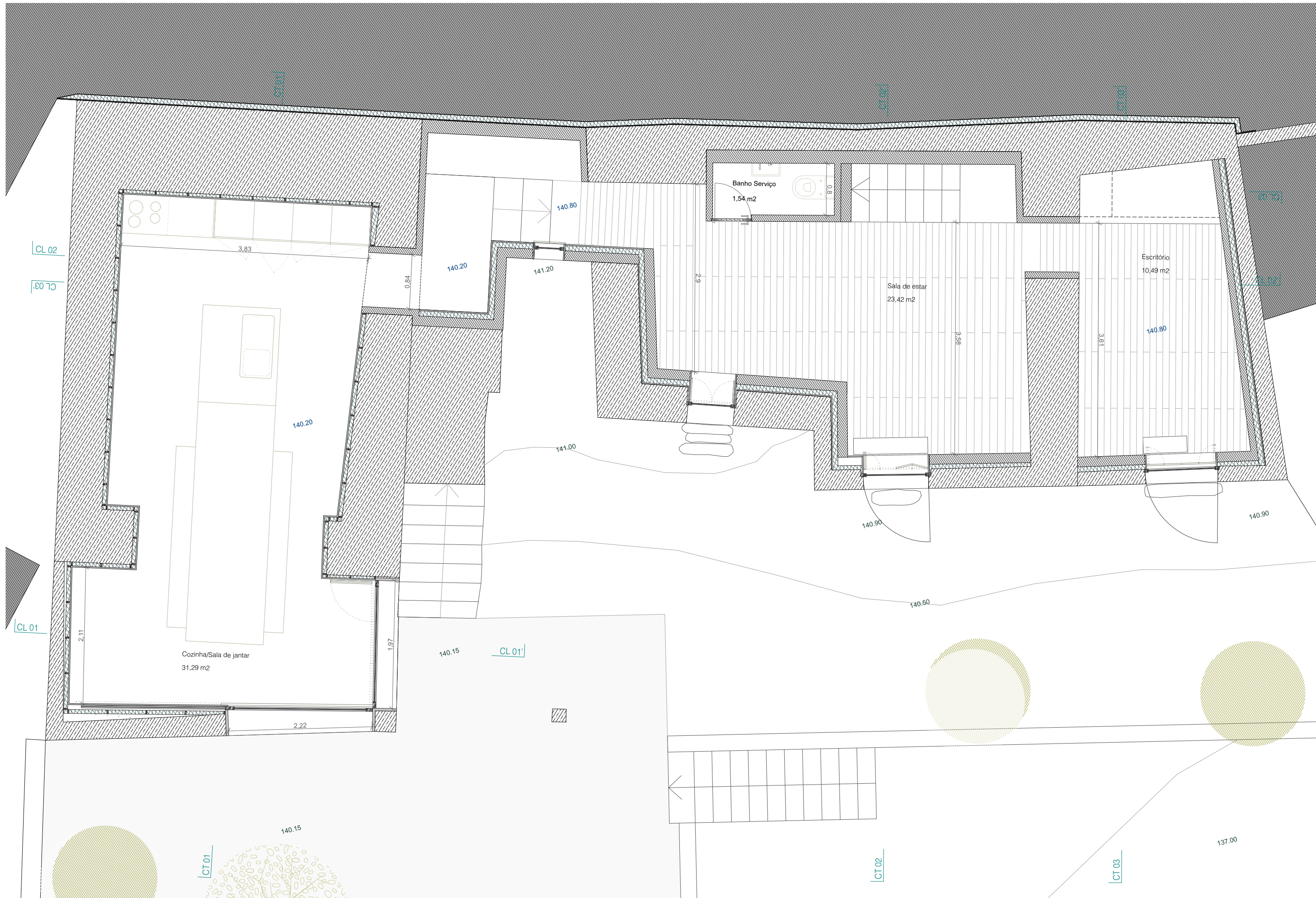
Axonometria

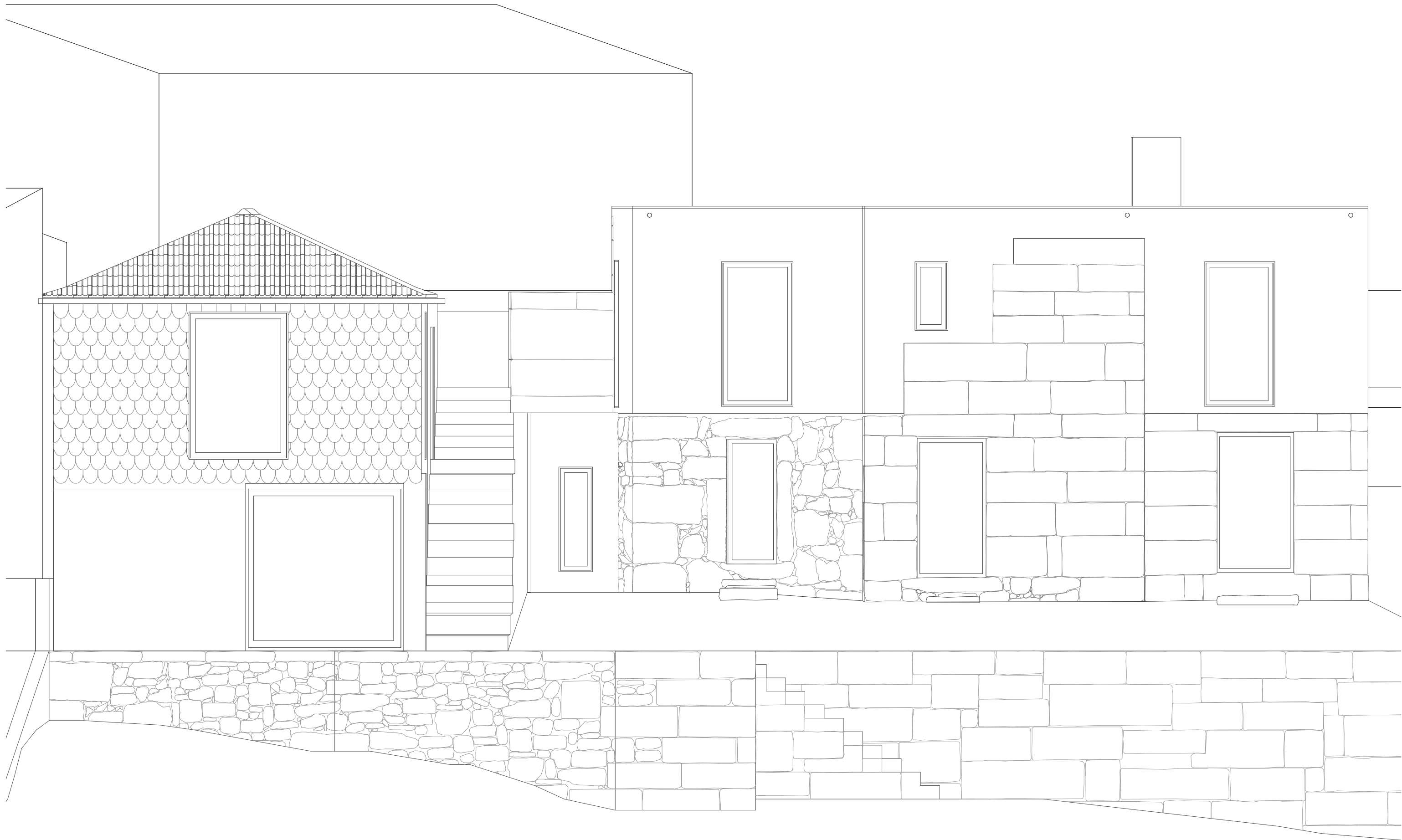
Estudo da evolução da construção da pré-existência
Pré-existência
Intervenção

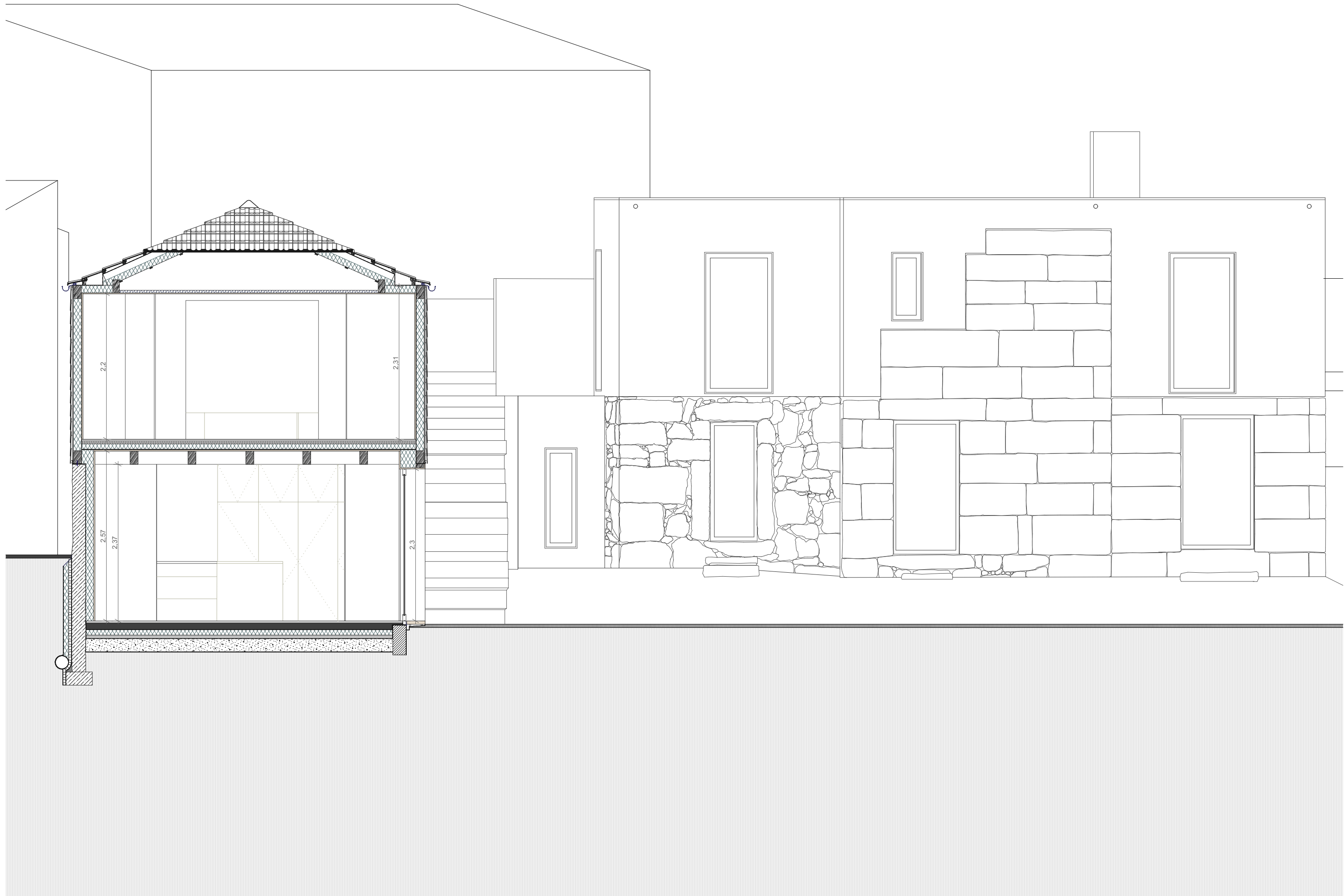


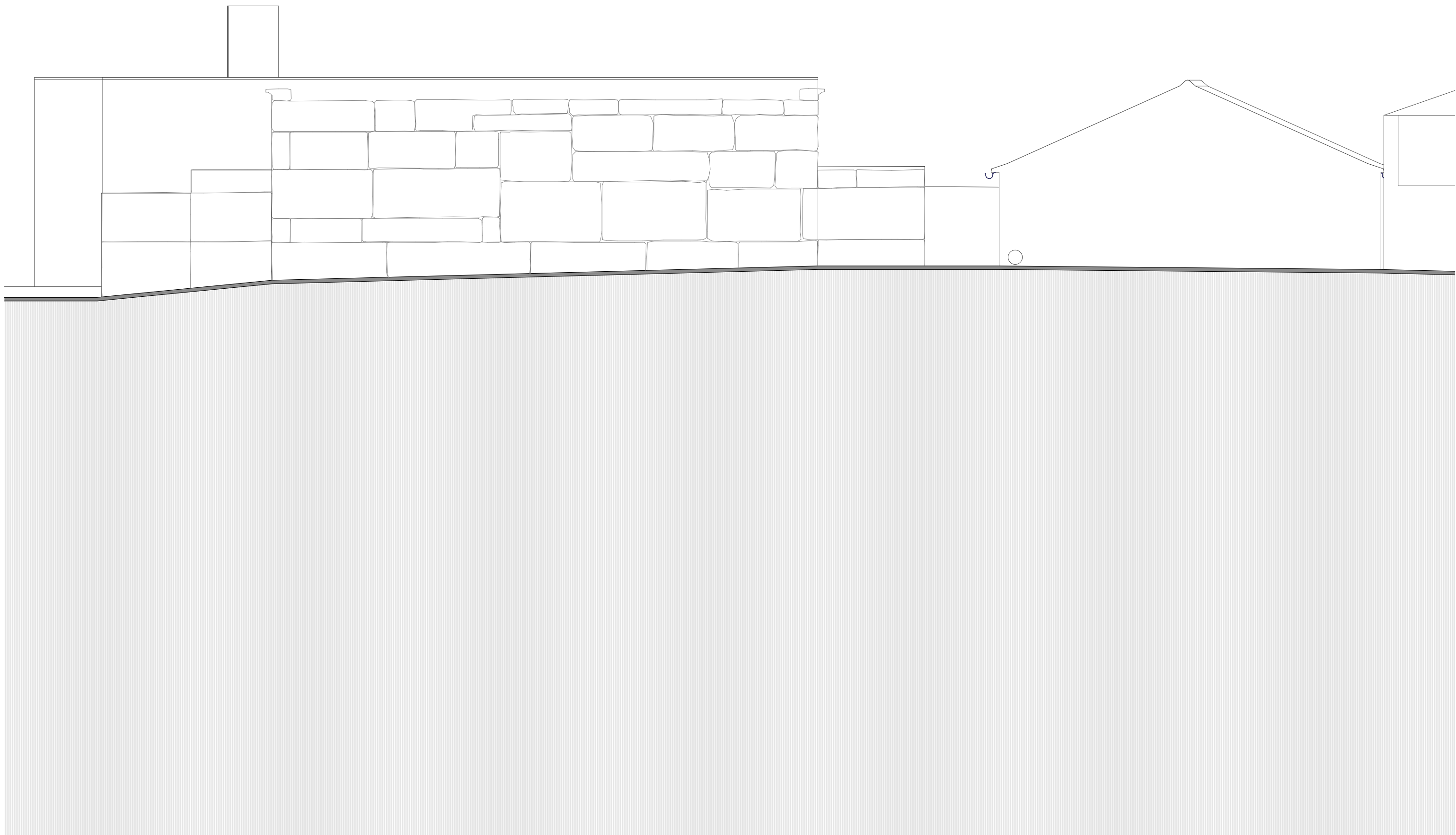


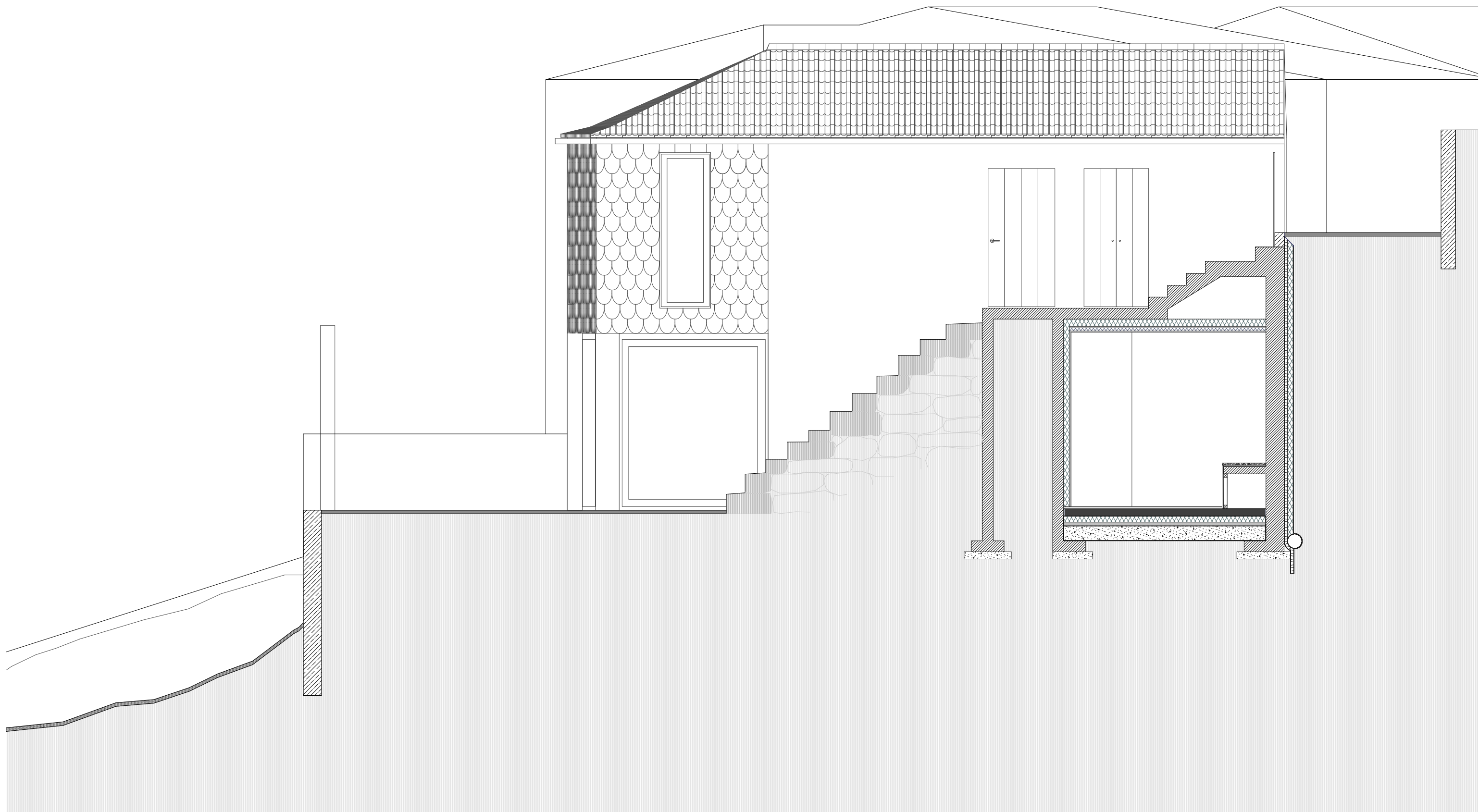


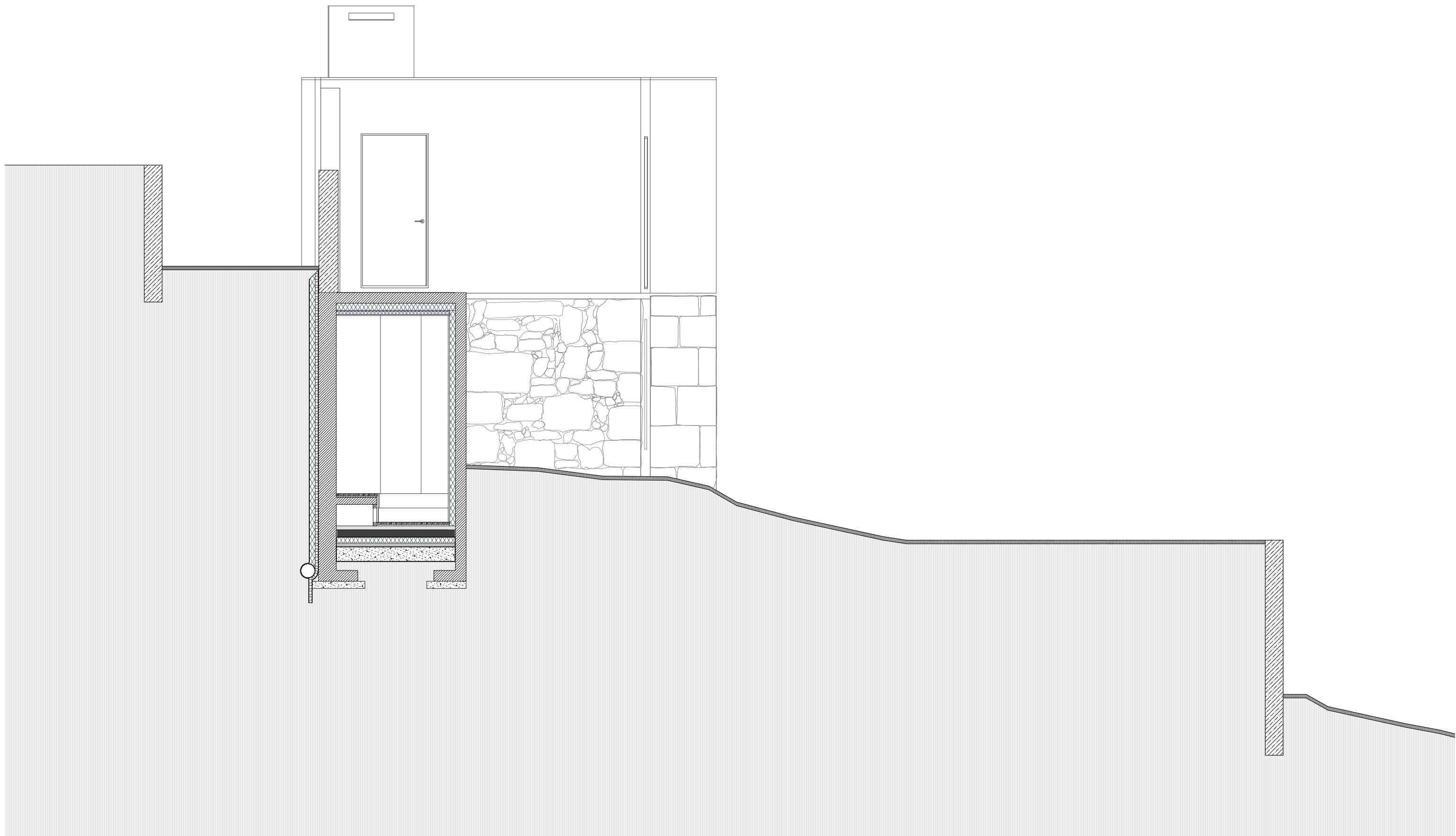




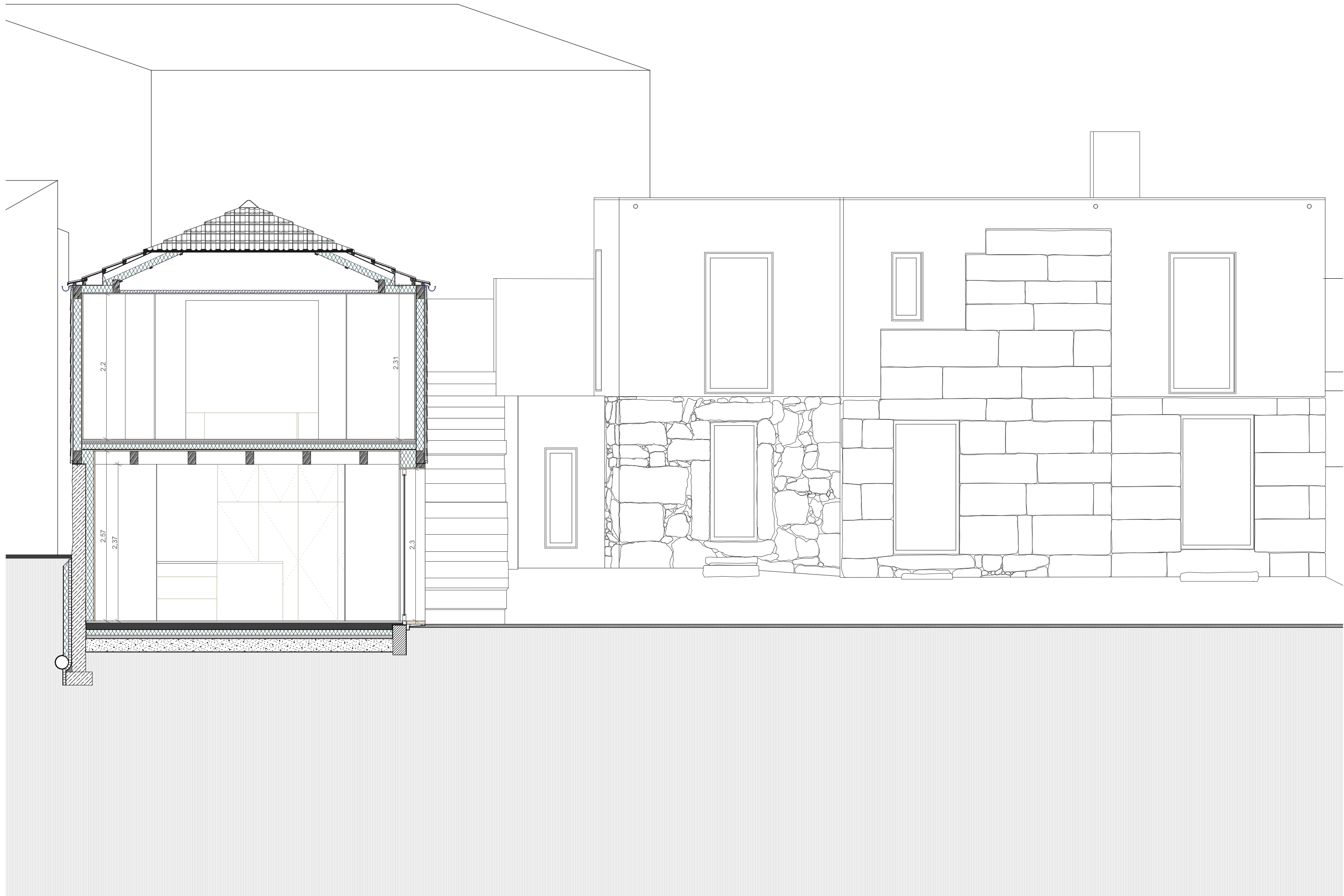


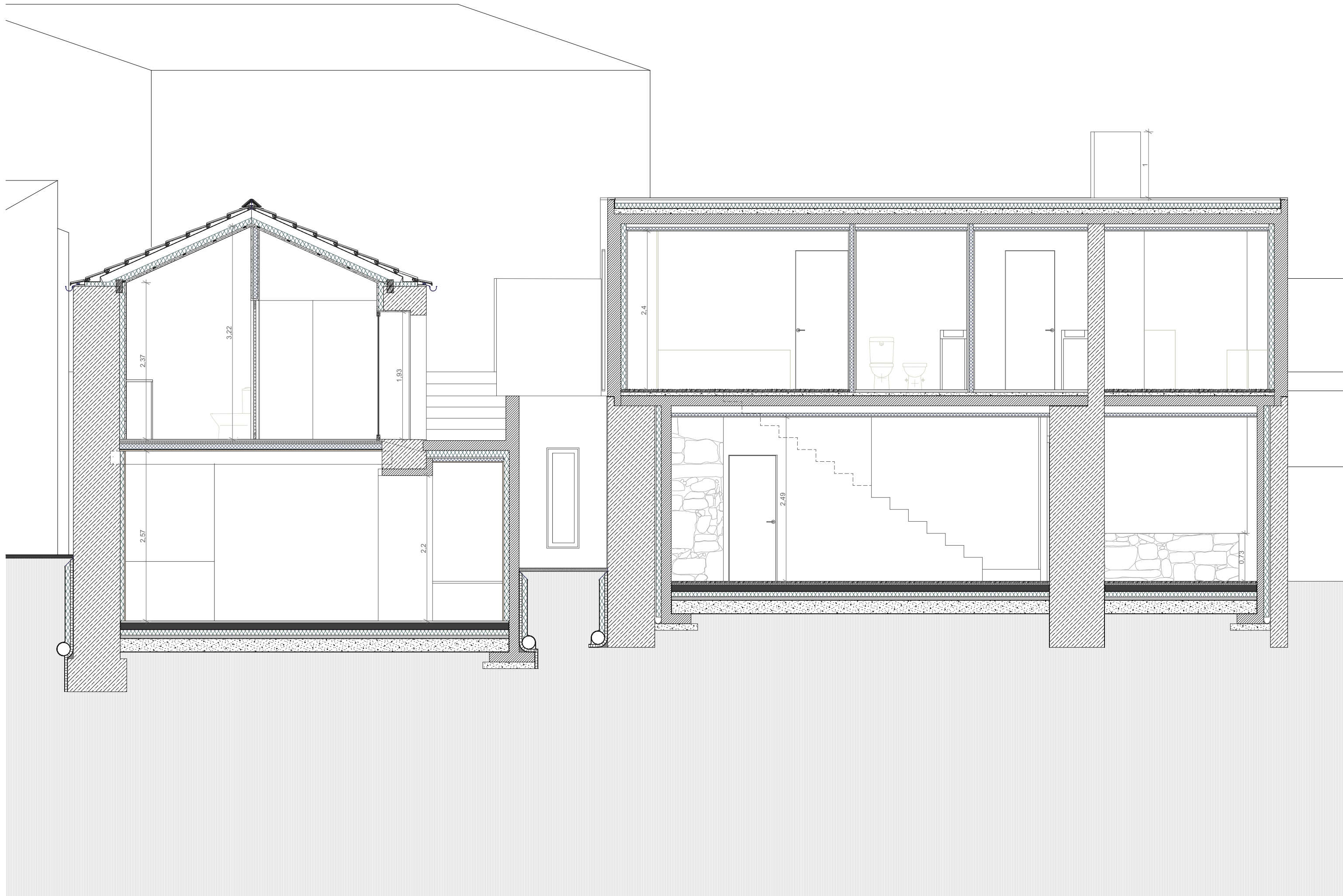


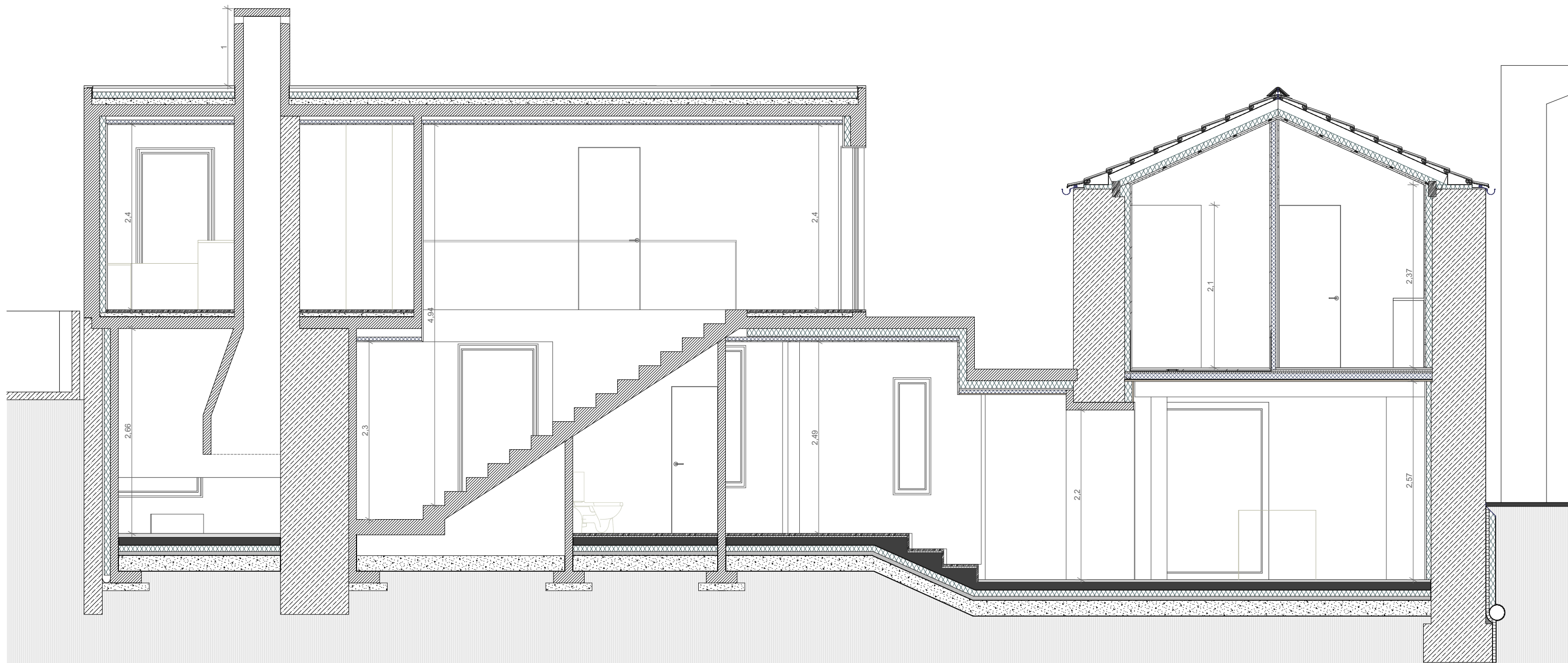


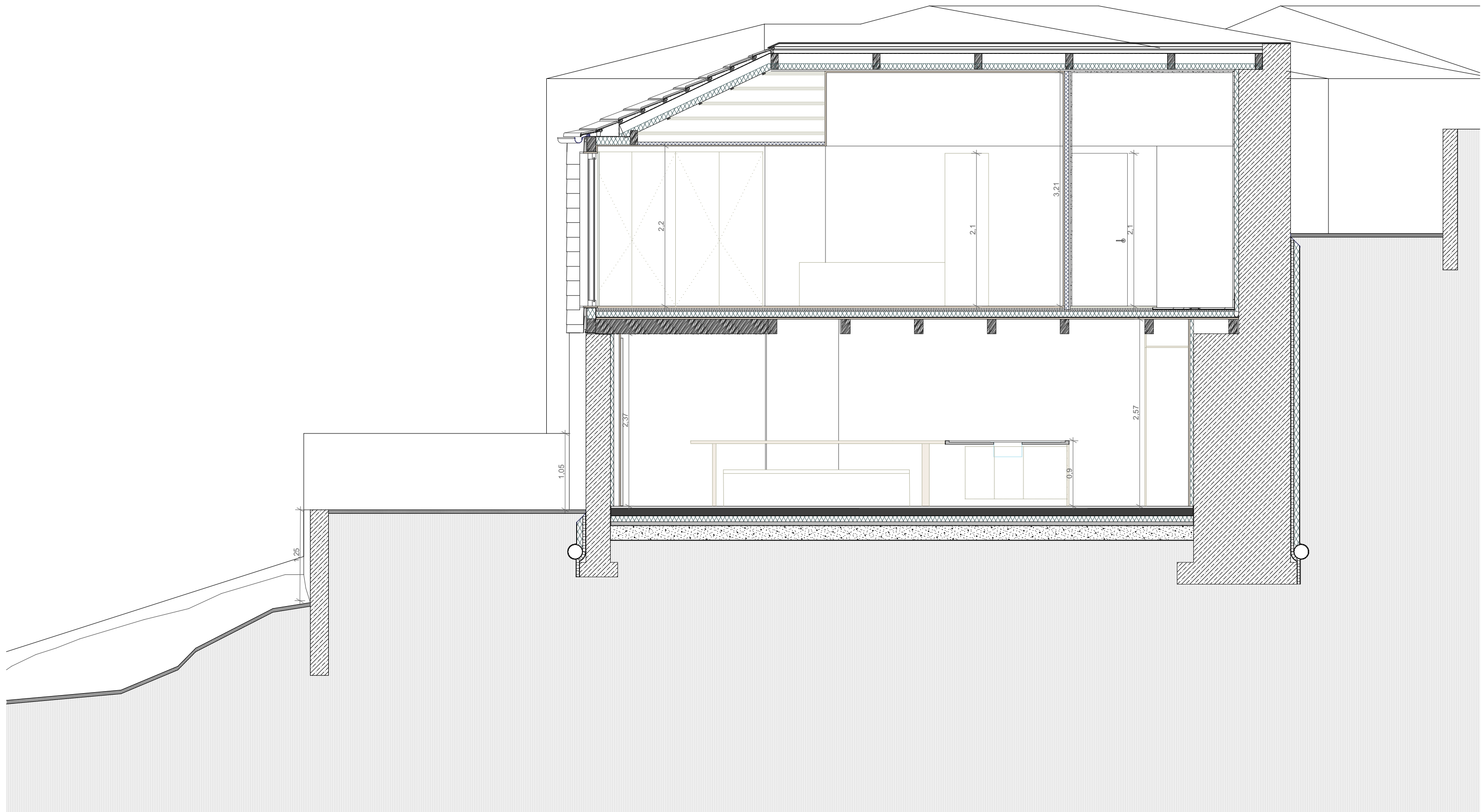


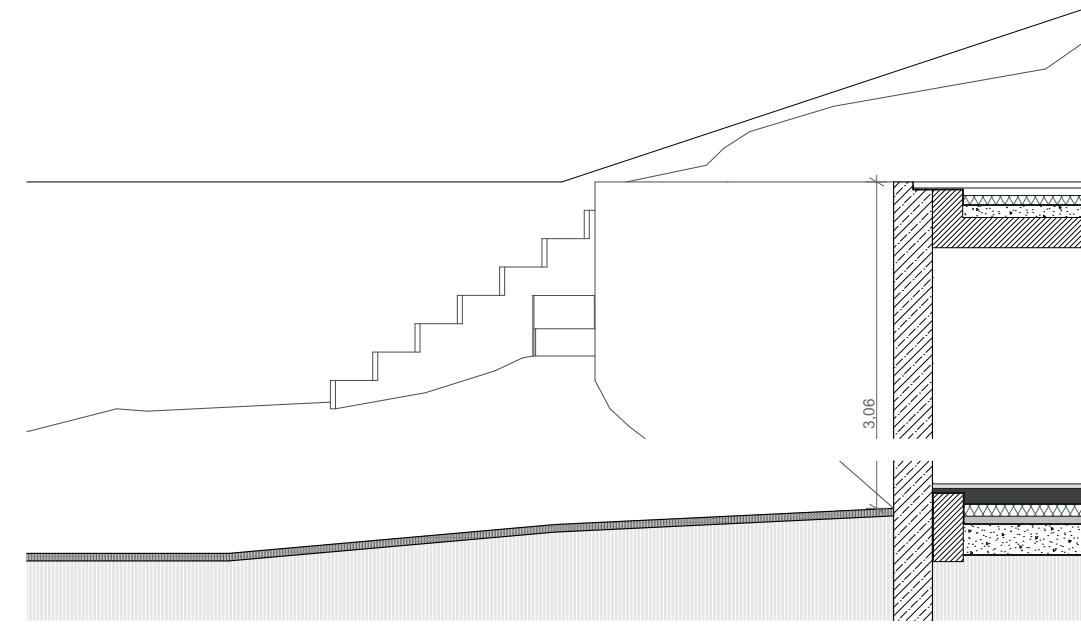


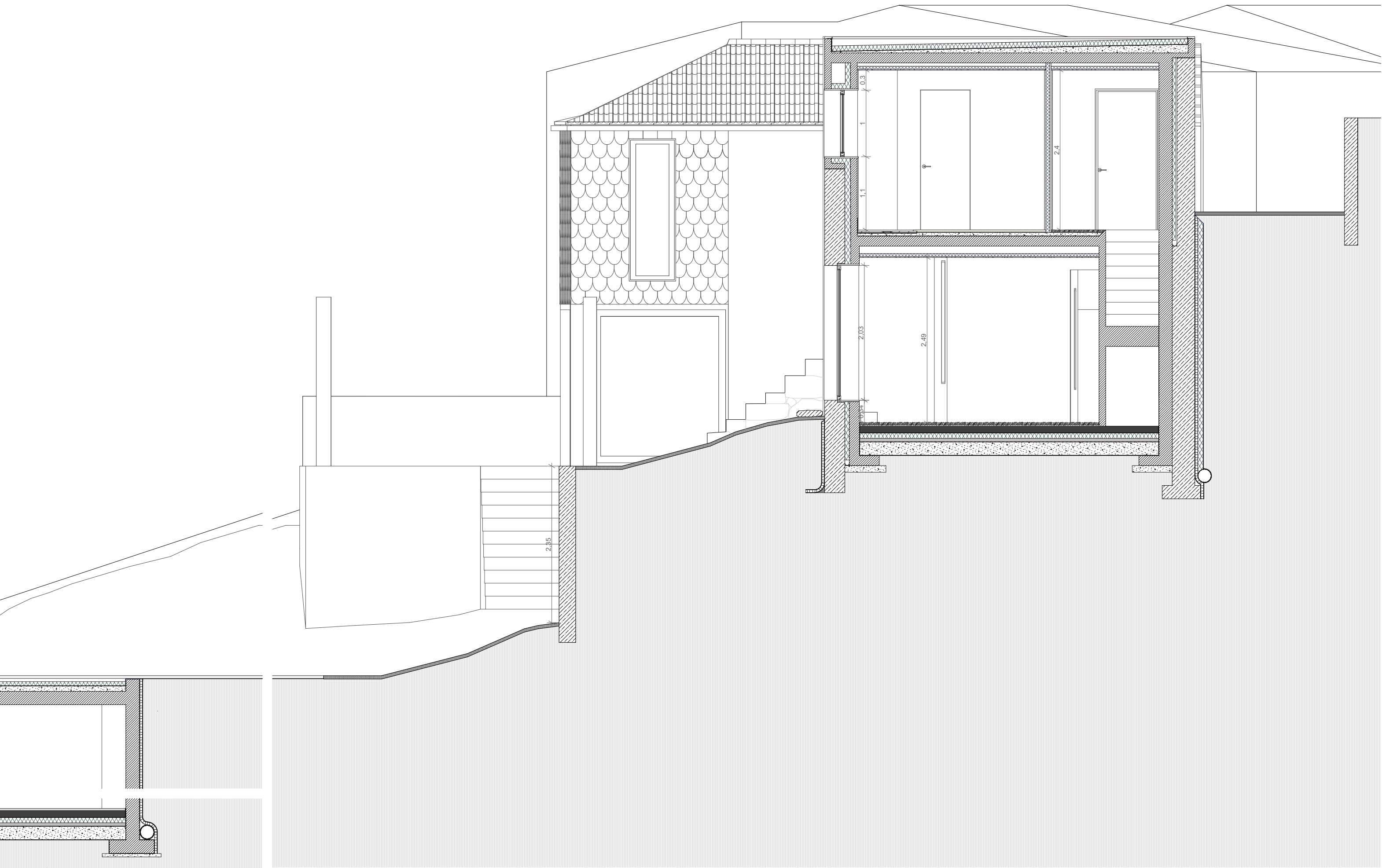


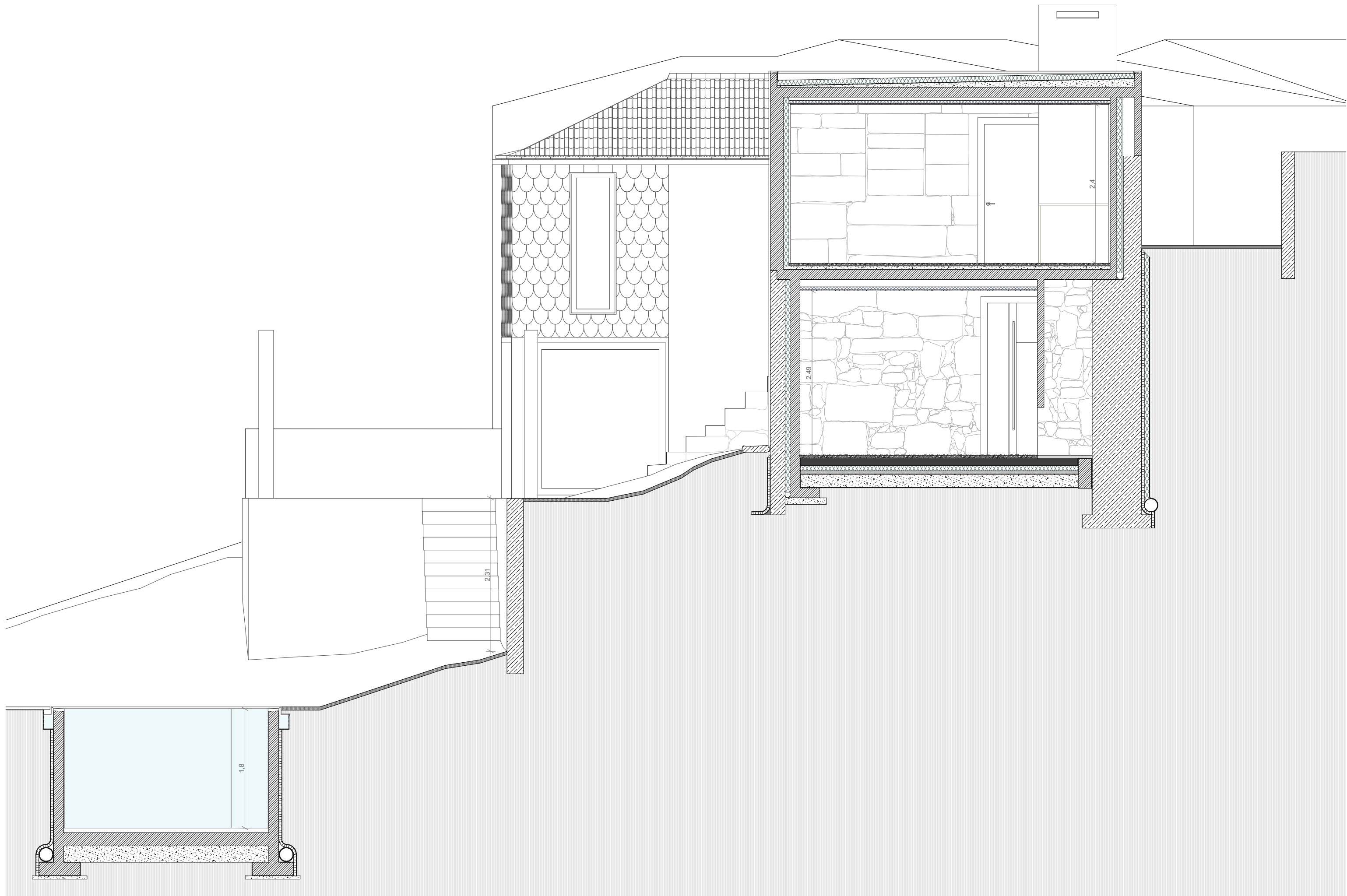


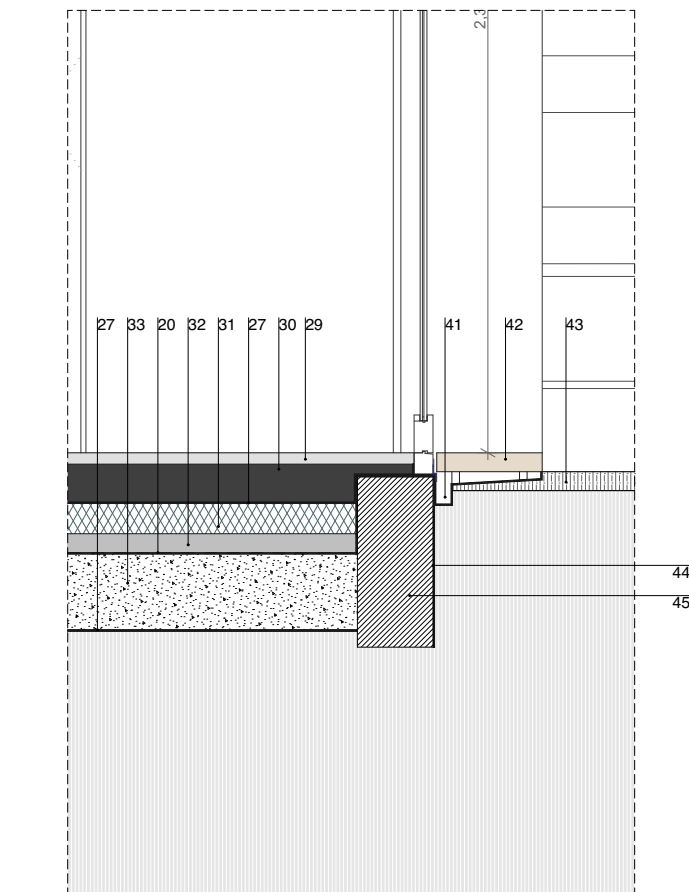
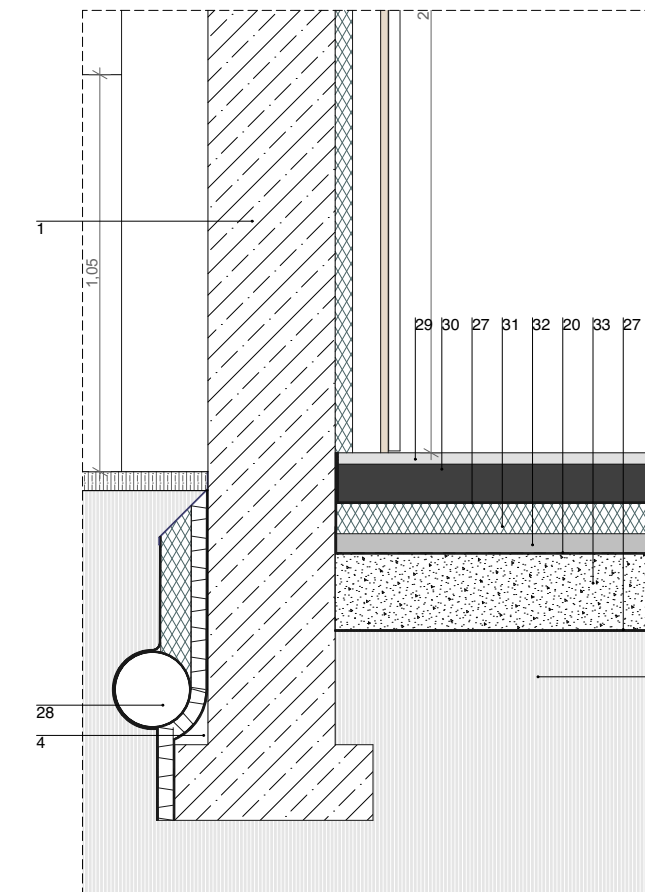
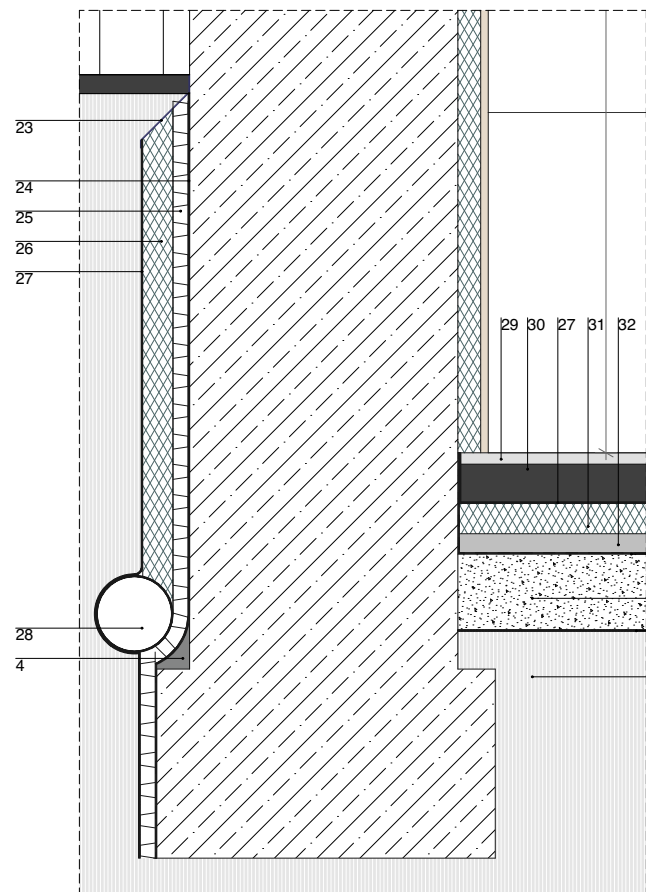
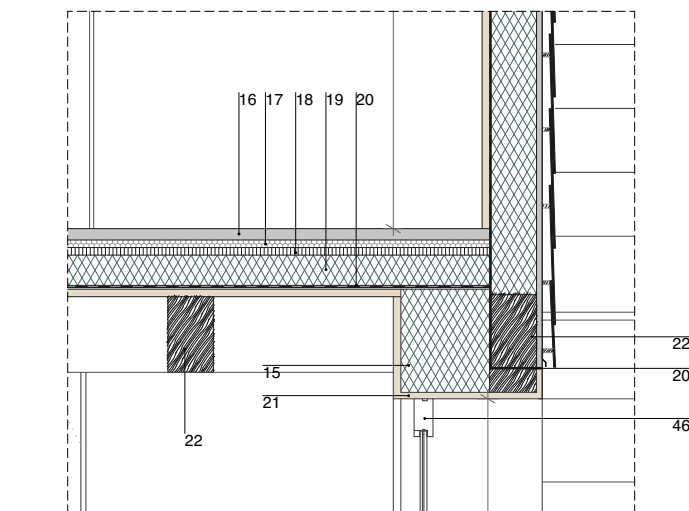
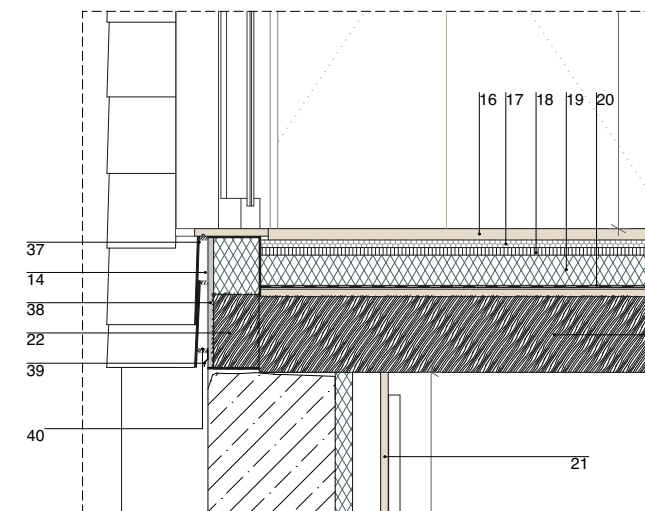
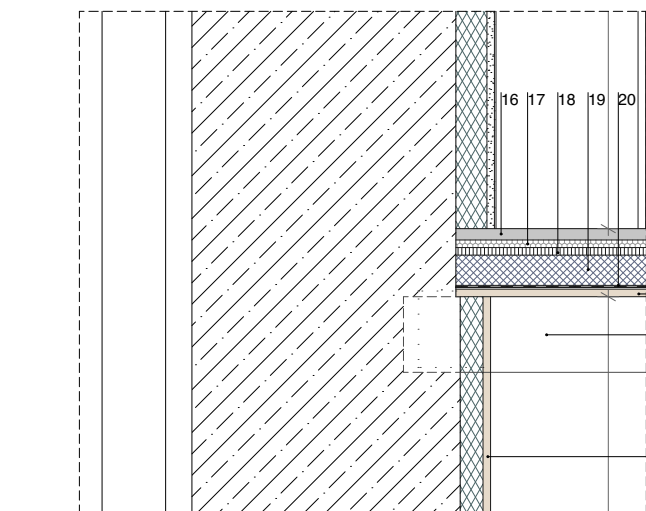
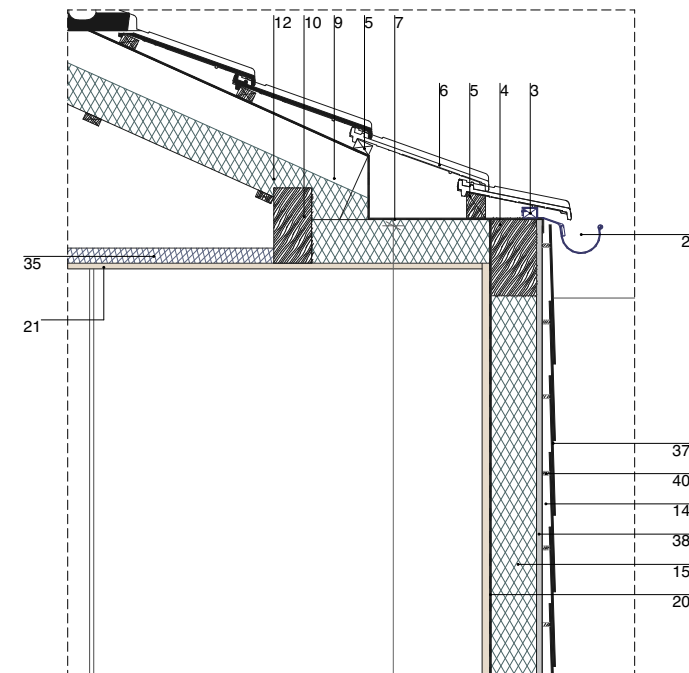
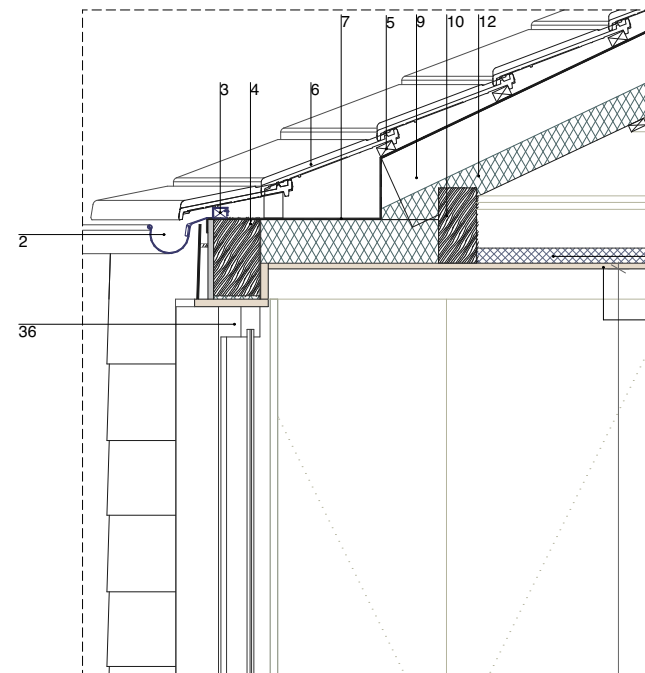
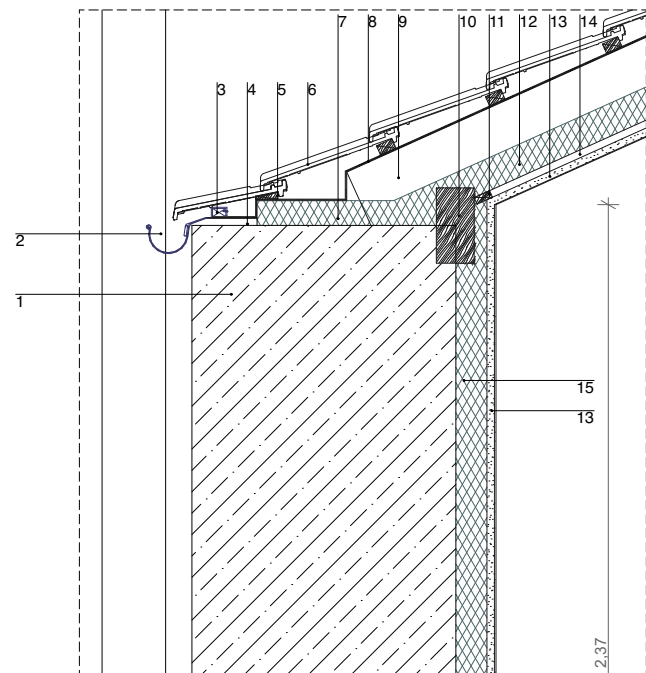










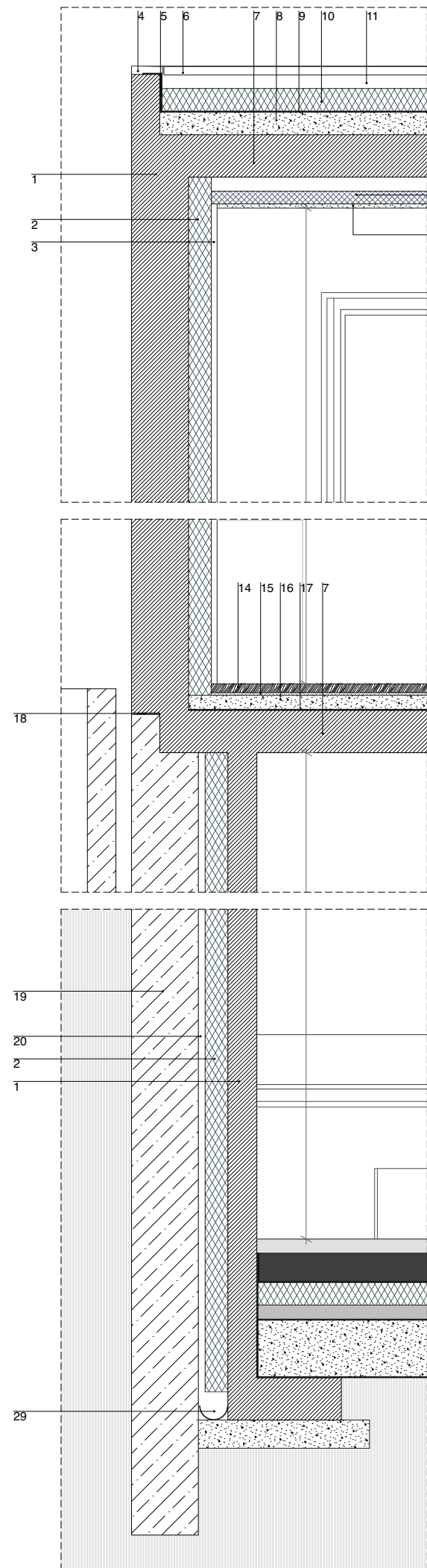


CL 02

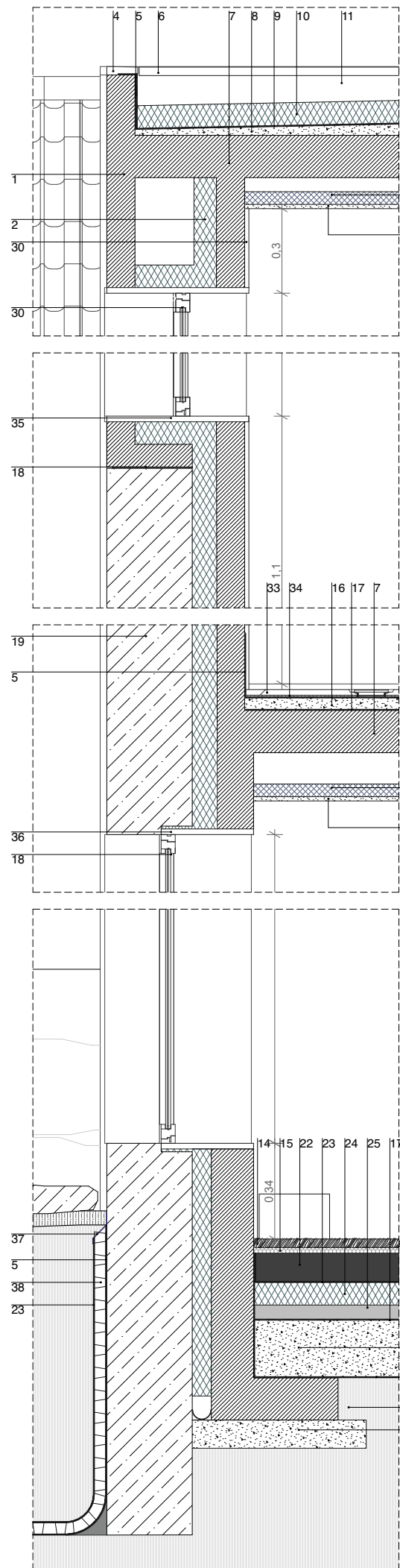
CT 01

CL 01

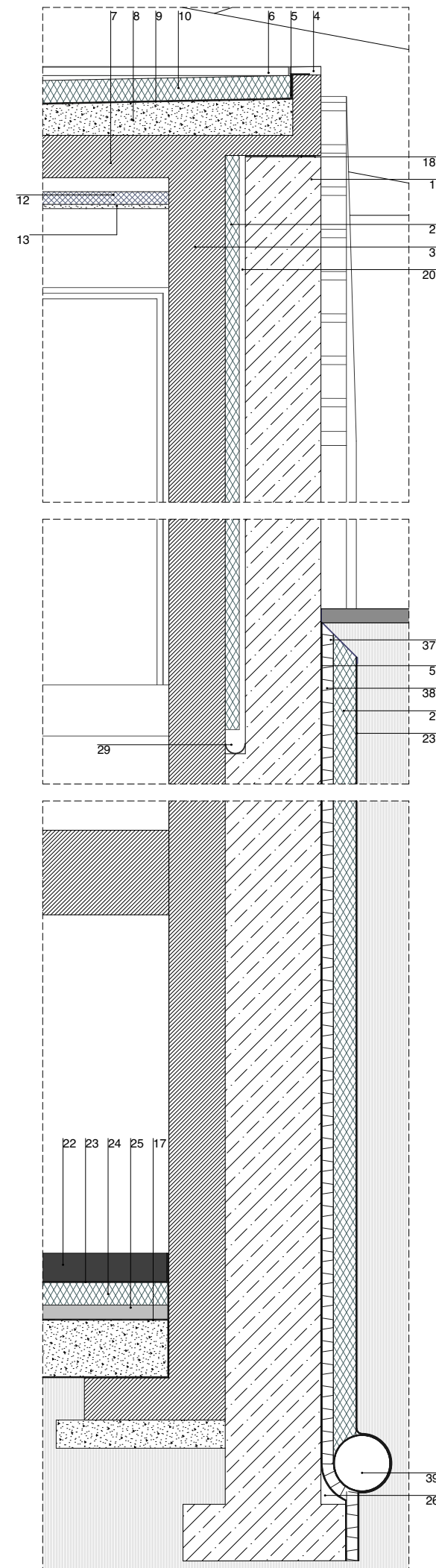
- 1 Parede de Pedra existente, esp. variável, com argamassa nas juntas e reboco no exterior
- 2 Caleira
- 3 Ripa de beira de apoio/fixação da telha
- 4 Argamassa de regularização
- 5 Ripa de fixação de telha
- 6 Telha Marselha do tipo CS D3+
- 7 Isolamento térmico XPS Roofmate, esp. min. 5cm
- 8 Tela de impermeabilização
- 9 Asna de madeira, estrutura de cobertura, 10x20cm
- 10 Viga de madeira 10x20cm
- 11 Ripa de fixação de isolamento térmico e dos painéis de madeira
- 12 Isolamento térmico XPS Roofmate, esp. 10cm
- 13 Gesso cartonado hidrófugo para zonas húmidas
- 14 Caixa de ar 2cm
- 15 Isolamento térmico lã de rocha, esp. variável min.4cm
- 16 Soalho de madeira de pinho, esp. 3cm
- 17 Cola para aplicação do soalho
- 18 Painel contraplacado, esp. 2cm
- 19 Isolamento acústico lã de rocha, esp. 8cm
- 20 Tela polietileno
- 21 Painel de madeira de pinho, esp. 2cm
- 22 Viga de madeira 12x20cm
- 23 Perfil metálico de protecção de mantas
- 24 Tela asfáltica de impermeabilização
- 25 Manta drenante
- 26 Isolamento térmico XPS Wallmate, esp. 8cm
- 27 Manta geotêxtil
- 28 Dreno
- 29 Microbetão, esp. 3cm
- 30 Massame de betão, h= 10cm
- 31 Isolamento térmico XPS Floormate, esp. 8cm
- 32 Betonilha de regularização, h= 5cm
- 33 Camada de Brita, h=20cm
- 34 Terreno compactado
- 35 Isolamento acústico lã de rocha no tecto falso, esp. 4,5cm
- 36 Caixilho de correr de madeira
- 37 Revestimento exterior em placas de ardósia
- 38 Painel aglomerado de madeira, esp. 2cm
- 39 Perfil metálico pingadeira
- 40 Ripa horizontal de fixação do revestimento exterior
- 41 Caleira de recolha de água do caixilho
- 42 Soleira
- 43 Relva
- 44 Pintura asfáltica para fundações
- 45 Viga de betão 20x45cm
- 46 Caixilho fixo de madeira



CL 03



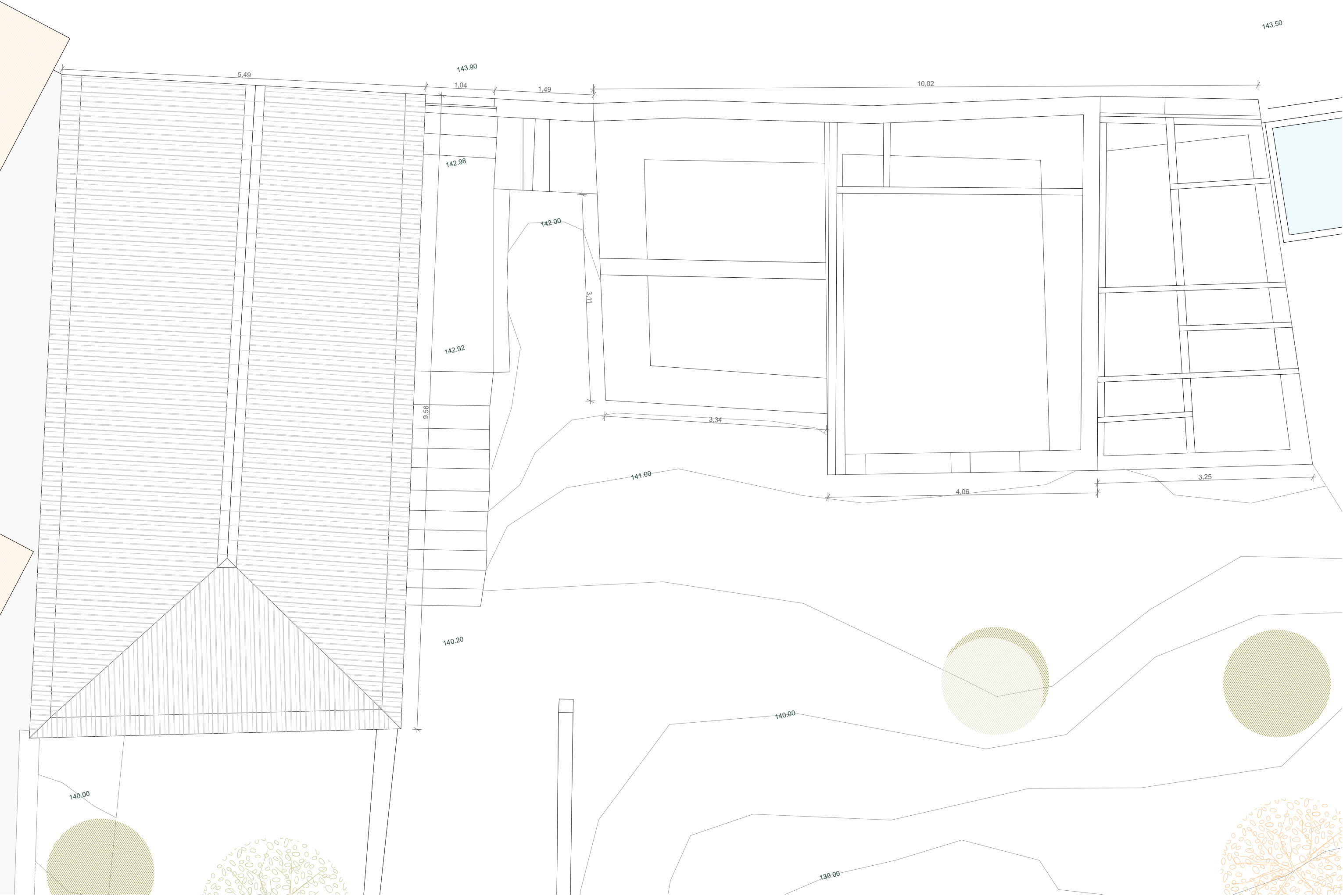
CT 02

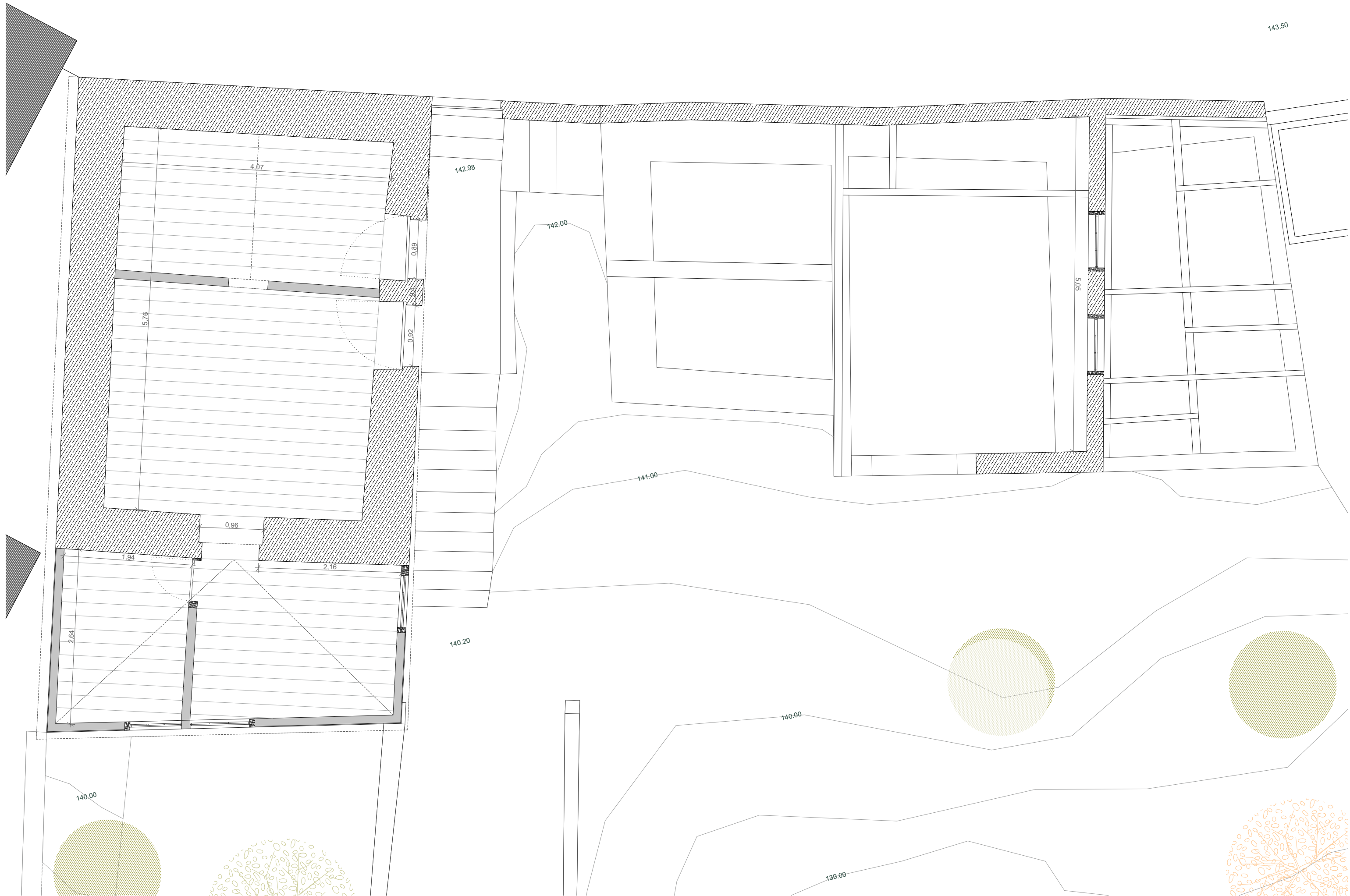


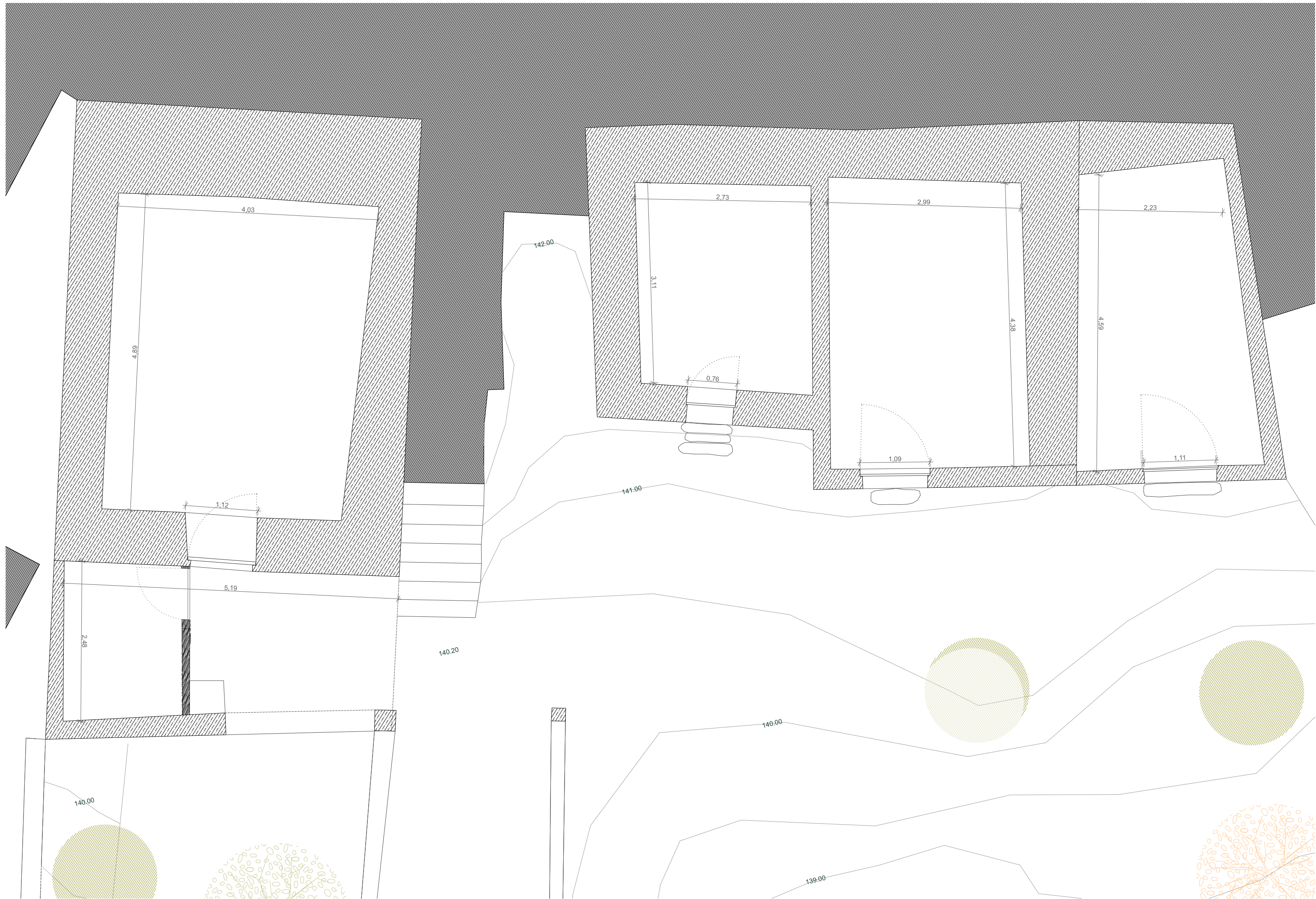
CT 02

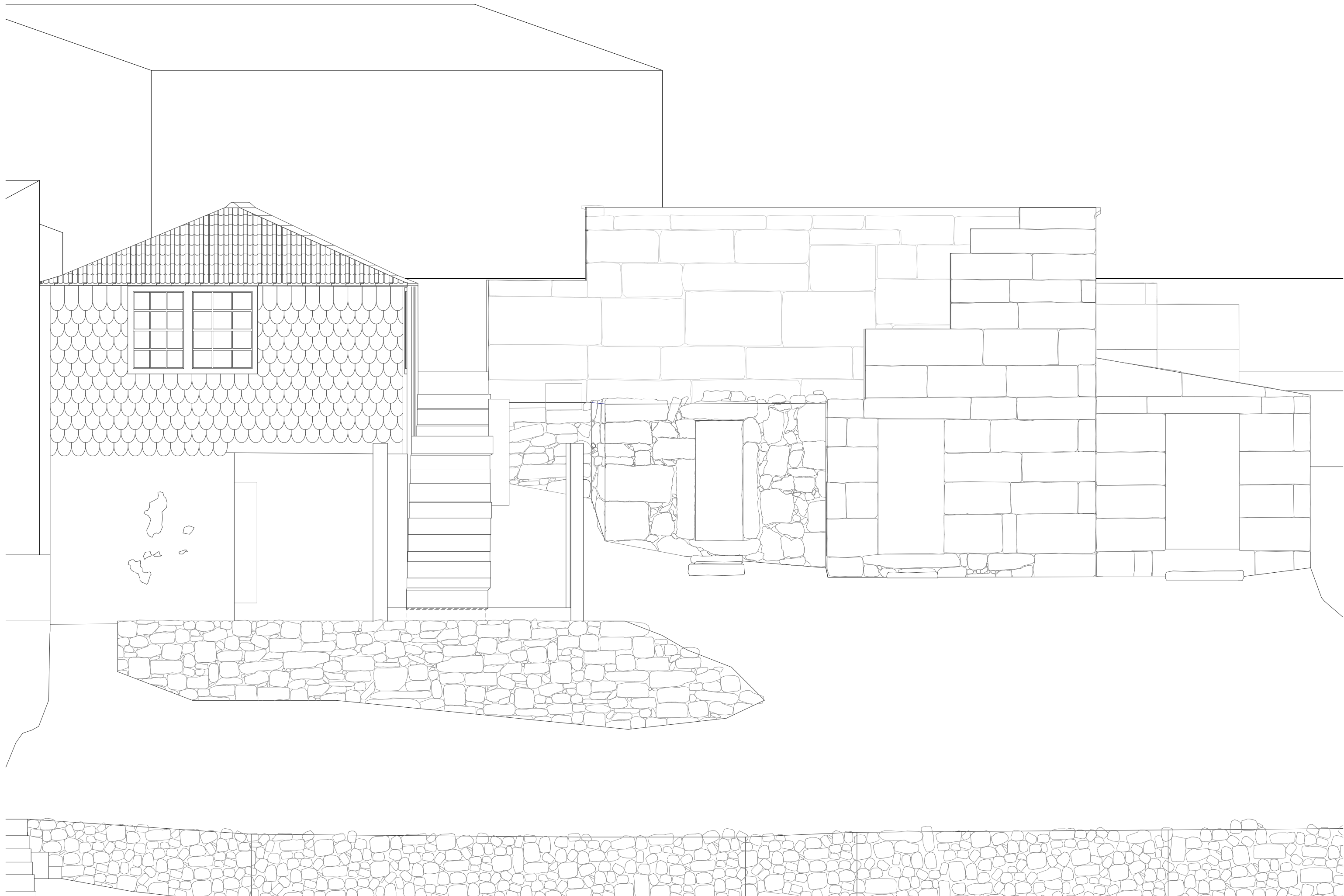
- 1 Betão
- 2 Isolamento térmico XPS Wallmate, esp. 8cm
- 3 Pannel de madeira, esp. 2cm
- 4 Lajeta de betão de remate da cobertura
- 5 Tela de impermeabilização
- 6 Lajetas de betão, esp. 3cm
- 7 Laje de betão, esp. 15cm
- 8 Betão de enchimento com pendente, 2%
- 9 Impermeabilização, solução betuminosa para cobertura plana
- 10 Isolamento térmico XPS Roofmate, esp. 8cm
- 11 Peça fixa de apoio da lajeta
- 12 Isolamento acústico lã de rocha, esp. 4,5cm
- 13 Tecto falso com placa de gesso cartonado
- 14 Soalho em madeira de pinho, esp. 3cm
- 15 Cola para pavimentos de madeira
- 16 Betão leve, h=5cm
- 17 Tela de polietileno
- 18 Perfil de remate para encontro de parede de pedra existente e nova de betão
- 19 Parede de pedra existente, com argamassa à cor da pedra nas juntas e com pintura asfáltica pelo interior, esp. variável
- 20 Caixa de ar 2,5cm
- 21 Pavimento em micro-betão, esp. 6cm
- 22 Massame de betão, h=10cm
- 23 Manta geotêxtil
- 24 Isolamento térmico XPS Floormate, esp. 8cm
- 25 Betonilha de regularização, h=5cm
- 26 Camada de brita, h=20cm
- 27 Terra compactada
- 28 Betão de limpeza, h=10cm
- 29 Canal em PVC de recolha de água
- 30 Placa de gesso cartonado hidrófugo para zonas húmidas
- 31 Tecto falso com placa de gesso cartonado hidrófugo
- 32 Caixilho fixo de madeira
- 33 Pedra ____, esp. =
- 34 Cola para fixação de pavimento interiores em pedra
- 35 Peitoril e padieira em madeira com acabamento para exterior
- 36 Soleira e padieira em madeira com acabamento para exterior
- 37 Perfil de protecção das mantas de impermeabilização
- 38 Manta drenante
- 39 Dreno



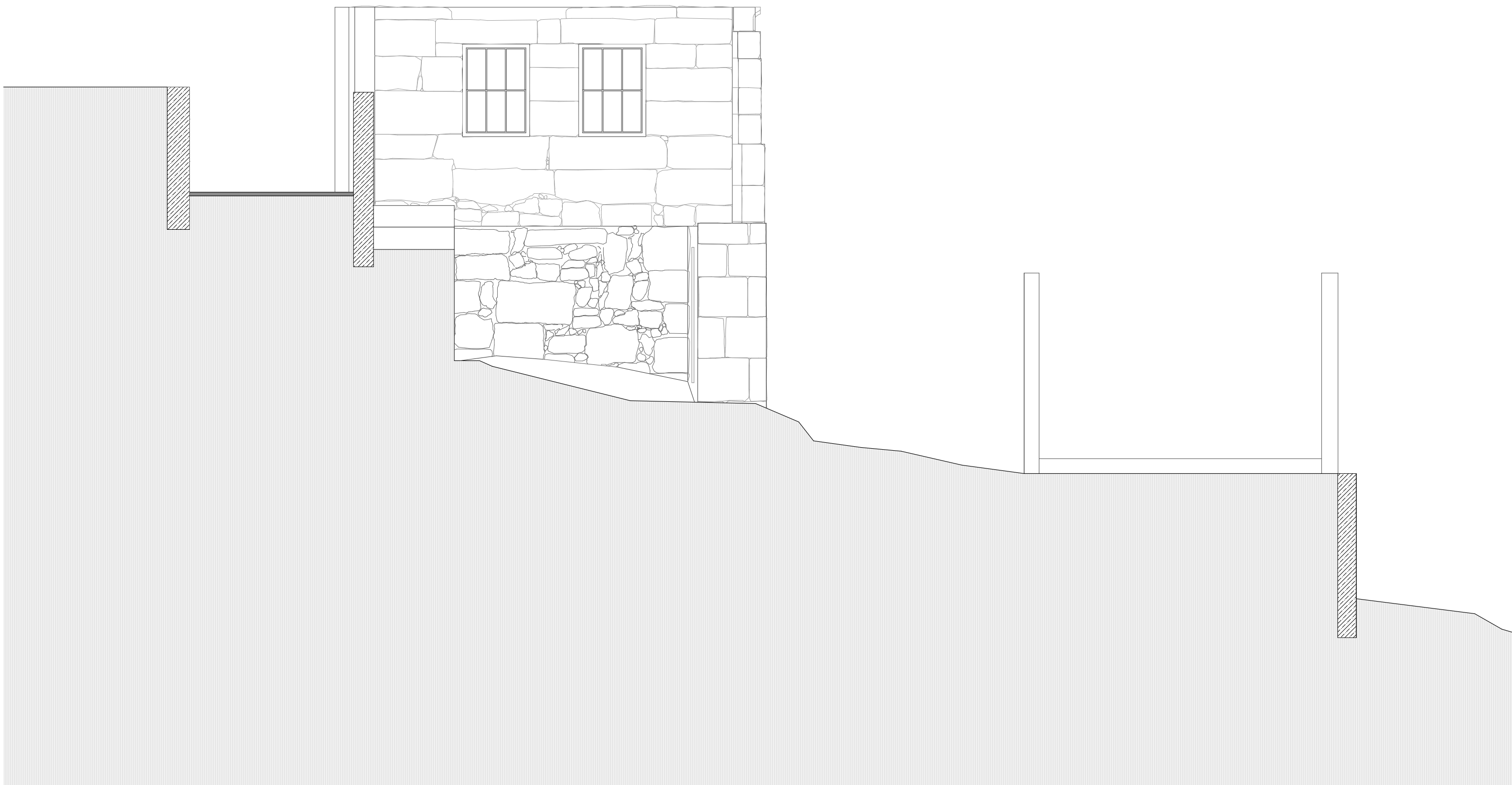


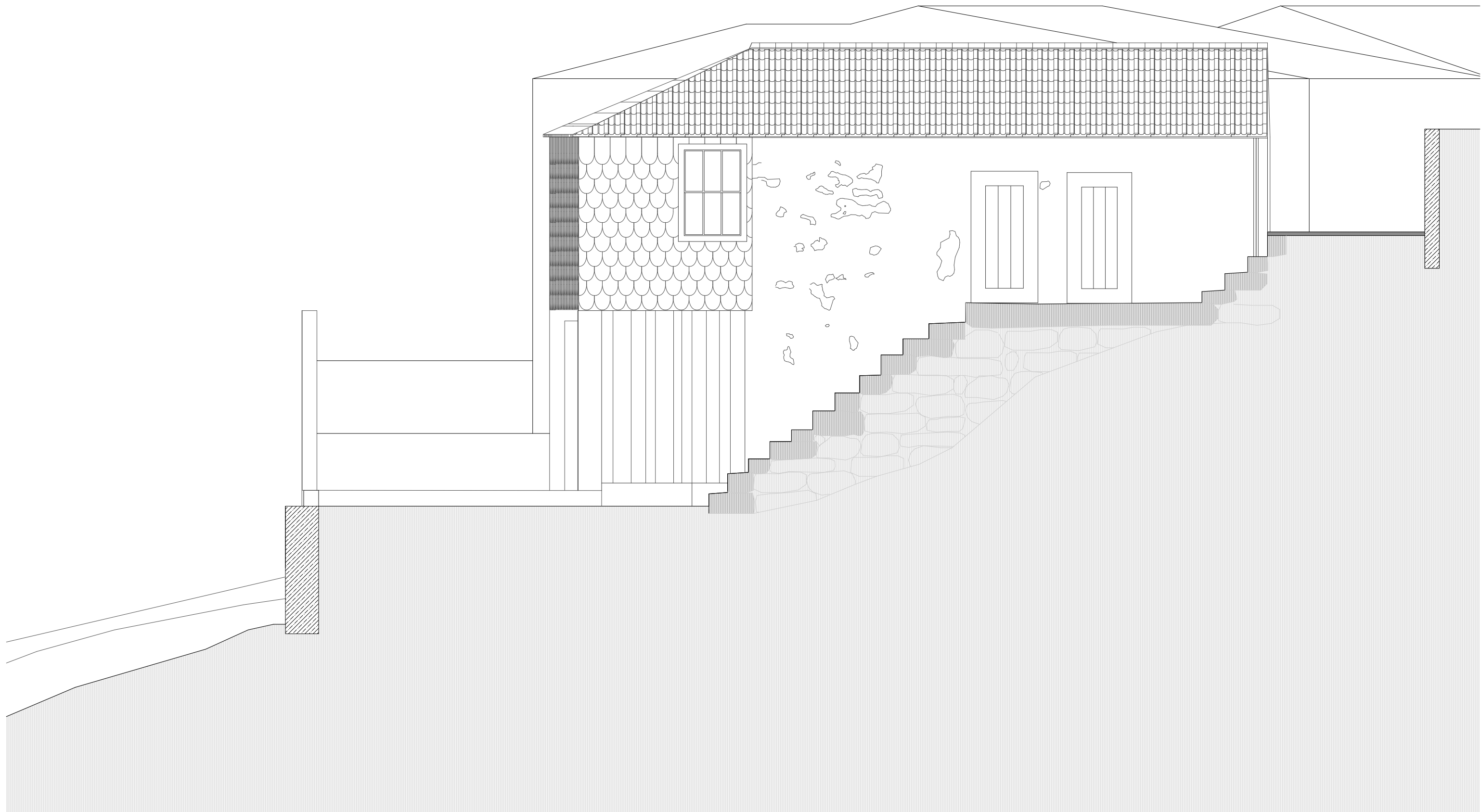


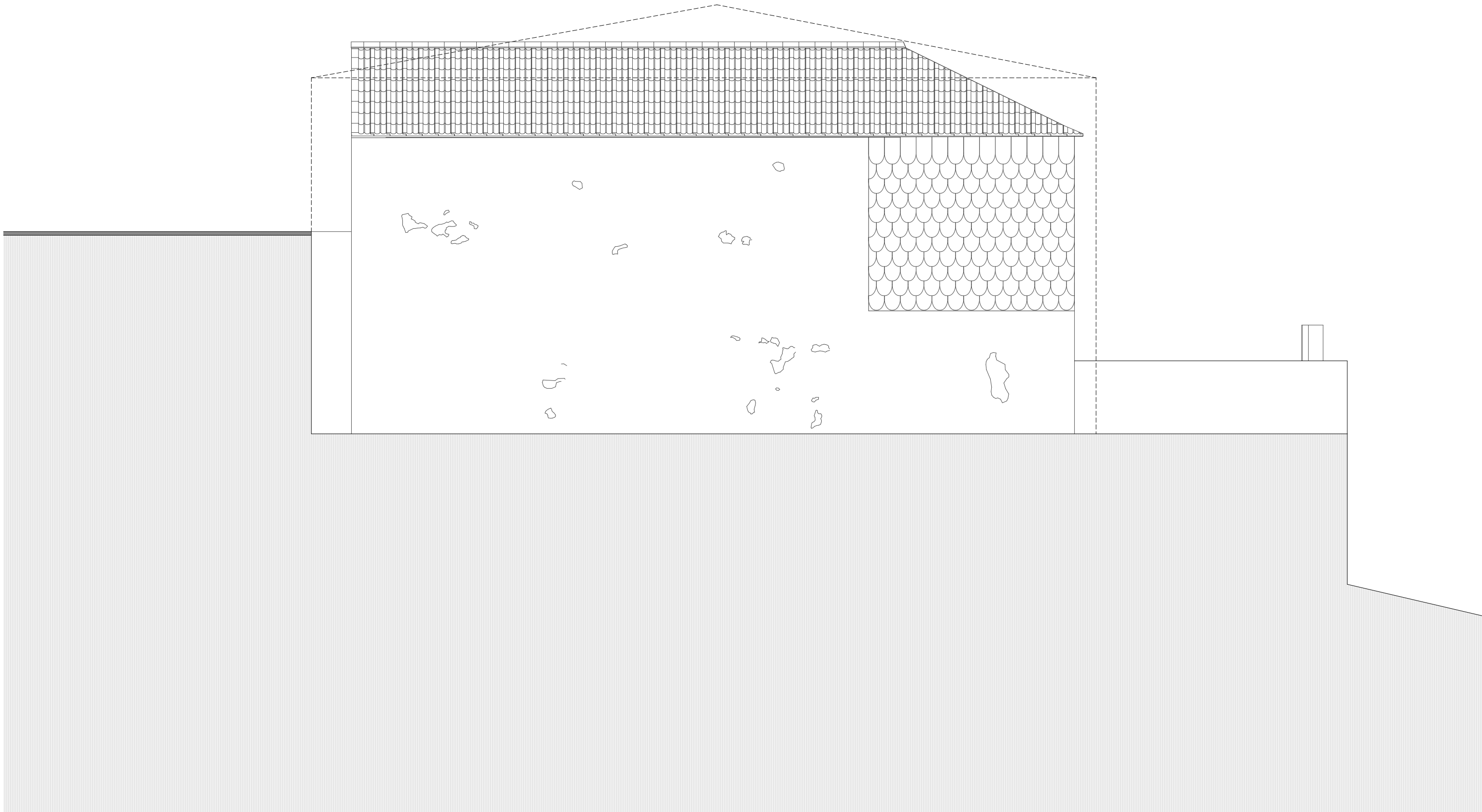


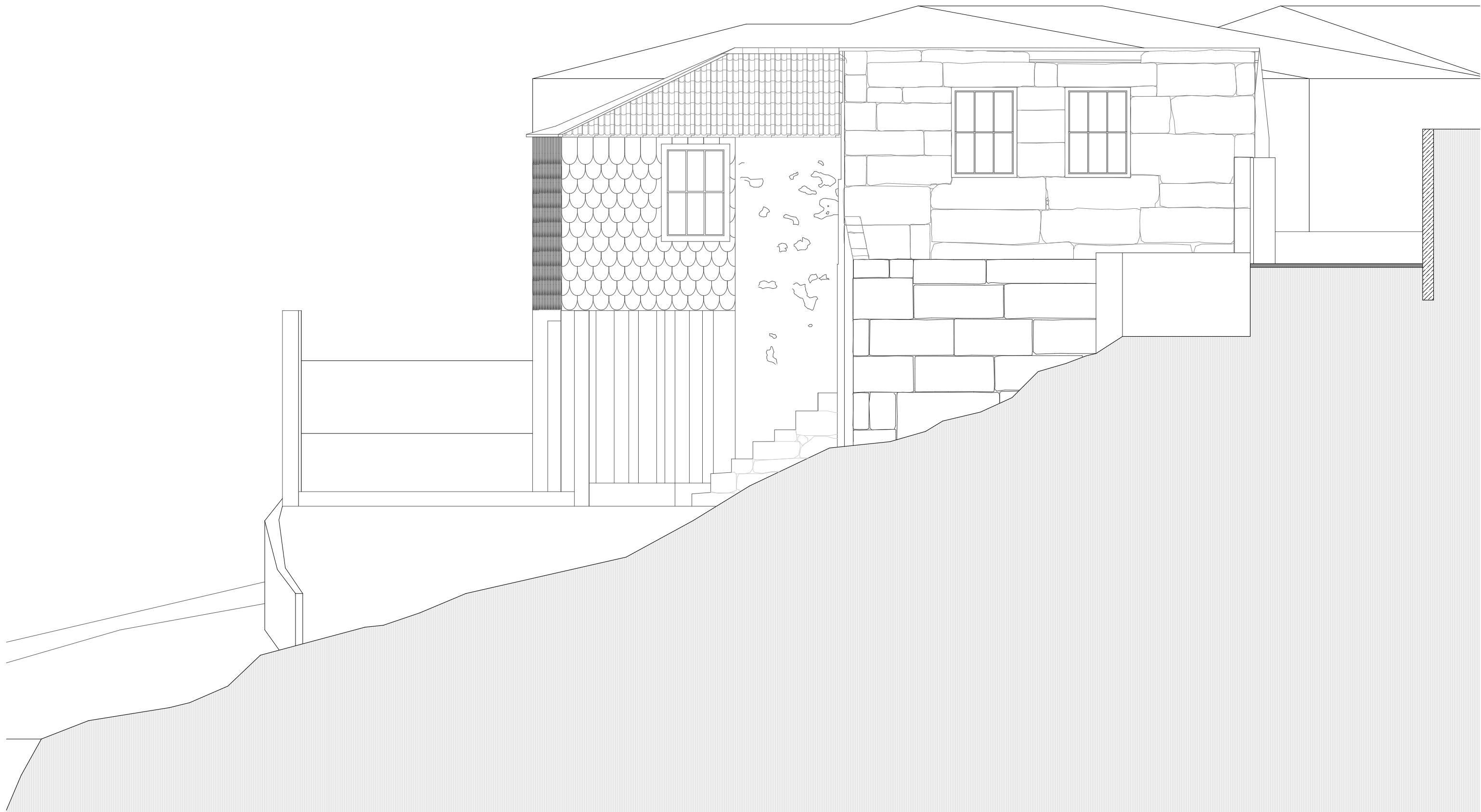




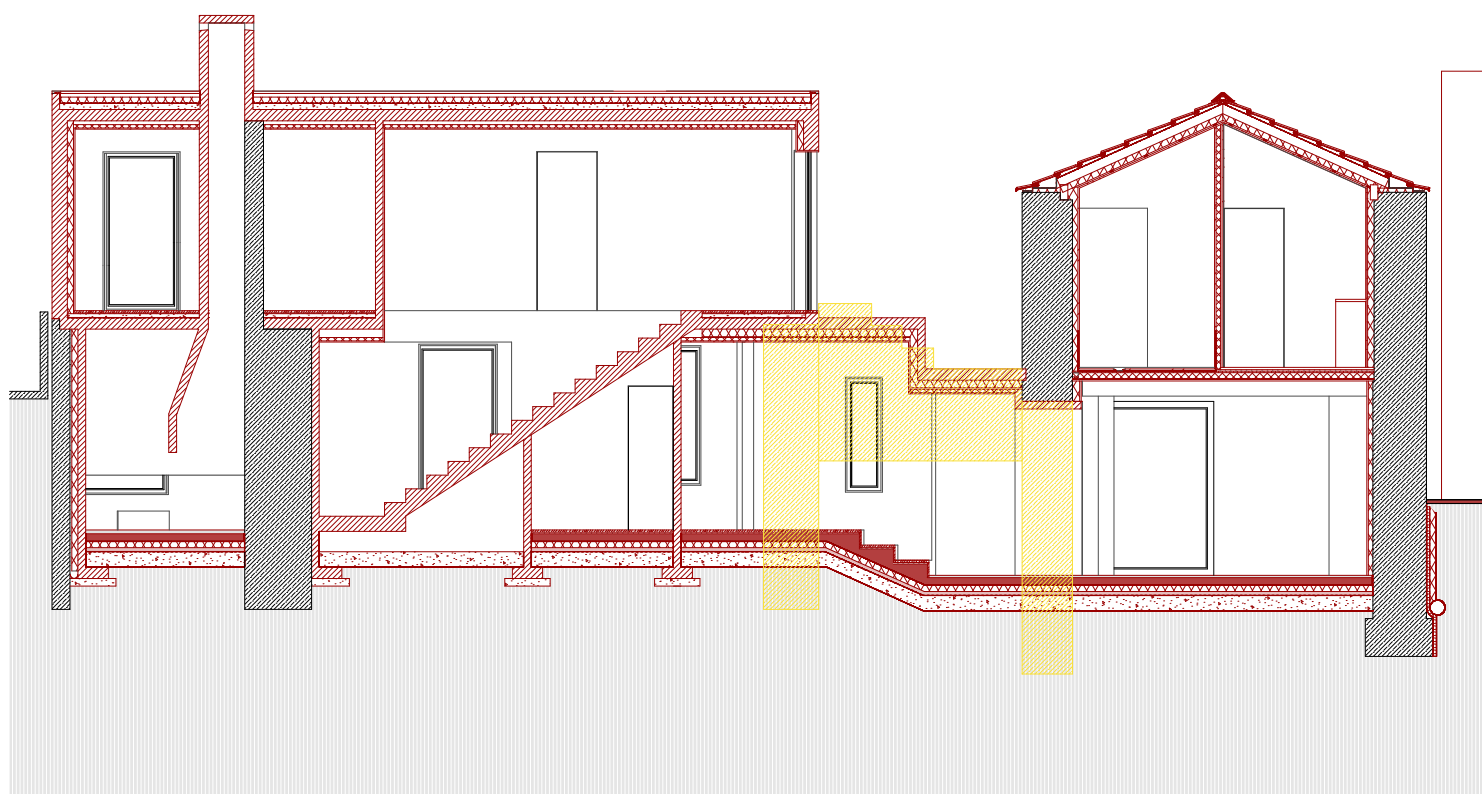


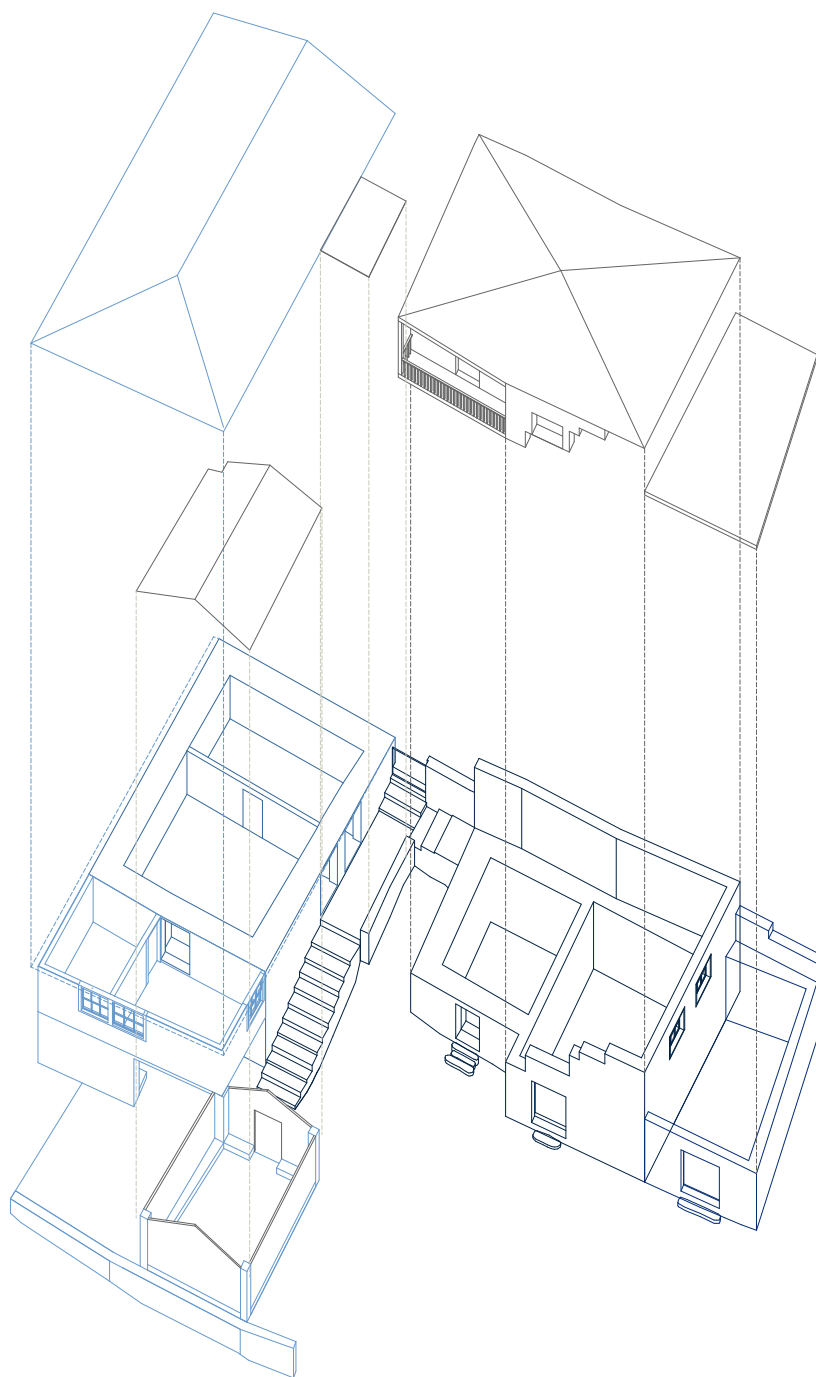














“Tudo o que vemos nos dá referências. Tudo nos ajuda a perceber como é que as casas influenciam as pessoas e as pessoas influenciam as casas. Perceber as relações das coisas com as pessoas e das pessoas com as coisas, é essencial para se fazer casas, palácios, igrejas, cidades... Devemos fazer as coisas com paixão, acumular referências, pois amanhã podemos ter necessidade de as usar num projecto. A variedade dá a noção de vida, e isso também pode ser adquirido pelo desenho.

A visão é fundamental, é preciso ter gosto pelas coisas, perceber porque é que as coisas são como são.”⁶⁹

“Todo o investigador investiga porque está perdido e será sensato não ter a ilusão de que deixará de o estar. Deve, sim, no final da sua investigação, estar mais forte. Continua perdido, mas está perdido com mais armas, com mais argumentos. Como alguém que continua náufrago, mas que tem agora, contra as intempéries e os perigos, um refúgio mais eficaz.”⁸³

Este é o desenvolvimento de um exercício de projecto de arquitectura que procura trabalhar sobre um conjunto pré-existente com a intenção de “reavivar” o seu espaço. Acreditamos que, depois do estudo e investigação que acompanhou o desenvolvimento do projecto, estamos mais próximos da realidade em que propomos intervir.

O estudo permitiu uma reflexão e sensibilização sobre o excessivo abandono de património nos meios rurais do país, bem como o entendimento da potencialidade espacial e a capacidade com que estes elementos se adaptam à contemporaneidade. Levou também a uma pesquisa sobre as estratégias de intervir numa ruína que se revelou pertinente no desenvolvimento do projecto e que acompanhou o processo de desenvolvimento do mesmo.

O trabalho cresce em torno do projecto e de problemáticas que já existiam e que foram surgindo durante este percurso. A pesquisa realizada para acompanhar este processo, mais do que nos ter permitido a abordagem a um tema que nunca antes tinha sido explorado com esta profundidade ao longo do curso, resulta numa soma de conhecimentos fértil.

O projecto proposto apresenta uma estratégia de decisões/selecções que reflectem a procura de um equilíbrio espacial – uma solução que permite tornar a casa num modelo “vivo” e autónomo. A pré-existência contém memórias de uma habitação e possui um significado na história do lugar que foram compreendidas e respeitadas aquando o desenvolvimento da proposta de intervenção.

“Da acção do arquitecto espera-se, pois, o desenho de um marco habitável – não existe arquitectura sem projecto, não existe projecto sem memória, não existe memória sem ideias, não existe arquitectura sem habitante.”⁸⁴

82 TÁVORA, Fernando. Em notas de uma Entrevista, 2002. Apud. MENDES, Manuel - Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: minha casa. Porto, 2015, p. 3.

83 TAVARES, Gonçalo M, in Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens, Lisboa, Caminho, 2013, p.38

84 MENDES, Manuel, “Terra Quanto a vejas, casa quanto baste” in FERNANDEZ, Sergio, COSTA, Alexandre Alves Só nós e Santa Tecla, Porto: Dafne Editora, 2008. p.119

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Alfredo da Mara, et all - Arquitectura popular em Portugal, 3ªed. 3 vol. Lisboa: Ordem dos arquitectos, 1998.
- BARATA, José Pedro Martins - Arquitectura popular portuguesa. [S.l.]: Correios e Telecomunicações de Portugal, 1989.
- BLÄSER, Werner, E.S.Moura - Stein element=element stone. Basel: Birkhäuser, 2003.
- CANNATÀ, Michel, FERNANDES, Fátima (ed.) - Construir no tempo. Building upon time: Souto de Moura, Rafael Moneo e Giorgio Grassi. 1º edição. Lisboa: Estar, 1999.
- CAPITEL, Antón - Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración. 2º ed. Madrid: Alianza, 2009.
- CARDOSO, Isabel Lopes - Paisagem e património : aproximações pluridisciplinares. Porto : Dafne, 2013
- CASELLA, Gabriela - Gramáticas de Pedra/ Levantamento de Tipologias de Construção Murária. Porto: Centro Regional de Artes Tradicionais, 2003.
- CHOAY, Françoise - Alegoria do Património. 2º ed. Lisboa: Edições 70, 2010
- CHORÃO, João B. (dir.) –Enciclopédia Verbo Edição Século XXI. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.
- COSTA, Alexandre Alves - Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa. 2º ed. Porto: FAUP Publicações, 2007.
- COUTINHO, Mário C. - A Arquitectura popular portuguesa. Lisboa: Estampa, 1979.
- DEPLAZES, Andrea (ed.) - Constructing Architecture: materials processes structures: a handbook. Basel: Birkhäuser, 2008
- DOMINGUES, Álvaro - A vida no Campo. 1º ed. Porto: Dafne Editora, 2011
- NUFRIO, Anna (ed.) - Eduardo Souto de Moura, Conversas com estudantes. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2008.
- FERNANDEZ, Sergio, COSTA, Alexandre Alves Só nós e Santa Tecla, Porto: Dafne Editora, 2008.
- FORTY, Adrian - Words and buildings : a vocabulary of modern architecture. New York: Thames & Hudson, 2000
- GARCIA, Francisco - Construir en lo construído. 3º ed. Madrid: Nerea, 2001
- GRASSI, Giorgio - Arquitectura, lengua muerta y otros escritos. Barcelona: Serbal, 2003

GRONDONA, Javier; BABIANO, José Carlos - Rehabilitación y vivienda en Sevilla: renovación y transformaciones en la arquitectura doméstica:1975-1988. Sevilha: C.O.A.A., 1989.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro - Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003

JENCKS, Charles, KROPF, Karl (coord.)– Theories and Manifestoes of Contemporary Architecture. Chichester: Academy Editions, 1997.

KUBLER, George - A forma do Tempo: observações sobre a história dos objectos. 4ªed. Lisboa: Vega, 2004

LEÓN, Juan Hernández, et. all - Santa Maria do Bouro : Eduardo Souto de Moura : construir uma pousada com as pedras de um mosteiro. 1ª ed. Lisboa: White & Blue, 2001.

LINAZASORO, José Ignacio - Evocando la ruína : sombras y texturas : centro cultural en Lavapiés, Madrid. Madrir: GMUAM, 2004.

LINO, Raul – Casas Portuguesas. Lisboa: Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, 1992.

MAGALHÃES, Ricardo (coord.) - Aboboreira, património, natureza e paisagem. Vol.I. [S.I.]: AMBT – Associação de Municípios do Baixo Tâmega, 2014.

MENDES, Manuel (coord.) - Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora : Fernando Távora : minha casa, Porto, FIAJMS, 2015.

MENDES, Manuel - Só nós e Santa Tecla, Porto: Dafne Editora, 2008, p.119

MENERES, António - Arquitecturas populares : memórias do tempo e do património construído. Arcos de Valdevez: CMAV, 2013.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando – Arquitectura Tradicional Portuguesa. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

PALLASMA, Juhani - Los Ojos de la Piel. 2ªed. Barcelona, Gustavo Gili, SL, 2014.

PALLASMAA, Juhani – “HABITAR”. 1ª Edição. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2016.

RODRIGUES, José Miguel - O Mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura: tradição clássica e movimento moderno na arquitectura: dois exemplos. Porto: Afrontamento, 2013

ROMANO, Ruggiero (dir.)- Enciclopédia Einaudi. Vol.1 Memória-História. Lisboa: I.N.C.M, 1984.

RUDOFISKY, Bernard - Architecture without architects: a short introduction to non-pedigreed architecture. 3ªed. Albuquerque: University of New Mexico, 1995.

RUSKIN, John - The Seven Lamps of Architecture. Londres : George Allen & Unwin, 1889,

SILVA, João Belmiro Pinto da, GOMES, Paulino - Baía : tradição e história. Paços de Ferreira: Anégia, 1997.

SIZA, Álvaro - 01 textos, Porto, Ed. Civilização, 2009.

SOLÀ-MORALES, Ignacio - Intervenciones. Barcelona : Gustavo Gili, 2006.

SOLÀ-MORALES, Ignasi - Diferencias: topografia de la arquitectura contemporánea. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2003.

SOLÀ-MORALES, Ignasi - Inscripciones. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2003.

TAVARES, Gonçalo M, in Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens, Lisboa, Caminho, 2013.

TAVARES, Lino ; ALARCÃO, Pedro (coord.) - Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares. Porto: FAUP publicações, 2011.

TÁVORA, Fernando - Da Organização do Espaço, FAUP Publicações 2006.

TÁVORA, Fernando - O problema da Casa Portuguesa. Lisboa: Manuel João Leal, 1947.

TEIXEIRA, Joaquim José Lopes - Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica: descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX. Porto: Faup, 2004

TEIXEIRA, Manuel C. - Arquitecturas do granito: arquitectura popular. Arcos de Valdevez: Município, 2013.

TOMÉ, Miguel - Património e restauro em Portugal (1920-1995). Porto: FAUP publicações, 2002.

TRIGUEIROS, Luiz - Eduardo Souto Moura. Lisboa: Blau, 2000.

ZUMTHOR, Peter - Atmosferas. 1ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2009

ZUMTHOR, Peter - Pensar a arquitectura. 2ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2009

ZUMTHOR, Peter - Peter Zumthor works : buildings and projects 1979-1997. Baden : Lars Muller, 1998

Arq n°112. Março/Abril 2014

Arq n°101. Março/Abril 2012

El Croquis nº 151. 2009

2G Souto de Moura, no 5. Barcelona: Gustavo Gili, 1998

Peter Zumthor, A+U. Fevereiro 1998.

A.MAG 07: Buchner Bründler Architekt / Fuhrmann Haechler Architects

DEVY-VARETA, Nicole - O Regime Florestal em Portugal através do século XX (1903-2003) in Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I série, vol. XIX. Porto, 2003. pp.447-455

Diário do Governo, Quarta-feira, 15 de Junho de 1938. I Série – Número 136.

Plano Director Municipal de Baião in Diário da República, 2.^a série — N.º 188 — 28 de setembro de 2017. p.21704

Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios 2015-2019. p.41

Relatório Final da Proposta Técnica de PNDFCI. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2005. p.5

ROSAS, Fernando - Rafael Duque a política agrária do Estado Novo (1934-44). Análise Social. Vol. XXVI (112-113), 1991.

ANDERSEN, Thom - Reconversão. Portugal: Curtas Metragens CRL, 2012. Curta Metragem

DOGAN, Luke – A short film presenting the Casa d' Estate in Linescio Switzerland by Buchner Bründler Architekten, Basel

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico através de: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=34363

Património Cultural – Portal do Arqueólogo através de: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=home>

Plantas Territoriais e Plano Municipal através de: <https://sig.cm-baiao.pt/>

Referências de imagens

- 01 Álbum de família;
- 02 Álbum de família;
- 03 Montagem do autor com a base de fotografia aérea do Google. Acedido em <https://www.google.pt/maps/@41.1522133,-8.395145,50322m/data=!3m1!1e3>
- 04 Arquivo pessoal;
- 05 Arquivo pessoal;
- 06 Arquivo pessoal;
- 07 Arquivo pessoal;
- 08 Arquivo pessoal;
- 09 Arquivo pessoal;
- 10 Álbum de família;
- 11 Arquivo pessoal;
- 12 Arquivo pessoal;
- 13 Arquivo pessoal;
- 14 Arquivo pessoal;
- 15 Arquivo pessoal;
- 16 Arquivo pessoal;
- 17 Arquivo pessoal;
- 18 Arquivo pessoal;
- 19 Arquivo pessoal;
- 20 Arquivo pessoal;
- 21 Álbum de família;
- 22 Álbum de família;
- 23 Álbum de família;
- 24 Álbum de família;
- 25 Álbum de família;
- 26 Arquivo pessoal;
- 27 Arquivo pessoal;
- 28 Arquivo pessoal;
- 28 Desenhos do processo de levantamento do autor;
- 29 Desenhos do processo de levantamento do autor;
- 30 Arquivo pessoal;

- 31 Arquivo pessoal;
- 32 Arquivo pessoal;
- 33 Arquivo pessoal;
- 34 Desenhos do processo do projecto do autor;
- 35 Álbum de família;
- 36 Álbum de família;
- 37 Fotografia de Paulo Catrica, retirada do website: <https://www.yatzer.com/ec-house-pico-island-portugal-sami-arquitectos>
- 38 Fotografia de Paulo Catrica, retirada do website: <https://www.yatzer.com/ec-house-pico-island-portugal-sami-arquitectos>
- 39 Fotografia de Paulo Catrica, retirada do website: <https://www.yatzer.com/ec-house-pico-island-portugal-sami-arquitectos>
- 40 Fotografia de Ruedi Walti, retirada do website: <http://obsessivecollectors.com/casa-destate>
- 41 Fotografia de Ruedi Walti, retirada do website: <http://obsessivecollectors.com/casa-destate>
- 42 Fotografia de Ruedi Walti, retirada do website: <http://obsessivecollectors.com/casa-destate>
- 43 Autor desconhecido, retirada do website: <https://www.trendir.com/english-castle-preserves-historic-architecture-and-incorporates-modern-design/>
- 44 Fotografia de Hélène Benit, retirada do website: <https://www.dezeen.com/2013/07/20/astley-castle-renovationby-witherford-watson-mann/>
- 45 Fotografia de Hélène Benit, retirada do website: <https://www.dezeen.com/2013/07/20/astley-castle-renovationby-witherford-watson-mann/>
- 46 Fotografia de Rasmus Hjortshøj, retirada do website: <https://www.archute.com/2017/08/28/kolumba-museum-peter-zumthor-message-majestically-moving/>
- 47 Fotografia de Rasmus Hjortshøj, retirada do website: <https://www.archute.com/2017/08/28/kolumba-museum-peter-zumthor-message-majestically-moving/>
- 48 Fotografia de Rasmus Hjortshøj, retirada do website: <https://www.archute.com/2017/08/28/kolumba-museum-peter-zumthor-message-majestically-moving/>
- 49 Desenhos do processo do projecto do autor;
- 50 Desenhos do processo do projecto do autor;
- 51 Desenhos do processo do projecto do autor;
- 52 Desenhos do processo do projecto do autor.